

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia da Educação

**HISTÓRIAS DA PERIFERIA: A MACONHA NO MUNDO DE
JOVENS ESTUDANTES DE UMA ESCOLA PÚBLICA DE SÃO
PAULO - UMA ANÁLISE FENOMENOLÓGICA.**

FERNANDA DE CAMARGO VIANNA

Dissertação de Mestrado apresentada à Banca Examinadora do Programa de Estudos Pós-Graduados da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Psicologia da Educação sob a orientação da Profa. Dra. Heloisa Szymanski.

São Paulo

2006

Dedico este trabalho à memória do Alê, com quem tive o privilégio de compartilhar apenas o primeiro esboço deste projeto. Curioso e interessado pelas coisas da vida, encantou-me, deixando a lembrança eterna de um jovem.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer, primeiramente, aos meus pais, pela generosidade e apoio em mais esta etapa e pela presença sempre querida em minha vida.

Ao Edu, meu companheiro, pelo amor e carinho, que experimento diariamente ao seu lado.

À Profa. Heloísa Szymanski, por acolher meus interesses e abrir espaço para a realização deste trabalho.

Às professoras Vera Cury e Dulce Critelli, pelas contribuições no exame de qualificação e presença na banca de defesa. Em especial, à Profa. Dulce por participar da minha formação.

Aos colegas de mestrado, Regina, Rafael, Raquel e Cilene, por compartilharem comigo os desafios impostos durante a realização do trabalho acadêmico.

Às parceiras de ofício: Mari, pelos anos de convívio, leitura cuidadosa e sugestões, que foram fundamentais para enriquecer esta dissertação; Patchu, pelas horas do cafezinho e pelo bom humor que sempre ajudou a suavizar minhas ansiedades.

À amiga Bia Cytrynowicz, pelas leituras e apontamentos essenciais para esclarecer minha escrita e lapidar meu texto; pelo incentivo, respeito e participação nos caminhos que venho trilhando.

À Keila Pavani, por acompanhar o acontecimento da minha trajetória profissional e pessoal, acolhendo minhas angústias, lágrimas e risos.

Ao meu supervisor Guto Pompéia e à Angélica Gawendo, pela escuta cuidadosa e leituras que tanto ajudaram na elaboração de minhas reflexões e organização do texto.

A todos os meus amigos “psis” e “não psis”, por pertencerem às inúmeras histórias que compõem minha existência.

Finalmente, gostaria de agradecer ao Diretor da escola e à Coordenadora Pedagógica, que permitiram a realização desta pesquisa, e a todos os jovens que, através de seus depoimentos, contribuíram para a construção do trabalho.

RESUMO

A história sobre o consumo de maconha nos mostra que os significados atribuídos a este foram sendo alterados no decorrer dos anos. Prevalece, atualmente, uma tendência para se estigmatizar esse uso e atribuir a ele a idéia de um “problema”. Em função dessa tendência, o uso de maconha configura uma realidade encoberta por ideologias e contradições, permanecendo, muitas vezes, velado o próprio fenômeno do uso dessa substância.

De acordo com o referencial da análise existencial, para compreendermos o sentido de um fenômeno, devemos levar em conta o contexto dentro do qual este acontece. Assim, o presente estudo teve como objetivo compreender o sentido da maconha a partir do mundo de jovens estudantes de uma escola pública na periferia da cidade de São Paulo.

Adotamos, para a realização desta pesquisa, um método qualitativo de base fenomenológico existencial. O recurso básico utilizado foi o relato dos participantes sobre o fenômeno estudado, tal como experienciado por eles próprios. Os relatos dos jovens foram colhidos durante oito encontros coletivos realizados com alunos da oitava série na escola. Não houve um roteiro fechado de entrevista nem tampouco a definição prévia de todos os passos do processo. Cada encontro foi estruturado sempre a partir do que surgiu do encontro anterior, conforme a proposta da prática reflexiva. A análise dos dados foi feita a partir de uma hermenêutica, que busca o sentido das experiências descritas pelos jovens, em um movimento de ir trazendo à luz aquilo que permanece encoberto: o sentido projetado por eles para o uso de maconha.

Como síntese do conjunto de informações obtidas vimos que, no mundo dos jovens da periferia, as fronteiras entre maconha e drogas, usuário e traficante, tráfico e outros crimes praticamente não existem. Logo, o uso de maconha representa para esses jovens um risco muito grande. A proximidade das drogas, no mundo em que vivem, impõe a redobrada tarefa de cuidarem da própria vida. Para eles, diante das precariedades da vida na periferia, o uso de maconha fica associado à necessidade de anestesia do desespero. Apesar de apresentar-se como possibilidade de sedação e fuga do desamparo a que estão expostos, esse uso pode prejudicar seus projetos. Mesmo quando percebem que o uso de maconha possui algum fascínio, eles têm a percepção clara de que, diante dos desafios impostos pela condição de vida em que se encontram, tal experiência viria dificultar o caminho de realização de seus sonhos.

Esta investigação é um esforço no sentido de compreender o uso da maconha, incluindo, no processo de construção do saber, aqueles que mais diretamente estão envolvidos com a questão.

ABSTRACT

As history shows us, the meaning attributed to the use of marijuana has changed throughout recent years. Nowadays, a tendency to stigmatize that habit and to attribute to it an idea of a “problem” prevails. Consequently, the use of marijuana sets a reality shadowed by ideologies and contradictions, quite often veiling the phenomenon of the use of the substance itself.

According to the existential analysis, in order to understand the meaning of a phenomenon, we should take in consideration the context in which it happens. Therefore, the present study aims at understanding the meaning of the use of marijuana among public school students in a poor neighborhood of Sao Paulo City.

For this research a qualitative method was adopted based on the existential phenomenology. The basic resources used were the participants’ statement on the way they had experienced the studied phenomenon. Eighth grade students’ statements were collected during eight group meetings. Neither was there an interview script nor previous definition of all the steps of the process. Each meeting was built upon what had come up in the previous one, according to the proposal of the reflexive practice. The data analysis was done through hermeneutics that seek the meaning of the teenagers’ description of the experience in a process that brings to light that that remains in the shade: the meaning they, themselves, had projected on the use of marijuana.

Resulting from the information gathered, the following conclusion may be drawn:

In the world of these poor neighborhood teenagers, the border between marijuana and drugs, drug users and drugs dealers, drug dealing and other crimes practically does not exist. Therefore, the use of marijuana represents a high risk for these teenagers. The close contact with drugs in their world requires the huge task of caring for their own lives. Due to the low quality of life in these neighborhoods, the use of marijuana is associated with a need to anesthetize despair. Although it appears as a means of sedation and escape from the double abandonment they are exposed to, the habit may ruin their life projects. Although fascinated by the use of marijuana, they clearly perceive that - facing the challenges imposed by the conditions they live in - such experience will hinder their dreams to come true. This research is an effort to understand the use of marijuana and, within the process of building knowledge, those that are more directly involved in the issue.

SUMÁRIO

Capítulo I — CAMINHOS TRILHADOS

Considerações Iniciais.....	01
Considerações sobre a Maconha e seu Uso.....	10

Capítulo II — CAMINHOS EM DIREÇÃO “À COISA MESMA”

Considerações sobre o Método Fenomenológico.....	20
Constituição da Situação de Pesquisa.....	25
Apresentação dos Dados.....	34
Início da caminhada: o encontro com o primeiro grupo.....	34
Redirecionando o caminho — 1º ato.....	42
A construção das histórias coletivas.....	44
Reflexão ou inflexão? Sinais de enrijecimento.....	52
Alguns esclarecimentos.....	57
Redirecionando o caminho — 2º ato.....	59
Uma história autorizada.....	73
O fim ou um novo começo?.....	80

Capítulo III — CAMINHOS DE REFLEXÃO

O Desvelamento da Maconha no Mundo dos Jovens.....	90
A maconha: perigos da droga.....	95
Horizonte de ameaça.....	97

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	112
---------------------------------	-----

ANEXO.....	119
------------	-----

Capítulo I — CAMINHOS TRILHADOS

Considerações Iniciais

As experiências cotidianas são nossa maior e mais rica fonte de questões. E as reflexões, que a partir delas surgem, são o caminho para a produção de novos conhecimentos. O trabalho apresentado aqui não possui origem diversa, já que o tema escolhido nasceu primeiramente de inquietações vividas com jovens que carregavam em suas existências marcas deixadas pela dependência química.

Meu primeiro encontro com essa população jovem se deu em 1997 durante um estágio em uma Comunidade Terapêutica para tratamento de dependentes químicos, situada em Veneza, na Itália. No convívio com os usuários do serviço fui me aproximando da realidade de jovens que se recuperavam de um longo período de entrega ao consumo de drogas, principalmente de heroína. Em suas falas, chamava-me a atenção o intenso sofrimento vivido, tanto durante o período de abuso quanto após a decisão pelo tratamento. As dificuldades em sustentar essa decisão se davam não só pela necessidade de usar a droga, como também pelo que pode ser compreendido como a ausência de um projeto de vida. Durante a árdua batalha pela recuperação, os jovens falavam de suas experiências com as drogas, como um processo inicialmente marcado por um prazer indescritível, que caminhou para um desfecho marcado pelo estilhaçamento de suas vidas, com a perda de relações significativas, de sonhos e com a manutenção, apenas, de relações e situações que envolviam o consumo das drogas.

Além da semelhança das histórias, outro aspecto também chamava a atenção. Eram todos muito jovens e haviam começado o uso das drogas na adolescência. Não pude deixar de observar que a maioria dos rapazes e moças, entre seus 16 e 30 anos, encontravam-se emagrecidos e com problemas dentários (alguns já haviam perdido a maioria de seus dentes e outros os tinham bastante cariados). Conversando com uma das pacientes, indaguei sobre o que observara e ela descreveu a sua dependência como um estado de esquecimento de si, de suas necessidades mais básicas, da fome, da sede, das dores de dente e das

“dores da alma”. Esse depoimento, assim como os quarenta dias que lá permaneci junto com esses jovens, foi profundamente marcante para mim, tendo revelado um universo intrigante, complexo e difícil de compreender e constituindo-se no início de um percurso de trabalho que continuo trilhando ainda hoje.

É certo que minha experiência “italiana” colocou-me diante de uma realidade diferente da brasileira, considerando o tipo de droga mais abusada, o padrão sócio-cultural dos usuários dos serviços de saúde e as políticas de saúde públicas. Assim, no ano seguinte, quando voltei ao Brasil, procurei mais informações sobre a questão das drogas e das instituições de tratamento no cenário brasileiro.

Em 1998, comecei a desenvolver atividades como psicóloga no PROAD – Programa de Orientação e Assistência a Dependentes – serviço ligado ao Departamento de Psiquiatria e Psicologia Médica da Universidade Federal de São Paulo. Durante alguns anos atuando nesse ambulatório, dediquei-me ao cuidado de pessoas que chegavam à instituição necessitando de tratamento especializado em função do consumo abusivo e dependência de substâncias psicoativas.

Assim como no encontro com cada paciente que conheci na comunidade italiana, minha experiência clínica vem me possibilitando, ao longo desses anos, ouvir e testemunhar as histórias daqueles que se aventuraram no mundo das drogas.

Paralelamente à atividade clínica, comecei a realizar também atividades de ensino para profissionais da área da saúde que desejavam ampliar seus conhecimentos sobre o tema das dependências. A partir disso, descobri, a um só tempo, meu interesse pela atividade docente e a necessidade de aprofundar meus estudos sobre a complexa relação do homem com as drogas.

Em 2002, participei de um projeto da Secretaria Municipal de Educação ministrando um curso sobre drogas para capacitação de professores da rede municipal de ensino. Durante minha prática como docente desse curso, percebi a dificuldade para trabalhar com o grupo a temática das drogas. Era freqüente, durante o curso, ouvir dos professores que os alunos que usavam drogas “eram casos perdidos”; estes não podiam acreditar que alguém que fumasse maconha

pudesse estar interessado em aprender alguma coisa na escola. A questão da maconha se revelava como um problema muito sério no ambiente escolar e os professores afirmavam se sentir completamente despreparados para lidar com os jovens que fumavam...

Não só os professores, mas também as famílias, encontram-se, muitas vezes, desorientados perante os jovens que apresentam algum tipo de envolvimento com a maconha. Recentemente, assisti a um filme nacional chamado *Bicho de Sete Cabeças*.¹ O filme conta a história de Neto, um jovem que, entre outras coisas, gostava de pichar muros, andar de *skate*, fumar maconha e namorar. Neto morava com os pais, mas a convivência em família parecia difícil. Os conflitos do jovem eram retratados, de modo muito significativo, nas situações de oposição à família, transgressão, retraimento. O diálogo quase não existia e o mundo de Neto era absolutamente inacessível para seus pais.

Já bastante incomodado com as atitudes do filho, um dia, o pai encontra um cigarro de maconha e, sem nenhum diálogo, decide interná-lo em um hospital psiquiátrico para tratamento.

A história se desenrola mostrando o processo de patologização desse jovem e a desarticulação das relações em família. Aqui, a intenção não é fazer uma análise detalhada do filme, mas sim retirar elementos para ilustrar como atitudes autoritárias e o despreparo para lidar com o mundo do jovem e as situações que envolvem o consumo de drogas podem acabar gerando uma situação de exclusão tão intensa. Os desdobramentos apresentados no filme alertam para a importância de, antes de mais nada, se compreender o modo como a maconha aparece no mundo dos jovens e quais os significados e o sentido da mesma em suas vidas.

Dentro desse mesmo cenário, recordo-me do primeiro jovem que atendi em psicoterapia no PROAD. Era um rapaz de 17 anos e vou chamá-lo Rui. Quando seus pais descobriram seu envolvimento com drogas, eles ficaram sem saber o que fazer. A primeira reação, de acordo com o relato da mãe, foi agredi-lo. Em casa, as brigas e ameaças tornaram-se freqüentes e o ambiente familiar tornou-se

¹(Direção de Laís Bodansky, Br. 2000)

insuportável. Rui, que já estava fazendo um uso abusivo de cocaína e maconha, parou de estudar e de trabalhar e, como ele mesmo se referiu depois, “estava indo para o buraco”. Foi nesse momento que ele procurou por tratamento.

Nas primeiras entrevistas realizadas com a mãe desse jovem, ela relatava uma dinâmica familiar cheia de conflitos que, no entanto, acabava sendo encoberta pela problemática das drogas do filho. O que ficava claro era o lugar de Rui na família: o de bandido!

Não é raro encontrarmos jovens usuários de drogas sendo estigmatizados por seus familiares; eles são acusados e condenados por sua má conduta, sem que haja disponibilidade para o diálogo. Nessas situações é freqüente instalar-se uma relação bastante violenta, em que não há mais possibilidade para a confiança.

Quando conheci Rui, vi-me diante de um jovem assustado e arisco. Por trás de uma postura agressiva, percebi um rapaz ferido que, acima de tudo, precisava de acolhimento. Lentamente foi aparecendo a compreensão que Rui tinha de si e do lugar que a droga ocupava em sua vida; isso favoreceu a recuperação de algo que, pela própria proximidade das drogas, ficara opaco: o sentido de sua vida.

Com Rui, aprendi que, para compreendermos as pessoas que se envolveram com drogas, devemos sempre nos manter abertos para ouvir as diferentes experiências, indagando muito mais do que respondendo e acolhendo o que nos surpreende, seja pela estranheza ou pela aparente “falta” de sentido, o que muitas vezes é experimentado pelos próprios pacientes.

Minhas experiências em centros de tratamento e no próprio consultório me colocam diante de um cenário onde a relação dos jovens com as drogas já está instalada de tal maneira a causar-lhes enorme sofrimento. Esse cenário é marcado pelas restrições causadas pela dependência das drogas, ou seja, pela falta de liberdade. Entretanto, sabemos que, na maior parte das vezes, o tratamento para dependência química não é necessário a todos os que fizeram, fazem ou farão uso de drogas um dia.

A relação dos jovens com as drogas não se caracteriza apenas por experiências conhecidas como patológicas, nas quais a dependência química

encontra-se instalada. Sabemos que, as drogas fazem parte da vida dos jovens, estão disponíveis e se apresentam a eles para serem usadas nas mais variadas situações e de diferentes maneiras. Assim, mesmo que minhas inquietações tenham surgido a partir do âmbito clínico, meu interesse neste estudo transcende o campo das experiências chamadas patológicas, para tentar alcançar a compreensão de um fenômeno atual e “cotidiano”.

Como questão alarmante da sociedade contemporânea, o uso de drogas² tornou-se foco da atenção de diferentes segmentos sociais. Em virtude das proporções que assume, atualmente, constitui um problema que preocupa educadores, psicólogos e especialistas, gerando inúmeros discursos e ações sobre o abuso de tais substâncias.

De acordo com Mountian (1999), esse consumo vem crescendo no mundo inteiro, tanto no que diz respeito ao contingente cada vez maior de jovens usuários, como também em relação à oferta cada vez maior de substâncias. Diante desse problema, muitas tentativas vem sendo empreendidas no combate às drogas.

Mas, será possível combatê-las? Ou será que a tentativa de colocar o problema nas drogas, por meio de um posicionamento de combate a elas, não contribui para a falsa ilusão de um mundo melhor sem essas substâncias? Será mesmo que o problema, de fato, está apenas nas drogas?

Para enfrentarmos essa questão, Silveira (1996) nos lembra que “...não podemos dar a uma determinada droga uma conotação de algo bom ou ruim, assim como não podemos considerar uma droga em si mesma como algo destrutivo ou criativo” (p.193). Em outras palavras, talvez o problema não esteja nas drogas em si, mas sim no uso que delas se faz. Sabemos que o uso de diferentes drogas sempre esteve presente, em variados contextos, na história das civilizações. Segundo Totugui (in Bucher, 1988), o homem tem mostrado, desde

² Na literatura sobre drogas, há uma discriminação importante entre os termos ‘uso’, ‘abuso’ e ‘dependência’ de drogas, fundamentais para fins diagnósticos. No presente estudo, o termo ‘uso de drogas’ não se enquadra nos critérios atuais de abuso e dependência; aqui, refere-se simplesmente a um consumo que pode ser esporádico, circunstancial ou freqüente.

os primórdios de sua história, curiosidade ou desejo por alguma droga que possibilite alterações no modo como experimenta o cotidiano.

De acordo com Birman (2001), os primeiros registros de consumo ritual de drogas no Ocidente se deram com o surgimento da cultura grega. Mas, em nossa tradição, a partir dos séculos XIX e XX, o uso regular de drogas foi aumentando até se configurar como um problema sociopolítico de nossos tempos.

Birman (2001) discute a problemática do uso de drogas na sociedade contemporânea e aponta mudanças importantes nos contextos de consumo. Ainda na década de 60, as drogas estavam articuladas a valores da época e encontravam uma inscrição na cultura, ou melhor, na contracultura. Dentro dessa perspectiva, eram vistas como possibilidades de acessar estados alterados de consciência para uma nova realidade, permitindo, assim, a contestação de valores e a constituição de uma nova visão de mundo pretensamente mais ampla. Entretanto, para esse autor, é necessário pensar, atualmente, a questão do uso de drogas dentro de um cenário de mal-estar e desesperança da população, sendo que o significado do uso fica atrelado não mais à busca de novos horizontes existenciais, mas sim a uma cultura que privilegia o evitamento da dor e do sofrimento. De acordo com Loureiro e Vianna (2005),

o fenômeno da dependência expressa de forma amplificada a maneira como se estabelece a busca pelo prazer numa sociedade de consumo. O imperativo de consumir caracteriza a forma cotidiana mais comum de preenchimento existencial. (p. 29).

Soma-se ao cenário atual a presença da indústria do narcotráfico, que favorece a expansão do uso de drogas em larga escala e contribui, também, para a alteração do significado desse consumo. Com o narcotráfico,

as drogas se transformaram num dos maiores empreendimentos econômicos do final do século.... Existem, assim, interesses imensos e incalculáveis inscritos nos circuitos da produção,

circulação, distribuição e consumo de drogas. (Birman, 2001, p. 235).

O crescimento dos negócios do tráfico parece contribuir para a intensificação do processo de criminalização das drogas e de seus consumidores, que passam a ser vistos como criminosos.

Segundo Toron (in Robinson, 1999), a sociedade contemporânea, ao projetar para as drogas a maior parte de seus males, perdeu a capacidade de identificar nas substâncias etiquetadas como ilícitas as possibilidades de utilização não doentias ou criminosas.

Nos dias atuais, a questão do uso de drogas entre os jovens é um tema polêmico nas famílias e no ambiente escolar. Difícil de ser abordado, ainda está permeado por enunciados preconceituosos que muitas vezes obscurecem a própria compreensão do fenômeno e a possibilidade de cuidar dele.

Sabemos que, “podem ser muitos os motivos que levam alguém a fazer uso de drogas: por curiosidade, para fugir de uma determinada situação, para pertencer a um grupo, para relaxar, para estimular, e por aí vai...” (Vianna; Sipahi, 2002, p. 87). Sabemos também que a diversidade de drogas existentes no mercado atende a essa variedade de demandas, sendo algumas drogas já conhecidamente mais usadas em determinadas situações, por exemplo, o maior consumo de *ecstasy* e anfetaminas nas chamadas festas *rave*. Ante a essa diversidade de drogas e variedade de demandas, vimos a necessidade de caminhar na direção de delineamento da questão que este trabalho se propõe investigar.

Optou-se, portanto, pela investigação da relação de jovens, que vivem na periferia de São Paulo, com a maconha.

Atualmente, a maconha parece fazer parte do mundo dos jovens em geral, e a sua experimentação e o seu uso se dão cada vez mais cedo. Segundo Barros et al. (1989), o principal motivo para experimentar maconha, relatado pelos jovens, é a curiosidade, e a maioria afirma ter experimentado pela primeira vez, espontaneamente, na companhia de amigos.

A curiosidade por uma experiência prazerosa parece facilitar a aproximação dos jovens com a maconha, mas será a busca pelo prazer o único sentido possível para o uso de maconha hoje? Ou ainda, que sentido tem esse prazer?

Como parte do percurso brevemente descrito antes, e a partir das questões reunidas em minha trajetória profissional, surgiu o interesse em desenvolver uma pesquisa com jovens, ainda em fase escolar, cujo objetivo é compreender, a partir da própria vivência desses jovens, o projeto de sentido dentro do qual a maconha aparece para eles. Neste trabalho, a intenção é estudar a relação de jovens estudantes de uma escola pública, na periferia da cidade de São Paulo, com a maconha. A periferia de São Paulo, assim como de outras grandes cidades do Brasil, é conhecida, entre outras coisas, pela situação de miséria econômica, pela falta de recursos, pela violência e pela presença marcante do tráfico de drogas. A escolha dessa população dá-se pelo interesse em conhecer mais de perto o mundo dos jovens que desde muito cedo são expostos às vicissitudes da periferia. Penso que essa aproximação nos dá elementos para a discussão dos possíveis projetos descobertos por esses jovens para o uso de maconha.

Vejo relevância neste trabalho, uma vez que o uso de maconha entre os jovens é um fenômeno tanto freqüente como a inabilidade de familiares, educadores e comunidade para lidar com ele. Pois, no que tange às iniciativas para cuidar da problemática do uso abusivo de drogas, as ações educativas e práticas assistenciais normalmente se mostram ineficazes, quando elaboradas a partir de perspectivas preconceituosas. Constantemente, elas buscam apenas combater a droga, não levando em conta a complexidade do fenômeno e as motivações que levam os jovens a procurar essas experiências. Diz MacRae e Simões (2000):

Enquanto 'droga', a maconha é tratada em termos quase sempre negativos, como 'causa' de distúrbios físicos, psicológicos e morais, como mal a ser extirpado. Assim, procura-se apenas investir na repressão ao tráfico e na elaboração de campanhas preventivas visando manter o usuário potencial ou regular, afastado do 'perigo'.
(p. 13).

Esse posicionamento de oposição às drogas, que hoje influencia muitos projetos terapêuticos, assim como projetos preventivos, tende a ser pouco efetivo ao tentar coibir o uso de maconha. Apesar da diversidade de modelos que embasam as propostas de prevenção ao uso de drogas, Carlini-Cotrim (1992) atesta que as ações preventivas, bem como os discursos desenvolvidos nas escolas brasileiras, são inadequadas e anacrônicas do ponto de vista teórico, o que acaba comprometendo a credibilidade e êxito dessas iniciativas. Logo, para pensar na elaboração de qualquer proposta para lidar com situações que envolvam o uso de maconha, Noto e Moreira (2005) salientam:

o critério mais importante para escolher a intervenção mais adequada a cada circunstância e contexto é conhecer e respeitar as características e as necessidades da comunidade onde se pretende atuar. (p. 317).

Neste trabalho, procuro mostrar a importância de nos desprendermos de uma visão coisificada da maconha para compreendermos a significatividade de seu uso de acordo com a compreensão de uma população específica. Para tal, foram interrogados os próprios jovens que vivem na periferia de São Paulo. Antes, será ilustrado, com alguns dados históricos, o processo de demonização da maconha, que acaba contribuindo para entendimentos parciais do uso da mesma.

Considerações sobre a Maconha e seu Uso

Antes de aproximar a questão do uso de maconha nos dias atuais e compreender o modo como ela se apresenta no mundo dos jovens da periferia da cidade, gostaria de ressaltar importantes aspectos e transformações que a utilização da maconha sofreu em diferentes culturas, momentos históricos e meios sociais. Isso porque, como veremos a seguir, a maconha, como qualquer outra droga, é mutante, uma vez que a compreensão que se tem dela pode ser construída a partir de diferentes contextos significativos.

A *Cannabis sativa* é a espécie da qual origina-se o cânhamo ou maconha. Registros em dicionários apontam que existe uma série de outros nomes usados como sinônimo para maconha no Brasil, por exemplo, diamba, liamba, erva, haxixe, cannabis etc. (Mott, in Henman; Pessoa, 1986). Foi escolhido o nome mais popular, maconha, para a redação do texto, embora em alguns momentos também são utilizados os diferentes sinônimos da palavra, conforme citação de cada autor.

Evidências arqueológicas indicam que o cânhamo se desenvolveu na Ásia Central, tornando-se a primeira fibra vegetal cultivada pelos chineses. Há quem diga que a planta teve sua origem próxima ao Himalaia. Para a mitologia indiana, a planta já estava presente com Shiva, no início do mundo. Na Índia, além do uso no contexto religioso, o cânhamo era empregado como medicamento para curar alguns males. A popularidade do cânhamo foi difundida no Oriente Médio, África e Europa por sua variedade de utilidades, principalmente para fins medicinais, espirituais ou recreativos (Robinson, 1999).

“Nenhuma planta teve uma relação tão complexa com a humanidade quanto o cânhamo” (Robinson, 1999, p. 64).

Segundo Carlini (1981), o uso de maconha é milenar, tendo passado por várias etapas ao longo dos séculos e, conseqüentemente, diferentes significações. Conforme a moda, preconceitos religiosos ou políticos, foi considerado útil do ponto de vista terapêutico ou condenado como vício.

De acordo com Rocco (in Robinson, 1999), a história da maconha no Brasil é curta e menos diversificada se comparada à sua história milenar nos demais

países. Segundo o autor, durante o processo de colonização portuguesa, mais especificamente com os primeiros escravos africanos em 1549, a maconha chega ao País trazida pelos negros, sendo difundida posteriormente entre os índios de tribos distintas.

No entanto, Mott (in Henman; Pessoa, 1986) apresenta controvérsias em relação à data de chegada da planta ao Brasil. De acordo com registros oficiais, o primeiro uso de maconha teria ocorrido em 1830 por um membro da corte portuguesa. Algumas evidências sugerem a possibilidade da *Cannabis* ser uma planta nativa do norte do País e, ao que consta, o seu consumo transpunha as camadas populares sendo, inclusive, utilizada por Carlota Joaquina, mãe de D. Pedro I.

Ainda que difundida entre as elites, na expansão do consumo de maconha entre os séculos XVI e XX, tanto no Brasil quanto nos Estados Unidos, parece ter predominado a associação da maconha com negros e índios, favorecendo a construção de uma tradição cultural que relaciona a planta a setores marginalizados da sociedade (Rocco, in Robinson, 1999).

Associada aos negros e aos índios, a maconha em pouco tempo adquiriu fama. Vinculada a uma idéia de vagabundagem e malandragem, a erva tornou-se maldita e a cultura do homem branco criou o estigma e o mito ainda predominantes. (Rocco, in Robinson, 1999, p. 117)

Mesmo possuindo propriedades medicinais conhecidas e utilizadas há milhares de anos, a partir do início deste século o uso médico da maconha foi sendo abandonado, não apenas por razões de ordem técnica farmacêutica, como diz Carlini (1981), mas também por razões ideológicas e políticas.

Alguns textos médicos do início do século apontam elementos que podem constituir as bases de alguns preconceitos vigentes sobre a maconha e o seu elo com a criminalidade e a loucura. Dória (1915, in Henman; Pessoa, 1986) revela o encontro da maconha com a atividade criminal: “Os embriagados tornam-se rixosos, agressivos, e vão até a prática de violências e crimes, se não são

contidos” (p.29); Iglesias (1919, in Henman; Pessoa, 1986) denomina a maconha como **planta da loucura** e refere-se ao uso desta como: “Um vício extremamente nocivo, determina graves perturbações da saúde, que se traduzem por alucinações, podendo terminar por alterações mentais que levam às vezes ao crime ou ao suicídio” (p. 51); Moreno (1946, in Henman; Pessoa, 1986) também associa os efeitos eufóricos da maconha e o período inicial da embriaguez à prática criminal.

Esses estudos apontavam a maconha como causadora da agressividade, violência e loucura; no entanto, mostraram-se parciais, uma vez que não levam em conta nem os seus diferentes tipos de uso nem tampouco os seus usuários.

Mesmo com o acúmulo de conhecimento produzido até o presente momento e com a ênfase de alguns autores contemporâneos na importância de deslocar “o problema da maconha” dos efeitos produzidos pela substância, essa visão parcial não ficou restrita ao pensamento do início do século. Uma retomada histórica nos mostra que estamos lidando com um fenômeno que passou por uma série de transformações ao longo dos anos. Nos anos 40, por exemplo, o pensamento corrente na época “associava a maconha à marginalidade, imputando a essa erva o poder de induzir ao crime, estimulando a loucura, a agressividade e a perversão” (Pessoa, in Henman; Pessoa, 1986, p. 149).

Embora prevalecendo a idéia de que a maconha levava a juventude à autodestruição física, além das perdas de valores morais e alienação, nos anos 50, fumar maconha poderia ser saída esporádica ao consumo de álcool (Pessoa, in Henman; Pessoa, 1986).

Nos anos 60, houve um aumento do consumo de maconha entre jovens de classe média, quando o hábito de fumar maconha passa a ser parte de um estilo de vida “contracultural” (Velho, in Zaluar, 1999).

“O movimento denominado de contra-cultura caracterizava-se por uma rejeição de um modo de vida convencional” (Velho, in Zaluar, 1999, p. 25). Nesse período, “o uso da maconha adquiriu a conotação de busca por um estilo alternativo de vida, uma expressão de liberdade de pensamento e sensações, praticadas por grupos de jovens” (MacRae; Simões, 2000, p. 22).

Entre as décadas de 60 e 70, o uso da maconha ocupou um lugar de destaque nos movimentos jovens no mundo ocidental, inclusive no Brasil, sendo considerado “um símbolo político de liberdade e desobediência civil” (Robinson, 1999, p. 100). Entre os estudantes norte-americanos, 10% usavam maconha diariamente e 60% já tinham experimentado pelo menos uma vez (Karniol, in Seibel; Toscano, 2001).

Apesar de a luta contra os entorpecentes no Brasil ter sido iniciada em 1936 com a criação da Comissão Nacional de Fiscalização de Entorpecentes (CNFE), foi no período da ditadura militar, a partir de 1964, acompanhando uma política de ação repressiva, que a droga, principalmente a maconha, passou a ser combatida como inimigo número 1 da polícia (Adiala, 1986).

Para Adiala (1986), “o uso de maconha é hoje um dos problemas sociais mais comentados nos meios de comunicação e um dos que mais sensibilizam a opinião pública” (p. 4).

Questões econômicas, políticas e sociais estão presentes nas discussões que envolvem a maconha e são determinantes nas decisões tomadas sobre ela, neste século.

No que diz respeito à compreensão dos significados envolvidos na experiência do uso de maconha, de acordo com Henman (in Henman; Pessoa, 1986), a abordagem oficial prima pelo seu obscurantismo, pois minimiza o sentido que o costume de ingerir uma droga pode ter para o usuário e designa, para esse uso, a condição de ser um “problema”.

Esse autor defende a necessidade de alterar o enquadramento do problema do uso de drogas, uma vez que é possível perceber a estigmatização do “drogado” e a manipulação desse termo como categoria de acusação.

Macrae (1986) lembra que, há vários séculos, a maconha vem desempenhando importante papel nas tradições, sendo possível verificar múltiplos significados para seu uso.

Esse histórico mostra que os significados atribuídos ao uso da maconha podem ser alterados conforme alguns aspectos sociais e culturais. Aponta também as tendências para se estigmatizar esse uso e projetar nele a idéia de um

“problema”. Revela, inclusive, que a “questão da maconha” configura uma realidade encoberta por ideologias e contradições, permanecendo velado o próprio fenômeno do uso da substância.

Ainda que a intenção deste trabalho seja interrogar diretamente os participantes da pesquisa, sobre a compreensão que eles têm do uso de maconha, os dados apresentados nesse item ajudam a compor um cenário que provavelmente incide sobre a compreensão desses jovens, uma vez que esta se dá a partir de articulações do mundo vivido e este é, sempre, permeado por questões compartilhadas pela cultura e conhecimento público.

Continuando a trilhar caminhos já percorridos, foi realizado um levantamento por meio de uma revisão bibliográfica na biblioteca da PUC-SP, Unifesp (Bireme), no banco de dados do Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas (Cebrid) e na Internet — Biblioteca Virtual de Saúde (Lilacs, Medline, Scielo, Capes, Adolec) —, no qual foi possível notar que, atualmente, a grande maioria dos trabalhos científicos produzidos sobre o tema “maconha e adolescentes” refere-se a estudos epidemiológicos, de prevalência de consumo e fatores de risco, comorbidades e tratamento.

Ilustra-se, sucintamente, com alguns estudos encontrados, o conhecimento produzido sobre esse tema e como ele têm sido abordado pelas pesquisas acadêmicas:

Estima-se uma prevalência de uso de maconha de 2,45% da população mundial, cerca de 140 milhões de pessoas (Karniol, in Seibel; Toscano, 2001).

No Brasil, houve um aumento significativo no consumo de drogas, como apontam estudos epidemiológicos realizados em dez capitais brasileiras entre 1987 e 1997 (Galduroz, Noto & Carlini 1998), e o uso de maconha ocupa variavelmente o 2º ou 3º lugares na preferência por drogas ilícitas entre os adolescentes. Também verificou-se o aumento do uso de maconha entre jovens estudantes de 1º e 2º graus de baixa renda e entre meninos em situação de rua (Carlini, Galduroz & Noto, 1995). Quando comparadas essas duas populações,

nota-se que o uso entre os estudantes é bem menor que entre os meninos de rua (3,6% contra 60% de uso), o que revela que, embora a pobreza pudesse ser considerada fator de vulnerabilidade para uso de drogas, a escola e a vida em família se mostram fatores de proteção (Carlini-Cotrin; Carlini, 1987).

Outro estudo importante, realizado em 2001, envolvendo as 107 maiores cidades do País, revela que 6,9% da população já fez uso de maconha na vida, sendo a faixa de experimentação entre 12 e 17 anos, verificando-se uma porcentagem maior entre o sexo masculino. Da população que experimenta maconha, apenas 1% se torna dependente. Se comparada com as drogas lícitas, a dependência de maconha é menor que a de álcool (11,2% da população) e de tabaco (9% da população) (Carlini, Galduroz, Noto & Nappo, 2002).

Ainda sobre o consumo de drogas entre adolescentes estudantes, encontra-se diversas pesquisas que apontam a alta prevalência de uso de várias drogas, entre elas a maconha, nessa população (Muzza, et al., 1997; Tavares, et al., 2001; Baus et al., 2002; Guimarães, et al., 2004; Soldera, et al., 2004). Nesses estudos, pode-se identificar a associação de idade precoce (Muzza, et al., 1997), sexo masculino (Muzza, et al., 1997; Tavares, et al., 2001), classe socioeconômica mais alta (Baus et al., 2002; Soldera, et al., 2004) e estrutura familiar (Baus et al., 2002) como fatores de risco para o uso de drogas.

“Apesar de ser um ato ilegal, fumar maconha é um hábito que parece estar bastante difundido entre os jovens.” (Barros, et al., 1989, p. 654). Para Weiser et al. (2003), uma possível explicação para esse fato seria a percepção da maconha pelos jovens como uma droga que traz poucas conseqüências nocivas para a saúde, em contraste com outras drogas ilícitas.

No entanto, alguns autores nos alertam para o perigo dessa percepção e reforçam que o uso de maconha pode trazer riscos para a saúde. Pesquisa realizada por Rey et al. (2002) mostra a associação do uso de maconha com depressão, problemas de delinqüência, consumo de álcool e tabaco e uso de outras drogas ilícitas. Scivoletto et al. (1999) verifica que o uso de maconha está associado a comportamento sexual de risco. Para Kandel (apud Ferrari, 2001), o uso recreativo de maconha é a porta para um uso mais problemático. Witton e

Murray (2004) afirmam que o uso de maconha pode elevar o risco de quadros psicóticos em indivíduos vulneráveis.

Todos os dados expostos anteriormente, oriundos de pesquisas que abarcam o tema do uso de maconha entre adolescentes, são bastante genéricos. Vimos, com isso, a possibilidade de confirmação da tese de Ronca (1985) a respeito do discurso científico: “tudo que se fez ou se falou sobre a maconha e o seu consumo mais oculta do que desvela” (p. 68). Para o autor, esse discurso recolhe da realidade pesquisada dados factuais, reduzindo o fenômeno do uso de maconha a um fato possível de verificações objetivas e generalizações. Quando estudado do prisma das ciências naturais, o uso de maconha parece ser visto de longe, desconsiderando-se seu caráter fenomenológico, isto é, seu sentido.

Seja nas contextualizações históricas do uso de maconha, ou nas pesquisas atuais sobre ela, minha insatisfação reside diante da pergunta: que maconha é essa? A dos livros, dos médicos, dos *hippies*, dos jovens de periferia... Onde está a realidade da maconha? Será possível compreendermos algo sem levarmos em conta o contexto dentro do qual esse algo — no caso, a maconha — acontece?

Chega-se ao desafio deste trabalho: liberar a maconha de uma compreensão coisificada. Para isso, o referencial da análise existencial convida a rever o modo de interrogar os fenômenos e abre a possibilidade de ampliarmos o entendimento a respeito da maconha no mundo dos jovens.

Entende-se que na tradição científica e, segundo Heidegger, metafísica, os entes, as coisas são compreendidas como unidades autônomas, itens independentes, ou seja, como objetos simplesmente dados. A partir dessa posição, é possível encontrar enunciados que definem as coisas em si mesmas, fora de qualquer contexto significativo, sendo que o conhecimento dessas coisas se dá pela descrição de suas propriedades ou atributos. A maconha, por exemplo, pode ser, então, definida como droga ilícita, substância psicoativa, narcótico, tóxico etc.

Pessanha (2000) adverte que, no pensamento metafísico, “a coisa está disponível ao apossamento conceitual de tal maneira que esse aniquila qualquer outra dimensão que pudesse ser nela vislumbrada” (p. 83).

Como foi colocado anteriormente, e ressaltado pela posição de vários autores, o consumo de maconha é um fenômeno comum entre os jovens, sendo a tendência geral atribuir a esse fenômeno uma conotação negativa, uma vez que a maconha é uma “droga”. O conceito droga já está permeado por uma série de entendimentos que dão à maconha o caráter de uma coisa ruim, que possui propriedades que fazem mal à saúde.

Para se escapar da armadilha, que leva ao aprisionamento do pensamento da coisa “maconha” ao conceito droga, tendendo a obscurecer o alcance de nossa compreensão, o pensamento da analítica existencial revela um caminho interessante para ampliação do entendimento da “maconha”.

Heidegger, em *Ser e Tempo*, propõe a desconstrução do “mito metafísico” da realidade, convidando a pensar as “coisas” a partir do primeiro acesso que temos a elas: seu uso. Ele lembra que, para os gregos, as coisas eram denominadas pragmata, ou seja, “aquilo com que se lida na ocupação” (Heidegger, [1927] 1995, p. 109). O filósofo vai partir dessa intuição grega para afirmar que as “coisas”, antes de serem compreendidas como objetos, são compreendidas como instrumentos que se apresentam para os homens. Um instrumento nunca é inicialmente uma “coisa” em si que, posteriormente, seria recoberta por um significado, mas é sempre um instrumento para... A compreensão das coisas como instrumentos pressupõe um horizonte dentro do qual elas se mostram. Tal afirmação rompe com a compreensão metafísica dos objetos apreendidos como itens isolados, uma vez que todo instrumento se apresenta sempre remetido a um todo instrumental ou ainda a uma totalidade significativa.

Diz Critelli (1996):

O ser das coisas não está consumado na sua conceituação, mas também não está incrustado nas próprias coisas, ensimesmadas.

Está no lidar dos homens com elas e no falar, entre si, dessas coisas e dos modos de se lidar com elas... Está numa trama de significados que os homens vão tecendo entre si mesmos e através da qual vão se referindo e lidando com as coisas... (p. 17).

Assim, quando, afirmo que o problema não está nas drogas, mas sim no uso que delas se faz, a intenção é ressaltar, justamente, a necessidade de compreendermos o uso de maconha dentro de um projeto humano. Os jovens, ao fazerem uso de maconha, projetam possibilidades que são orientadas pelo sentido que a existência faz para eles.

Quando nos referimos aos objetos de uso, devemos ver neles mais do que meras coisas que estão aí disponíveis no mundo, mas entes que reúnem, conservam, guardam em si, no que são, os modos humanos de se habitar o mundo e cuidar da vida. Objetos de uso... revelam através de si modos dos homens habitarem seu mundo. (Critelli, 1996, p. 117)

A descoberta heideggeriana revela que um contexto de significados prévios preside o nosso encontro com os entes. Se faz necessário, portanto, investigar o contexto de significados dentro do qual a maconha é descoberta. Assim, somos convidados a suspender os vários enunciados sobre a “coisa” maconha para que o sentido desse uso possa ser desvelado de outro modo. Retirando a maconha de uma condição de ente simplesmente dado,³ busca-se compreender o mundo no qual ela é impunhada como instrumento. No caso específico, o mundo dos jovens estudantes de uma escola pública que vivem na periferia da cidade de São Paulo.

³ Entende-se por ente simplesmente dado uma mera coisa, um objeto desvinculado de uma totalidade significativa de referências.

Dessa forma, no presente estudo, tem-se como objetivo compreender o mundo em que os jovens de periferia estão lançados. Com isso, refletir sobre o projeto de sentido⁴ dentro do qual a maconha aparece para esses jovens.

De acordo com a análise existencial, toda ação humana é motivada. Surge então o objetivo de compreender quais as motivações dos jovens para usar maconha. É importante lembrar que motivações ou motivos, aqui referidos, não podem ser confundidos com causas naturais. Heidegger ([1987] 2001) ao distinguir causa e motivo afirma:

Á diferença da causa que obedece a uma regra, não há nada semelhante para a determinação do que seja um motivo. O caráter do motivo é que ele me move, que interpela o homem. No motivo, há, evidentemente, um ente, que me interpela; compreensão, ser aberto para uma determinada conexão de significado e de mundo. (p. 50).

⁴ Na perspectiva da análise existencial, o termo sentido é empregado “não como expressão sinônima de significação. Sentido é, para nós, o mesmo que destino, rumo, a direção do existir” (Critelli, 1996, p. 53).

Capítulo II — CAMINHOS EM DIREÇÃO “À COISA MESMA”

Considerações sobre o Método Fenomenológico

Como explicitado anteriormente, encontrou-se na base dessa investigação a intenção de conhecer os sentidos do uso de maconha para os jovens moradores de uma comunidade de baixa renda.

O ponto de partida norteia-se pela seguinte afirmação: “O investigar que se proponha interrogar as ações humanas... deve ser orientado pelo homem mesmo em seu estar-sendo-lançado-no-mundo” (Critelli, 1996, p. 26). Desse modo, para alcançar o sentido da experiência interrogada, este trabalho busca privilegiar uma compreensão do uso de maconha trazido da ótica dos próprios jovens, sendo conduzido pela utilização de um método de pesquisa qualitativo.

Quando nos debruçamos na busca de compreender um fenômeno, deve-se ter em mente a própria compreensão de **fenômeno**, uma vez que este, pela sua natureza, se apresenta de modo peculiar. Heidegger ([1927] 1995) busca no grego (*phainomenon*) o significado da expressão **fenômeno**, caracterizando-o como “o que se revela, o que se mostra em si mesmo” (p. 58).

O que se mostra em si mesmo — o fenômeno — não pode ser confundido com algo em si, com um objeto empírico, pois faz parte da manifestação do fenômeno um constante movimento de mostrar-se e ocultar-se: “tudo que se mostra jamais se mostra de forma estável, totalmente tangível e imutável” (Critelli, 1996, p. 105).

Neste estudo, o sentido do uso de maconha entre os jovens é o fenômeno estudado. Para desvelarmos tal fenômeno, escolhe-se um método que preserva o movimento deste e renuncia a qualquer explicação *a priori* e generalizações. Dá-se, aí, a escolha pelo método de pesquisa fenomenológico.

Ao apresentar o método fenomenológico, Heidegger ressalta que a expressão fenomenologia inclui duas expressões gregas. *Phainomenon*, como apresentada anteriormente, aquilo que se mostra por si mesmo, e *logos*, o

discurso que deixa e faz ver. Dessa maneira, fenomenologia significa “deixar e fazer ver por si mesmo aquilo que se mostra” (Heidegger, [1927] 1995, p. 65).

Em uma investigação fenomenológica, as significações de cada fenômeno, articuladas pelas palavras, podem ser descobertas por aquele que se lança no conhecimento. Assim, o olhar do pesquisador pode alcançar o sentido daquilo que está sendo pesquisado, tornando-se o “lugar iluminado e iluminante em que a coisa ganha a possibilidade de mostrar-se” (Critelli, 1996, p. 105). O termo sentido, usado dentro da perspectiva da análise existencial, revela-se como “aquilo em que se sustenta a compreensibilidade de alguma coisa ... aquilo que pode articular-se na abertura da compreensão” (Heidegger [1927] 1995, p. 208). Dessa forma, para que o sentido seja alcançado, se faz necessário suspender juízos e conhecimentos prévios, valores morais e ideologias para poder olhar o fenômeno na radicalidade em que se mostra.

O que caracteriza o método fenomenológico é o procurar, no que aparece, aquilo que necessariamente está pressuposto, por ser sua condição de possibilidade.

Critelli (1996) lembra que o fenômeno, ao desvelar-se para um olhar, nunca se esgota e, dessa maneira, estamos sempre lidando com uma perspectiva relativa e provisória de interpretação. Enquanto método, a fenomenologia se desenvolve tendo em vista a finitude da compreensão:

Há um limite, uma clareira em que o interrogador e o que ele busca compreender podem aparecer. Um limite imposto pela própria perspectiva do olhar, pela ambigüidade da manifestação e pela relatividade da verdade. Limite também imposto pelo tempo do mostrar-se daquilo que se quer compreender. (Critelli, 1996, p. 136)

Para a realização dessa pesquisa, o recurso básico utilizado pelo pesquisador é o relato dos sujeitos do fenômeno estudado, tal como experienciado por eles próprios. Assim, ao me dirigir às experiências dos jovens, dá-se a possibilidade de compreender o sentido do uso da maconha.

A análise dos dados é feita a partir de uma hermenêutica que busca o sentido das experiências descritas pelos jovens. O pensamento do filósofo Heidegger nos ajuda a ampliar o entendimento a respeito da situação hermenêutica. Heidegger, em *Ser e Tempo*, aplica a fenomenologia hermenêutica à analítica existencial, indagando pelo sentido de ser a partir da indagação pelo sentido da existência. Segundo Stein (1973), para Heidegger, “o hermenêutico é, justamente, o elemento ontológico da compreensão” (p. 89). O *Ser-aí*⁵ é, em si mesmo, hermenêutico, uma vez que nele reside, ou melhor, que ele é uma pré-compreensão, fundamento de toda e qualquer interpretação. Lembremo-nos de que, na análise do ser-no-mundo, Heidegger apresenta a compreensão, não como o resultado de uma capacidade humana, mas como um existencial, ou seja, um modo de ser do Ser-aí⁶:

O conceito de compreensão que Heidegger justamente elabora em *Ser e Tempo*, reconhece como essencial de toda compreensão uma certa ‘pre-compreensão’, um certo horizonte preliminar, aberto e acessível que, em vez de limitar a liberdade da compreensão, a torna possível....O conhecimento é antes a articulação de uma compreensão originária em que as coisas já estão sempre descobertas. Essa articulação chama-se interpretação. (Vattimo, 1987, p. 24)

Nas palavras do próprio Heidegger:

Em toda compreensão de mundo, a existência também está compreendida e vice-versa. Toda interpretação, ademais, se move na estrutura prévia já caracterizada. Toda interpretação que se

⁵ Na tradução da obra *Ser e Tempo* para o português, o termo alemão *Dasein* — usado para expressar o ser do homem — foi traduzido como *pre-sença*, constando no final do volume uma nota explicativa. Aqui, com exceção dos momentos que usarmos citações retiradas dessa tradução, utilizaremos a expressão *Ser-aí*, indicada por especialistas como sendo mais fiel ao termo proposto pelo filósofo na língua alemã.

⁶ Cf. Heidegger, § 31 e 32 de *Ser e Tempo*.

coloca no movimento de compreender já deve ter compreendido o que se quer interpretar. (Heidegger [1927] 1995, p. 209).

A compreensão, entendida dessa maneira, pode ser considerada a matriz do método fenomenológico, já que “possui uma estrutura em que se antecipa o sentido” (Stein, 1973, p. 113).

De acordo com o pensamento heideggeriano, tudo o que compreendemos, já o fizemos a partir de um lugar e através de um ver que projeta possibilidades para as coisas. Entende-se, assim, que os jovens deste estudo já se encontram em um mundo compreendido, previamente dado por uma teia de significados em que eles foram lançados, onde o sentido do uso de maconha pode ser interpretado. Para apreender qual o projeto de possibilidade descoberto por esses jovens para o uso de maconha, se faz indispensável, entre outras coisas, compreender o mundo em que eles vivem. Diz Souza (2001):

o que motiva o adolescente a se aproximar ou distanciar da droga, vai depender do sentido atribuído à ação/droga no desenrolar de sua vida, o que exige uma compreensão não apenas da relação que os adolescentes mantêm com as drogas, mas também de seu cotidiano e suas formas de ser, sentir e agir no mundo que os rodeia. (p. 86)

Dessa forma, este trabalho de interpretação se constitui tendo em vista um posicionamento, ante a fala desses jovens, que possibilite o desvelamento do horizonte, a partir do qual eles compreendem o uso de maconha, visando compreender o mundo que eles vivem e o sentido do fenômeno tal como ele se dá.

Através dos discursos torna-se possível acolher e expressar o que se mostra. Assim, com a fala dos jovens, o uso de maconha ganha uma “realidade”, e o sentido que já está lá pode ser interpretado e mais bem conhecido.

É importante colocar aqui que, para Heidegger, nenhuma “coisa” tem sentido, só para o humano cabe sentido. Sendo no mundo, o homem compreende

a significatividade das coisas. Logo, sentido não se confunde com significado, mas sim é a sustentação na qual algo pode aparecer. Nas palavras do filósofo:

Sentido é a perspectiva em função da qual se estrutura o projeto pela posição prévia, visão prévia e concepção prévia. É a partir dela que algo se torna compreensível como algo. (Heidegger [1927] 1995, p. 208)

Ao entrarmos em contato com essas noções da fenomenologia e da hermenêutica, freqüentemente tem-se a impressão de nos movermos em um círculo. De fato, não é apenas uma impressão, pois, de acordo com Heidegger, estamos sempre no interior de um círculo, denominado por ele *círculo da compreensão*. Trata-se do movimento originário, inevitável da compreensão humana, que já projeta sempre um horizonte de sentido a partir do qual nos movimentamos, então:

O decisivo não é sair do círculo mas entrar no círculo de modo adequado. Esse círculo da compreensão não é um cerco em que se movimentasse qualquer tipo de conhecimento. Ele exprime a estrutura-prévia existencial, própria da pre-sença. (Heidegger [1927] 1995, p. 210).

Neste trabalho, a hermenêutica exploratória se configura, pois, como o caminho para o desocultamento do sentido presente na fala dos entrevistados; isto é, o movimento de ir trazendo à luz aquilo que permanece encoberto, o sentido projetado pelos jovens para o uso de maconha.

Neste caminho, não se encontram verdades absolutas, mas devemos nos manter abertos para interpretações possíveis dos discursos dos jovens. Hermann (2003) aponta “a necessidade de abandonar a pretensão de controle do processo de conhecer e se entregar ao texto, ao diálogo, na busca de um sentido que é sempre plural e renovado.” (p. 25).

Constituição da Situação de Pesquisa

Para dar prosseguimento ao estudo, tinha como tarefa chegar até os jovens estudantes que vivem na periferia, uma vez que, como nos lembra Martins e Bicudo (1994), “para a análise do fenômeno situado, o pesquisador precisa pôr diante dos seus olhos o fenômeno que está investigando, para começar pela descrição da experiência de mundo dos sujeitos” (p. 97).

Assim, o primeiro passo foi entrar em contato com a escola para dar início à realização do estudo com os alunos. A escolha de uma escola na região noroeste da cidade não se deu aleatoriamente. Essa escola já mantém relações com o Grupo de Pesquisa em Práticas Educativas e Atenção Psicoeducacional à Família, Escola e Comunidade (Ecofam), coordenado pela professora Dra. Heloisa Szymanski, do qual participo desde meu ingresso no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Educação da PUC-SP (PED). O projeto do Ecofam desenvolve-se nessa região desde 1992, e a escola em questão colocou-se como interessada no estabelecimento de uma parceria, abrindo o espaço para a realização de atividades de pesquisas propostas pelo grupo. Essas informações se fazem relevantes, já que revelam essa escola como um dos braços de um grande projeto de pesquisa em andamento, o que facilitou significativamente meu ingresso nesse universo escolar. A direção da escola, bem como professores, alunos e funcionários, recebeu anteriormente os pesquisadores da PUC de maneira bastante acolhedora e, assim, como será ilustrado, também o fui.

Nas primeiras reflexões para a elaboração da situação de pesquisa, antes mesmo de rumar ao mundo da escola para conhecê-lo, encontrei algumas dificuldades em função do tema proposto. O tema, uso de drogas no ambiente escolar, principalmente as drogas ilícitas, é polêmico e, ao ser trazido à tona em uma pesquisa, pode gerar uma série de sentimentos; entre eles identifico o medo. Esse medo parece presente para todos os envolvidos. Considero o medo dos alunos de falar, o medo da escola de ouvir, o medo do pesquisador de perguntar. Diante disso, surge a necessidade de reunir esforços para cuidar para que a coleta dos dados não exponha nenhum dos participantes a uma situação

indesejada. Essas preocupações tiveram importância e impacto na escolha de alguns caminhos que serão discutidos ao longo deste percurso.

Primeiramente, estabeleci contato telefônico com o diretor da escola para agendar uma reunião com finalidade de apresentar o tema e os objetivos da pesquisa, e verificar a possibilidade de realizar alguns encontros com um grupo de alunos.

A primeira coisa que fiz, após falar com o diretor, foi procurar no guia de ruas da cidade a localização exata da escola. Para minha surpresa, não encontrei no índice o nome da avenida onde ela situava-se. Telefonei para um colega de mestrado, que também desenvolvia sua pesquisa nessa escola, e ele me deu algumas indicações de como chegar lá. Tinha como referência o nome de duas grandes avenidas que, segundo meu colega, eu deveria percorrer por muitos quilômetros até chegar a determinado ponto onde a indicação que ele podia dar já não era mais nomes de ruas, mas sim uma descrição detalhada de placas, lombadas, semáforos e “predinhos” da Cohab.* De posse dessas informações, voltei ao guia da cidade e procurei o nome da primeira grande avenida. Enquanto percorria o guia, seguindo a direção indicada, afastava-me de páginas antes consultadas por mim. Percebi, então, que estava folheando as páginas iniciais do mapa da cidade, onde já não se encontram tanto as imagens características das confluências entre ruas e avenidas, mas sim uma região mais árida de ruas, marcada pelos limites da Serra da Cantareira, grandes manchas verdes no mapa, e os distritos do extremo noroeste da cidade de São Paulo. De fato, não era possível identificar no mapa o local exato onde ficava a escola, visto que ela estava situada em uma área onde as ruas e travessas apareciam numeradas em meio a uma série de conjuntos habitacionais. Temendo me perder no dia da reunião, decidi percorrer o trajeto no final de semana anterior à reunião. Acompanhada e em clima de aventura, rumei à região desconhecida. As indicações do colega e o mapa ajudaram até determinado ponto, depois precisei pedir informações. Durante o percurso, o cenário foi mudando e as imagens antecipadas pela consulta ao guia foram configurando um mundo já bastante

* Conjuntos habitacionais.

distinto do mundo que me é familiar. Trata-se de uma região muito pobre da cidade, onde as restrições econômicas e sociais são reveladas na geografia do local. Ao longo da segunda grande avenida indicada por meu colega, passei por pequenas lojas, barzinhos, mercearias, oficinas de desmanche de carros. Mais à frente, já era possível avistar um aglomerado de moradias bastante precárias, que constituem um longo trecho favelizado e que se estende ao pé da Serra da Cantareira. Dali em diante, o comércio diminuiu, dando a impressão de estarmos percorrendo uma estrada, até chegar ao complexo de conjuntos habitacionais. No total, dirigi quase uma hora e meia até localizar a escola. Esta se encontrava no alto de uma rua, de onde se podia enxergar um longo trecho de mata da serra e o amontoado urbano que se estendia nos arredores da grande avenida que me permitira chegar até lá. Como disse, a vizinhança da escola é basicamente constituída por “predinhos” e pequenos estabelecimentos comerciais. Apesar de ermo, encontramos pessoas nas ruas, nos bares ou passando de bicicleta. Era possível ouvir músicas e vozes vindas de dentro das casas ou mesmo nas calçadas. Reconhecido o local, rumamos de volta em direção à familiaridade das ruas que percorremos diariamente. Durante o final daquele sábado e ao longo dos dias que se seguiram, o receio de retornar sozinha àquele mundo tão distante me acompanhou.

Foi interessante, ao longo das visitas à escola, perceber meu processo de familiarização com o mundo desses jovens. Desde o início do projeto de pesquisa, tendo me disposto a trabalhar com jovens da periferia, sabia da necessidade de mergulhar em seus mundos para compreender o fenômeno que me propus a estudar. Sabia, portanto, que se tratava de um mundo diferente do meu. No entanto, foi nas primeiras visitas à escola que de fato me percebi como uma estrangeira. Como quem chega a um lugar distante, desconhecido e, que para se adaptar, precisa percorrer as ruas, pedir indicações, conhecer pessoas, descobrir como elas vivem e, nesse processo, possibilitar que o estranho se torne mais familiar. Apesar de já ter ido outras vezes a regiões de periferia da cidade e também ter trabalhado com populações de baixa renda, considero o impacto que senti na primeira ida à escola um fator importante, que revela a falta de todas as

referências que me são familiares, para o mergulho em um universo novo. Assim, antes mesmo de conhecer e ouvir os jovens que participariam do estudo, fui me afinando com o mundo em que vivem.

Chegou então o dia da reunião e, novamente, rumei para a escola. No primeiro contato com o diretor, foi possível perceber as preocupações e expectativas da escola em relação à proposta de pesquisa. Durante nossa conversa, o diretor mostrou-se receptivo, compreendendo a relevância do estudo e comentando a atualidade do tema. Afirmou que entende a escola pública como um lugar que deve manter-se aberto, favorecendo e participando dos processos de pesquisa; entretanto, expressou indignação em relação ao modo como vê a universidade e os pesquisadores se posicionarem perante as escolas, e queixou de, na maior parte das vezes, perceber alunos e professores sendo usados como “cobaias” (sic) e, depois de colhidos os dados, serem deixados de lado sem poder ter acesso aos novos conhecimentos produzidos.

Tais críticas confirmam minha preocupação de desenvolver um trabalho que transcenda a busca de informações e se realize como um processo de troca e crescimento mútuo. Penso que a escolha do método fenomenológico favorece uma aproximação cuidadosa da situação de pesquisa e a possibilidade de lidar com os jovens como sujeitos participantes na construção de um saber.

Nessa conversa, foi possível, uma vez mais, reafirmar a postura que me propus a assumir. Enquanto pesquisadora me dispus a ouvir os jovens e a olhar o mundo através de seus olhares, comprometendo-me a contar-lhes o que meus olhos conseguem ver a partir de seus relatos. Ao final da análise das entrevistas, a proposta é chegar à ampliação da compreensão do mundo dos jovens e de como a maconha se apresenta para eles.

Nesse encontro, buscou-se, também, recolher informações que indicassem a melhor forma para montar o grupo de jovens. Além disso, foi apresentado o termo de consentimento,* que deveria ser assinado pelo diretor da escola e por um representante de pais. O diretor assinou o termo e guardou uma cópia. Não se mostrou disposto ou não viu necessidade de comunicar o representante de pais

* (em anexo)

sobre o desenvolvimento da pesquisa, responsabilizando-se, assim, ele próprio, pela autorização do início da mesma.

O próximo passo foi estabelecer contato com as coordenadoras pedagógicas. A escola conta com duas coordenadoras, cada uma delas responsável por um período. Ainda na primeira visita, tive a oportunidade de conhecer e conversar com uma delas, que também se mostrou muito receptiva ao projeto, embora não seja responsável direta pelos adolescentes. Com a coordenadora da tarde, período em que os jovens têm aula, falei por telefone e agendei nova reunião.

Na semana seguinte, retornei à escola. A cada visita sentia-me mais segura durante o percurso, e as preocupações e ameaças iniciais foram perdendo espaço para a sensação de maior confiança e familiaridade com a região. Nesse encontro, a coordenadora pedagógica da tarde também foi muito receptiva. Após apresentar meu projeto, ela sugeriu que falássemos diretamente com os alunos da oitava série, propondo um convite para aqueles que quisessem contribuir para a pesquisa. Tanto na conversa com o diretor como com a coordenadora, ambos concordaram que não seria conveniente explicitar que o tema da pesquisa seria a maconha no mundo do jovem. Mesmo reconhecendo a importância do trabalho, eles pareceram receosos em relação à explicitação do tema que envolvia a questão da droga. Assim, a preocupação que se revelara, para mim, antes mesmo de iniciar o contato com a escola, se mostrava pertinente. A temática das drogas pertence ao que poderíamos chamar “temas tabus”. A posição compartilhada entre o diretor e a coordenadora, de não revelar o tema específico do trabalho aos alunos, assim como o fato de o diretor ter se responsabilizado sozinho pela autorização da pesquisa, aponta a possível presença de uma resistência na abordagem da questão das drogas no ambiente escolar. Essa questão, sempre perturbadora, geralmente é mantida mais afastada, o que pode acabar favorecendo a manutenção do *status* de “tema marginal”. Não discordo da necessidade de cuidar do modo como se propõe a abordar a questão das drogas na escola, mas considero a importância de se abrir oportunidades para as discussões que envolvam os temas “tabus”. Assim, pensando em constituir um

espaço de discussão sobre assuntos que dizem respeito à vida dos jovens, com aqueles que quisessem participar, a sugestão da direção foi acatada. Optei por apresentar a pesquisa aos alunos nos termos amplos do trabalho, a saber: conhecer o mundo dos jovens e tudo que dele faz parte (família, escola, amigos, drogas, sexo...). Embora a intenção fosse preservar aqueles que quisessem participar da pesquisa, cuidando para que eles não fossem estigmatizados como o grupo dos maconheiros ou coisa parecida, e também procurando garantir a colaboração dos jovens, permaneceu em mim certo desconforto e dúvida quanto ao procedimento, uma vez que, com essa atitude, poderia estar favorecendo a condição de obscuridade do tema. De qualquer forma, nesse início, pude confirmar a dificuldade de estudar a questão da maconha, sendo o desafio encontrar um caminho criativo para a realização do trabalho.

Fomos, então, a uma das duas salas de oitava série, indicada pela coordenadora. A escolha pareceu circunstancial, uma vez que nessa sala a professora havia faltado e os alunos estavam sob os cuidados de uma monitora. Encontramos uma classe com cerca de 35 alunos, sentados em fileiras, fazendo uma atividade escrita. A coordenadora pediu a atenção de todos para que pudesse me apresentar para o grupo. Referiu-se a mim como psicóloga e pesquisadora vinda de uma universidade; situou o curso de pós-graduação dentro do percurso acadêmico e explicou que meu tema de pesquisa envolvia a vida dos jovens e que, portanto, eu gostaria de conversar com alguns deles. Assegurou-os de que não se tratava de uma tarefa vinculada às atividades da escola nem era terapia, e passou a palavra a mim. Novamente, disse meu nome e que, em minha pesquisa, eu estava querendo compreender um pouco melhor a vida dos jovens, as experiências, hábitos, preocupações e que, para isso, gostaria de montar um grupo com alguns voluntários para conversar sobre alguns temas, incluindo aí a questão do uso de drogas, como algo que faz parte da vida dos jovens. Todos se mostraram interessados e, quando propus marcarmos os encontros para as quartas-feiras, uma hora antes do início da aula, um aluno falou: “eu quero participar, mas esse dia tem oficina de informática e algumas pessoas fazem parte, eu não posso faltar”. Perguntei quem mais tinha interesse e metade da

classe levantou a mão. Diante disso, aventei a possibilidade de montarmos dois grupos: aqueles que poderiam participar na segunda-feira e os que preferiam na quarta-feira. Anotei o nome de todos, e formei um grupo com 8 e o outro, com 12 jovens. Agradei a atenção e me despedi até a próxima semana.

A idéia inicial era trabalhar com um grupo de até dez alunos, uma vez que, na minha experiência, esse número possibilita uma situação na qual todos podem se colocar, ouvir e serem ouvidos em certa ordem. Além disso, caso houvesse faltas ou desistências, o grupo ainda poderia se manter com um número razoável de participantes, garantindo a diversidade das opiniões. Entretanto, ante o aparente interesse e colaboração de todos, não pude recusar a participação dos voluntários e me dispus à realização dos dois grupos, os quais pretendia conduzir com a proposta de entrevista reflexiva.

Szymanski (2002) propõe a entrevista como um espaço reflexivo que pode colocar o entrevistador e o entrevistado diante dos diferentes significados e sentidos emergentes durante a narrativa. Para a autora:

a entrevista também se torna um momento de organização de idéias e de construção de um discurso para um interlocutor, o que já caracteriza o caráter de recorte da experiência e reafirma a situação de interação como geradora de um discurso particularizado. Esse processo interativo complexo tem um caráter reflexivo. (Szymanski, 2002, p. 14).

Também, para Almeida (1992), a utilização de entrevista coletiva se configura como uma situação que garante maior participação dos adolescentes. Assim, entendo que a situação de entrevista grupal configura a oportunidade de estabelecimento de um diálogo que favorece a reflexão sobre o que está sendo dito e concede aos participantes a possibilidade de ampliação de seus entendimentos, configurando-se, desse modo, a própria situação de pesquisa em uma intervenção.

Como veremos, os relatos dos jovens foram colhidos a partir de algumas intervenções realizadas em encontros coletivos na escola. Assim, seguindo a

proposta de Szymanski (2002), não havia a estruturação de um roteiro fechado de entrevista nem tampouco a definição prévia de todos os passos do processo. Cada encontro foi estruturado sempre a partir do que surgiu no encontro anterior, conforme a proposta da prática reflexiva. Isto fez que a coleta dos dados não se configurasse em um processo retilíneo, passando por uma série de modificações.

Ao total foram oito encontros que duraram em torno de uma hora cada e podem ser divididos em três etapas:

As duas primeiras entrevistas foram realizadas com grupos voluntários de alunos fora do período escolar. Nessas entrevistas, utilizamos o recurso da narrativa indireta, solicitando que o grupo criasse um personagem jovem. A escolha de trabalharmos na construção da história de um personagem permitiu que os jovens se colocassem mais livremente, com a possibilidade de falar de seus mundos de modo mais protegido, evitando uma exposição direta de suas vidas, enquanto construíam a narrativa.

Os três encontros seguintes foram realizados durante o horário de aula com toda a classe. No primeiro destes, foi proposta uma atividade de construção de histórias coletivas sobre a vida dos jovens; no segundo, trabalhamos a exploração de algumas questões apresentadas nas histórias; e no terceiro, foi realizada uma devolutiva,⁷ reunindo informações até aquele momento coletadas.

Após essa devolutiva, e em função de alguns desdobramentos que serão descritos adiante, foi constituído um novo grupo com os alunos interessados em aprofundar alguns temas recolhidos nas atividades anteriores. Realizamos, então, mais duas entrevistas e, por fim, a última devolutiva, que tinha como objetivo principal a retomada de todo o processo.

Como poderá ser visto a seguir, a diversidade das propostas foi se configurando em função de um constante processo de reflexão diante das questões emergentes no decorrer do caminho. Ao longo de todo o percurso, a intenção foi ampliar a compreensão do mundo em que esses jovens estão

⁷ “Trata-se da exposição posterior da compreensão do entrevistador sobre a experiência relatada pelo entrevistado.” (Szymanski, 2002,p. 52)

lançados, iniciando, assim, o processo de desvelamento do modo como vivem. Passarei a descrever detalhadamente cada etapa percorrida, apresentando o material recolhido nos encontros. As falas e expressões dos alunos permearão toda a apresentação, sendo mantidas literal e identificadas por meio de aspas e diferentes cores para indicar os vários participantes.

Apresentação dos Dados

Início da caminhada: o encontro com o primeiro grupo

Em uma segunda-feira, fui ao encontro do primeiro grupo de oito participantes. Na hora marcada, apenas três jovens estavam presentes, afirmando que o restante deveria ter esquecido ou desistido por causa da forte chuva que caía.

Iniciamos o primeiro encontro assim mesmo, no espaço da sala de leitura, que, naquela hora, não seria usada. Conversamos um pouco sobre meu interesse em conhecer a vida dos jovens, e a necessidade de ajuda deles para que pudesse compreender algumas coisas que acontecem nesse momento de suas vidas. Dois deles pareceram muito interessados, o terceiro manteve-se mais calado. Falei do contrato de sigilo, do anonimato e voluntariado da atividade e solicitei autorização para gravar o encontro, o que me permitiria retomar nossas conversas, me ajudando na hora de escrever o trabalho. Os jovens consentiram a gravação de suas falas que, posteriormente, seriam transcritas para a análise das entrevistas.

Em seguida, fiz a proposta. O grupo teria como tarefa a criação de um personagem jovem. Separamos as cadeiras e abrimos um espaço ao centro, onde juntei algumas cartolinas pedindo o auxílio deles para colar com fita adesiva. Pedi um voluntário para servir de modelo enquanto outro pudesse fazer o seu contorno. Tínhamos ali o desenho de nosso personagem que foi chamado Anderson. Passamos a construir juntos a história do personagem, explorando suas características e as de sua família, seu cotidiano, hábitos, interesses, pensamentos, sentimentos e preocupações.

Ao levantar perguntas que favoreciam a iluminação do cotidiano de nosso personagem, foi aberta a oportunidade para que os jovens falassem, de maneira indireta, de suas vidas.

Esta é a síntese da história do personagem construído:*

* Todo o material das entrevistas, transcrito integralmente, poderá ser disponibilizado através de contato com a pesquisadora pelo e-mail: fuvianna@ig.com.br

Anderson, um jovem de 15 anos, logo de início, é apresentado como uma pessoa que gosta de praticar esportes, ler e estudar para ser alguém no futuro. Quando ele pensa no futuro, “ele pensa num bom trabalho, uma boa família e que ele tenha oportunidade na vida. Consiga ocupar seu espaço”. Para ocupar um espaço na vida, “ele vai precisar fazer o objetivo dele, estudar, traçar um objetivo, estudar, fazer uma boa coisa que ele quer fazer e seguir a vida dele”. Esse jovem se preocupa com o futuro, tem “preocupações com a vida dele no decorrer do caminho, como se ele não conseguir arrumar um bom estudo, ele pode se envolver com drogas, violência esses negócios”.

O envolvimento com a escola parece fundamental para proteger e encaminhar o jovem, “ele tem que se envolver ao máximo, porque senão, ele pode se envolver com alguma coisa que não vai ser bom para ele no futuro”.

As drogas aparecem para o personagem no contexto de uma vida difícil, “ele mora num lugar que tem isso”, e convive com amigos que o induzem a usar, “ai ele vai por pura curiosidade”.

Algumas circunstâncias da vida colocam Anderson muito próximo das drogas, e a questão do uso e do tráfico de drogas se misturam e conduzem ao “mundo das drogas”. De acordo com a história, o uso de drogas pode levar à entrada nesse mundo.

O “mundo das drogas” revela histórias de jovens envolvidos em situações de risco. Anderson nunca quis usar maconha apesar de já terem lhe oferecido, ele sentiu medo e teve o apoio dos pais e alguns amigos: “falaram que poderia não ser bom pra ele, que ele poderia se dar mal”.

Ele tem um amigo que morreu e outro que está na cadeia por terem se envolvido com o tráfico e também com o uso de drogas. Para esses amigos, “alguém ofereceu... essa vida do mundo das drogas e eles entraram nessa”. No início, Anderson “pensava que era legal”, mas, quando viu que os amigos estavam passando dificuldades, ele percebeu que era ruim.

Mesmo com as constatações das ameaças das drogas, há uma hesitação diante delas, pois alguns amigos “falaram que era bom, e... ele quis experimentar”

já, outras pessoas falavam que era ruim e “ele ficou com medo e não quis prejudicar o futuro dele, ai ele não foi”.

Anderson “quase também perdeu o irmão dele nessa vida de drogas”. O irmão era viciado e o pai, alcoólatra. Sua mãe tentava, com ele, “colocar a família nos eixos”. Ele não entendia muito bem o que se passava com a família, seu irmão “pegava as coisas de casa pra comprar droga”, o que fazia que eles sempre brigassem muito. Ele ficava perturbado quando o pai chegava à noite bêbado e, depois de discutir com a mãe, queria bater nele. O jovem “ficava acuado com medo do pai”. Nessas horas pensava em fugir de casa, ir para a rua ou para a casa de um colega. Não sentia medo da rua, conhecia bastante gente onde morava e considerava que na rua “poderia estar seguro, mais seguro do que dentro da casa dele junto com o pai”.

Para permanecer em casa, ele procurava entender o fato de o pai estar bebendo, “o pai dele tinha um motivo, tinha perdido o emprego” e, por isso, bebia muito.

O local onde Anderson mora é descrito como subúrbio, um lugar de casas amontoadas, ruas sem asfalto, onde se pode fazer amizade fácil com qualquer um que se vê na rua, pessoas do bem e do mal. Para manter-se longe “das pessoas do mal”, considerava importante ter consciência do que ele queria e do que ele não queria, além disso, os conselhos que recebia o ajudava a se proteger. Entretanto, de acordo com o que foi colocado, ele se encontra em uma idade “que o adolescente fica mais confuso”. Tem muita coisa acontecendo ao redor, muitas informações e, conforme afirmam, os jovens podem ir por dois caminhos: “Ou você vai pro que você quer ou você vai pro que você não quer”.

Anderson também tem outras preocupações: arrumar emprego para ajudar a mãe e comprar coisas para o próprio consumo, para a mãe e para a casa.

Ao ser criada, a história de Anderson vai se ampliando e passa a falar da história de jovens de maneira geral, do que, segundo eles, é comum para os meninos nessa idade, como o desejo de ter um computador, videogame, rádio. Alguns gostam de festas, mas não de ambientes lotados, pois ficam incomodados

com a “fala dos outros, bebida, esses negócios, ele se sente mal, ele se sente induzido por isso”.

De acordo com a história, o jovem:

“Não se preocupa muito com as coisas, só quer saber de jogar bola, participar de várias coisas. Ele é acomodado... ‘ele é espaçoso’. Ele pensa num negócio, só que ele não quer fazer naquele momento, ‘dá preguiça’, deixa pra fazer futuramente e isso, muitas vezes, prejudica. Por causa disso que, muitas vezes, ele acaba entrando no mundo das drogas, da violência, do álcool, porque ele está acomodado.”

Diante de tais características, vêm a necessidade do jovem traçar objetivos e executá-los no momento certo, “não deixar para fazer depois, senão, depois, ele perde o controle, pode bater com outras coisas que ele não queria que batesse e ele perde o controle da situação”.

O jovem é retratado como um ímã que precisa ser controlado:

“É como se ele fosse um ímã, de um lado tem coisa boa e de outro, tem coisa ruim. Ele tem que controlar isso, é como se fosse uma balança... ou ele controla pro lado que favorece, ou, senão, ele perde o controle e pesa mais a parte que ele não quer que pese, que é a parte ruim da vida”

Acreditam que, se o jovem não consegue um equilíbrio, ele é atraído para o lado negativo, pelos amigos que já estão envolvidos com drogas, e que dizem que isso vai ajudar. Também há as influências do local onde ele vive:

“O local onde ele mora também favorece muito, por morar no subúrbio ele vê muita coisa que não queria ver e com isso pesa pra ele. Ele vai tendo imaginações... Ele imagina ele dos dois lados, faz de conta: ele como professor e ele como bandido”.

De acordo com o relato, o que ajuda o jovem a permanecer do “lado certo” são as boas influências: os parentes, os colegas, os professores, a escola, o centro esportivo. Quando não conseguem perceber isso, “vão pelo caminho mais fácil”: o caminho das drogas.

Para eles, a ambição pode levar à procura pelo caminho mais fácil, “que é roubar”. A ambição é o desejo de “subir rápido na vida, de ter tudo... que ele gostaria de ter”. Esse desejo mobiliza o jovem que, para seguir seu caminho, deve batalhar, arrumar um emprego e “ficar longe das drogas... Senão ele vai querer roubar e aí vai começar a usar droga, um amigo oferece e ele abraça essa idéia e aí, cai nesse mundo”.

Como foi dito, o local onde moram, o subúrbio, favorece a aproximação dos jovens com as drogas. Mas estas não se encontram apenas na periferia, aparecem no universo de todos os jovens, “porque se você pegar o jovem que mora no subúrbio e o jovem de classe média alta, não vai ter muita diferença, porque o jovem de classe média alta também entra no mundo das drogas”.

Na visão dos jovens de subúrbio, a diferença entre eles e os de classe média alta é que estes conseguem tudo mais fácil e rápido. “Ele tem tudo que o jovem da periferia não tem, ele tem um local bom pra desenvolver o trabalho dele... tem famílias que ajudam”. O fato de ter melhores condições de vida não afasta esses jovens das drogas:

“porque tem curiosidade... Também tem jovem de classe média que entra no mundo das drogas por causa da atenção dos pais, que não ligam muito, já põe em escola boa, qualquer coisa assim... ‘Eles não tem diálogo bom com os pais...’ Não tem atenção dos pais... ‘Aí ele acha que com isso ele chama a atenção dos pais.’”

Já o jovem do subúrbio se encontra em um “lugar que tem tudo pra ele se envolver” e suas motivações para usar drogas podem ser diferentes: “ele vai por opção dele, ou ele vai por opção da posição econômica”.

As drogas estão em todo lugar, não se limitando às condições de uma classe social, entretanto, as características do local onde moram, além da falta de recursos, podem expor os jovens a um mundo muito perigoso.

Conforme apresentado, as famílias dos jovens de periferia estão cientes da proximidade das drogas e da violência onde moram e por isso precisam protegê-los:

“na periferia, os pais dão muita atenção pra eles não entrar nesse mundo das drogas, aí eles se sentem mais seguros e interessados no aprender para ser alguém na vida, para um dia poder ajudar os pais dele também. Isso é uma diferença das classes média e da periferia... ‘Se ele não cuidar do filho dele, o filho dele é o próximo, então eles tentam fazer tudo para filho não entrar nisso.’”

Na compreensão dos rapazes, os pais precisam ter responsabilidade para não dar muita liberdade para o filho, porque este pode se sentir acuado e acabar se envolvendo com drogas. “Ele vê todo mundo usando droga, vai pensar que é uma coisa boa, aí alguém oferece, aí vai ser a primeira vez que ele usa, se ele começa a gostar, ele entra nisso daí.”

Para eles, a diferença entre as drogas, o álcool e o cigarro está no fato de as primeiras serem proibidas, enquanto álcool e cigarro estão presentes na mídia. A maconha, por ser proibida, pode influenciar os jovens a consumir: “O fato de ser proibido... porque quanto mais você repreende, mais eles querem saber porque é repreendido. Se falar, não faz, ele fica curioso de saber, aí ele vai, é mais uma curiosidade”.

Eles pensam que algumas características dos jovens podem tanto ajudar quanto atrapalhar, pois:

“tem três coisas que a gente poderia ver no jovem: ambição, ansiosidade e a curiosidade... Ansiedade é mais por causa do que ele quer fazer na vida dele, ambição é pelo que ele quer ter e

curiosidade, faz de conta, curiosidade é uma coisa que qualquer um tem, faz de conta, ele vê uma pessoa trabalhando numa empresa e ele quer estar lá, ele tá curioso pra saber o que acontece lá. Ou senão, ele vê um traficante levantando um fuzil, ele quer saber como é isso, ele vai a fundo”.

Afirmam que o jovem sofre muitas influências do meio e das pessoas: “Lugar bom e lugar ruim... ‘as convivências que ele tem’”. Também é induzido, pelo poder que vê no tráfico: “esse rapaz, também tem um irmão que é traficante e se sente poderoso... ‘Atrás de uma arma qualquer um se sente poderoso.’”

Essa síntese ilustra as questões que puderam aparecer a partir da primeira atividade proposta.

Nesse primeiro encontro, fui surpreendida com a disponibilidade de os meninos participarem, embora em número reduzido, pareciam envolvidos com a tarefa. No entanto, o discurso apresentado durante toda a atividade revelou-se, de certa forma, um discurso moral. Os jovens mostraram-se defendidos e, na maior parte do tempo, reproduziram informações recebidas em um depoimento “politicamente correto”, como se dissessem o que imaginavam ser o esperado, sem muita consistência e reflexão. Contavam a história de Anderson e falavam dos jovens como se aquilo não dissesse respeito à vida deles, quase como se não fossem jovens também.

Logo de início, o personagem já é apresentado na sua relação com o futuro. Mostra-se convocado por este, tendo clareza da tarefa de ter de ser e da necessidade de cuidar da própria vida, fazendo escolhas. A droga aparece no horizonte do personagem como perigo, algo que não se mostra como uma opção, mas como possibilidade secundária diante da falência de um ideal de vida.

A vida no “mundo das drogas” é apresentada em seus aspectos destrutivos, principalmente no comprometimento do projeto de futuro. Mesmo podendo despertar algum interesse, parece ser algo que se impõe na vida do personagem e não algo buscado originalmente por ele.

De acordo com a história, algumas situações familiares podem fragilizar o jovem. Diante disso, ele procura, com os recursos que possui, contornar essas

situações. Não só o personagem, mas, como caracterizado pelos participantes, os jovens de maneira geral são vulneráveis, ficam desorientados ante as informações e estas parecem, de algum modo, comprometer as experiências. O discurso revela a pouca mobilidade dos jovens perante os caminhos vislumbrados. Eles vêem a possibilidade de seguir por um caminho “certo”, o do trabalho, o que lhes dá condições de conquistar coisas, ou de seguir pelo caminho que apela, que pode ser tentador, cujas conseqüências podem ser terríveis. Diante desse horizonte, o ideal para eles é o jovem que atravessa as dificuldades sem se perder, sem se deixar levar pelo caminho indesejado. Com isso, se mostram pouco instrumentalizados para arriscar experimentar a diversidade de sabores da vida, e encontrar caminhos alternativos, fazendo escolhas mais criativas. Mesmo a ambição e a curiosidade, apresentadas como características dos jovens, não parecem vinculadas a um projeto de realização pessoal, de anseio por conhecer o novo, mas sim ao desejo de consumo e aquisição de novas informações.

Conforme revela a história, os jovens não ligam muito para as coisas com as quais deveriam se preocupar, eles sabem o que devem fazer ante à vida, mas, muitas vezes, envolvem-se com o mais imediato. Quando se deixam levar por isso, reconhecem os perigos e ameaças de não cuidar do futuro. Como é possível ver, o jovem se percebe sempre remetido ao futuro, cuidando de seu acontecimento, da realização de sua existência, embora ainda muito guiado pelos fascínios apresentados pelo mundo. Assim, eles são convocados por duas forças opostas que os atraem. Diante do mundo das drogas, ele se vê na iminência de um risco muito grande e impera a necessidade de manter certo controle em relação à própria vida. Para esses jovens, a entrada no mundo das drogas é um caminho que se apresenta sem volta; a proximidade com o tráfico não dá muita opção para que tenham liberdade para usar uma droga sem necessariamente entrar nesse mundo. Se, de um lado, o tráfico aponta uma ameaça, do outro, também se configura como possibilidade de trabalho, que oferece poder e *status*.

Ao final desse encontro, um dos garotos deu a sugestão de que prosseguíssemos com a conversa e propôs que seria interessante construir uma história escrita. Ele se propôs a escrever o início e trazer para o próximo encontro,

para que os colegas participassem da construção. Assim, cada um criaria um pedacinho dessa história. Disse que, se o grupo de quarta também fizesse o mesmo, ao final, poderíamos reunir tudo e fazer uma apresentação para todos os alunos com os pontos mais importantes a respeito da vida dos jovens. Ficou acordado que este seria então o caminho a percorrer. Agradei as idéias e solicitei-lhes que lembrassem àqueles que não haviam comparecido do próximo encontro, caso ainda desejassem participar. O mesmo jovem que tinha dado as idéias perguntou se os alunos da outra classe da oitava série não participariam. Expliquei-lhe que a escolha por uma das salas foi feita aleatoriamente pela coordenadora e, portanto, estaria trabalhando somente com aquele grupo. Após encerrarmos a conversa, fui com os garotos falar com o restante da turma, que a essa altura já estava na sala de aula. Relembrei-os de nosso encontro de quarta-feira e me despedi.

Redirecionando o caminho — 1º ato

Ainda naquela semana, retornei à escola como combinado com os alunos e, para minha surpresa, somente encontrei dois dos doze candidatos a participantes, um menino e uma menina. Mesmo assim, propus a atividade que havia realizado com o outro grupo, mas, desta vez, não obtive muito êxito. Diferentes dos rapazes do encontro anterior, os dois alunos presentes eram muito tímidos e calados, respondiam estritamente o necessário, apresentando grande dificuldade para embarcar na construção de um personagem. A atividade ficou bastante empobrecida, já que eles falavam pouco e em um tom de voz muito baixo, sendo difícil, inclusive, ouvir a gravação. Diante disso, optei por não incluir os dados dessa atividade. Antes de encerrar o encontro, conversei com eles para tentar compreender o motivo das ausências e a resposta obtida foi: “o pessoal combina e depois fica com preguiça de vir mais cedo”. Um dos alunos perguntou-me por que eu não poderia voltar no final das aulas, assim todos já estariam na escola e não haveria o problema de faltas. Essa situação me fez repensar a proposta com a coordenação.

Nesse mesmo dia conversei com a coordenadora pedagógica sobre o ocorrido e ela falou-me da dificuldade de marcar com os alunos qualquer atividade fora do horário de aula. Disse que não havia me alertado antes porque eles se mostraram dispostos a participar dos encontros. Sugeriu que eu utilizasse um horário de aula para estar com os alunos. Minha primeira preocupação foi ocupar um horário de aula com a atividade de pesquisa. Entretanto, esta foi rapidamente apaziguada pela coordenadora ante a sua própria necessidade de redistribuir os professores presentes, em razão da constante falta dos colegas. Ao contrário do que eu podia imaginar, minha permanência com uma das classes não se configurava como um problema para a instituição, mas sim como uma colaboração, sendo bem recebida por todos os professores.

A coordenadora solicitou ao professor da primeira aula de quarta-feira que cedesse algumas semanas para a minha atividade. Isso me colocou diante da tarefa de trabalhar com um grupo de 34 jovens.

Resolvi, então, adaptar a proposta dada pelo aluno no primeiro encontro e trabalhar com a construção de histórias coletivas, com toda a classe. Retornei à sala de aula para contar aos alunos a nova proposta. A essa altura, já me tornara conhecida deles, e alguns demonstraram contentamento ao saber que poderíamos estar juntos no horário regular de aula.

Antes de prosseguir, gostaria de comentar o movimento inicial dos jovens. Primeiro, fui surpreendida com o número de alunos voluntários para a pesquisa, o que fez que eu montasse dois grupos. Até aí, eles pareciam gostar da novidade, mostrando-se abertos para o desconhecido. Entretanto, o baixo número de comparecimentos indicou que os jovens apresentam dificuldade para se comprometerem com situações que saem da rotina já estabelecida. A própria coordenadora pedagógica confirmou esse fato e sugeriu que o trabalho fosse feito em horário escolar. A proposta foi recebida, mais uma vez, com entusiasmo pelos alunos, o que faz pensar que o “novo” é convidativo, entusiasmante, mas precisa chegar até eles. Ousar um movimento parece difícil e, se depender deles, como a situação apontou, corre-se o risco de não acontecer.

Dois aspectos me chamaram a atenção: a disponibilidade dos rapazes, no primeiro encontro, para embarcar na atividade de contar a história do personagem e a sugestão vinda de um desses alunos de trabalhar na construção de histórias coletivas. Esses fatos me fizeram pensar na necessidade que, possivelmente, alguns jovens têm de escapar de certa mesmice da rotina cotidiana e criar histórias. As narrativas podem ser entendidas como uma forma de dar asas à imaginação, recolher elementos de suas biografias, falar de sonhos, refletir sobre situações atuais, lançando-se no devir. Isto indicado, seguirei com os desdobramentos dos encontros.

A construção das histórias coletivas

Na semana seguinte, cheguei à escola um pouco antes do início do período e encontrei alguns alunos na entrada. Eles se mostraram curiosos me perguntando o que iríamos fazer; conversamos um pouquinho sobre a proposta da construção da história coletiva e isso pareceu agradar. Quando tocou o sinal, subimos para a sala de aula. O diretor estava presente e me introduziu, novamente, aos alunos pedindo a colaboração de todos. Eles se sentaram, em fileiras, conforme a rotina e, após algumas perguntas para me aproximar, expliquei o que iríamos fazer. Cada aluno começaria a escrever uma história sobre a vida de um jovem e, a cada solicitação minha, a classe iria fazer um rodízio das folhas para que cada um escrevesse um trecho nas diferentes histórias. Ao final, teríamos várias histórias construídas com a participação de todos. Como disse antes, essa proposta foi uma adaptação de outra feita por um aluno, e a turma já tinha familiaridade com a atividade de escrita coletiva. Todos ficaram eufóricos, levando certo tempo para se organizar. Solicitei que cada um pegasse uma folha de papel e começasse uma história que envolvesse a vida dos jovens e, ao sinal, passasse a folha para o colega sentado na cadeira atrás. Os últimos trariam para o primeiro da fileira ao lado direito. Assim se deu o rodízio.

Dos 34 alunos, apenas uma garota se recusou a participar, dizendo que não queria. Durante a atividade, os alunos faziam comentários sobre as histórias,

se mostravam curiosos para saber o que outro escrevia, davam risada e alguns iam até a carteira de outros. Somente nos momentos após as trocas das folhas, fazia-se silêncio, indicando uma atenção especial com a nova história que lhes chegava às mãos. A garota que não quis participar permaneceu calada; em alguns momentos, levantava discretamente os olhos, mas logo voltava para seus livros e cadernos abertos sobre a mesa.

Ao final da aula, recolhi todas as folhas e expliquei que na semana seguinte retornaria com a atividade e continuaríamos a trabalhar com ela. Apesar de curiosos em relação ao rumo das histórias, personagens e tramas, aceitaram encerrarmos o encontro.

Durante o intervalo entre esse encontro e o da semana seguinte, li várias vezes as histórias construídas pelos alunos para que eu pudesse me familiarizar com os temas que surgiram. Ao fazer a leitura das 33 histórias, pude separá-las de acordo com alguns temas emergentes: dezoito delas faziam referência ao uso de drogas, além de conflitos familiares, importância da escola, comportamento sexual, namoro, festas. As outras treze histórias não abordavam a questão das drogas, apontavam conflitos e temas familiares, situações com a polícia, escola, preocupações com o futuro e, principalmente, questões relacionadas à sexualidade: romances, sexo, doenças sexualmente transmissíveis, gravidez indesejada, prostituição.

Mesmo sabendo que todo esse material continha informações sobre o mundo dos jovens, após algumas leituras, comecei a dialogar de maneira particular com algumas histórias, com aquelas que apontavam a possibilidade de aprofundar as questões relacionadas ao meu tema de pesquisa. Separei oito histórias, tendo como orientação não só a presença das drogas como tema central, mas também uma narrativa mais organizada e diversificada na apresentação da vida dos jovens. Evitei aquelas que faziam muita referência a nomes de alunos da sala, que usavam palavras de baixo calão e que apareciam mais empobrecidas do ponto de vista do conteúdo. De qualquer forma, dois aspectos podem ser apreendidos na totalidade dessas histórias e devem ser comentados: a dificuldade de alguns alunos para dar continuidade à história e o

uso do espaço das histórias para liberarem comentários sobre os colegas. Com isso, podemos pensar em uma dificuldade de integração ao trabalho grupal e um clima de competição e certa agressividade no cotidiano dos jovens.

A partir daqui, deter-me-ei nas histórias selecionadas e transcritas que passo a apresentar em forma de síntese. Entre aspas encontram-se fragmentos das mesmas, tal como escritas pelos alunos, salvo correções de grafia realizadas para facilitar a leitura. Os títulos das histórias foram criados por mim posteriormente, para sinalizar ao leitor o conteúdo que poderá encontrar.

1ª história — “Quando um sonho se quebra...”

É a história de uma linda jovem que adorava se encontrar com os amigos. Em uma bela noite de verão, ela encontrou um garoto e se apaixonou por ele. Queria muito conhecê-lo, mas ele desapareceu e “ela entrou em depressão e começou a beber, a fumar e coisas mais”. A jovem “teve que pedir ajuda a seus pais e parentes para sair dessa crise”. Um dia, sua mãe percebeu que ela tinha usado drogas e ela confirmou que estava “doidona”, mas dizia que logo iria passar. De acordo com a história, a jovem “nunca mais foi a mesma”. Após pensar se falaria ou não com sua mãe, admitiu: “estou usando de tudo mãe! Crack, heroína, maconha e muitas outras drogas”. Ao ser questionada pela mãe sobre a razão para o uso de drogas, responde: “Porque eu não tenho atenção na escola, na rua e principalmente em casa, meus amigos não ligam pra mim eu fico excluída, de canto, e ninguém me chama pra sair. Por isso eu uso droga e é bem melhor que ficar na escola com aqueles retardados”.

A história revela o ideal romântico de uma adolescente que se apaixona. Ela descobre algo novo com a experiência da paixão. Entretanto, essa experiência abre o desamparo da jovem que, ao não conseguir encontrar o que buscava, se sente traída pelo mundo, experimenta o vazio e precisa de ajuda. Mas, ela não sabe expressar o que sente, encontrando dificuldade para pedir essa ajuda. Abalada pela perda do sonho encantado, com o desaparecimento do rapaz, a jovem vai para as drogas. Estas surgem como substituto para o que ela perdeu: a

experiência de um grande amor. Sua opção mais genuína era o garoto, porém, para suportar a dor de não ter o que deseja, recorre às drogas. As drogas entram, indiscriminadamente, de maneira a modificar a vida. A jovem sente-se desamparada. O que deseja originalmente é o amor do menino, a atenção e o afeto dos amigos e da família. Mas isso não consegue encontrar. Na história, o uso da droga ganha um caráter de falsidade, ou seja, daquilo que não é o que primeiramente a jovem deseja, entretanto, ante a falta, irrompe como possibilidade de alívio.

2ª história — “Drogas: cuidado, perigo!”

”Trata-se da história de um jovem de 17 anos, cheio de amigos. Ele gostava de uma garota muito educada, contudo, “tinha um péssimo problema — drogas — ele era “doidão” e não ia bem na escola”. Os professores perceberam que o rapaz estava indo para a escola drogado e, então, chamaram os pais dele para contar que ele não estava bem, “parecia estar drogado”. Os pais “falaram que não era culpa deles”, sabiam que o garoto levava drogas para a escola e “deixava todo mundo muito louco”, inclusive um professor. Esse professor, ameaçado de ser preso, pegou um revólver e fez a diretora como refém, enquanto a escola era isolada pela polícia. Na seqüência, o jovem começou a estuprar toda a família e “quando passou 2 dias, começou a querer matar, roubar e fumar drogas, injetar, fumar, cheirar e tudo que não presta, e então, ele pegou uma menina e começou a estuprá-la no meio da Av. Paulista”. Ninguém parava para ajudar com medo dele. Esse jovem foi pego pela polícia e encaminhado para a Febem. A história desse rapaz conta o que pode acontecer com o jovem que usa drogas: “por isso, os jovens não devem se misturar com drogas e outras coisas que não prestam”.

Esse jovem tinha amigos, namorada, mas usava drogas e não ia bem na escola. Essa combinação anuncia seu problema. A vida escolar, aquilo que pode garantir um futuro com maiores perspectivas, encontra-se abalada e o uso de drogas favorece o fechamento desse futuro. A perda do sonho pode levar o jovem a viver no imediato das experiências de prazer, sendo esse prazer um fim em si

mesmo. Sem projeto, a droga não representa a possibilidade de um novo sonho. Ao contrário, a desistência destes. Quando não há sonho, a violência parece inevitável. A droga aparece com seu potencial destrutivo, aflora a sexualidade de forma agressiva, leva ao rompimento de uma sensatez média, de um senso comum. O jovem que usa drogas pode passar a submeter os outros à condição de objeto de prazer; ele fica isolado e pode ser punido pela lei. Esse potencial destrutivo alerta para a necessidade de o jovem não se envolver com drogas.

3ª história — “Desejos juvenis”

“Os jovens gostam de dançar, curtir as noites adoidado, todos muito loucos...” Os jovens não sabem bem o que é a vida. Mas, há muitos que desejam viver uma “vida real” e, para isso, dão valor à vida e continuam seguindo o caminho certo. Se a droga entrar no caminho, devem sair correndo para se manter na direção de seus sonhos. “Apesar de jovem só falar de drogas”, alguns querem passar bem longe, trabalhar e “conquistar tudo o que for possível nesse mundo e ser muito feliz, principalmente no sexo e na vida”.

Nessa história, eles falam sobre os jovens, reproduzindo um discurso impessoal e distanciado. A droga apareceu em oposição à ambição do jovem. O desejo de conquistar algo fica ameaçado pelo imediatismo do desejo das drogas. Estas podem prejudicar o futuro e, portanto, os jovens sentem a necessidade de se manter distantes delas. Apesar do alerta, os jovens correm riscos porque a droga está muito presente na vida deles. Os jovens só falam de drogas e isso indica uma ambigüidade, elas podem ter algo de interessante para eles, porém elas se mostram sempre como o avesso da vida desejada.

4ª história — “Para que servem os amigos?”

Um jovem vê um menino drogado na escola e tenta dar uma solução para o caso, mas “ele estava muito louco... ele não quis”. Esse jovem tentou dar um conselho ao menino, dizendo “que essa não era a vida que ele merecia. Mas ele não ouvia”.

O menino que usava drogas aceitou participar de um grupo de auto-ajuda, porém não adiantou. Quando questionado sobre porquê não conseguia sair das drogas, respondeu: “Porque eu tinha muitos amigos que fumavam e por isso não conseguia parar com o vício das drogas”. O uso de drogas levava ao aumento da libido, ele: “ficava louco, queria beijar... ele começava a tirar a roupa na frente de todo mundo”.

Na visão dos jovens, quem se envolve com drogas se fecha para os outros, isto é, tem dificuldade para receber ajuda, perde as medidas comuns da vida cotidiana e perde a vergonha. A droga é compreendida na referência polarizada do bem ou mal, quer dizer, ela representa o mal, ela vicia e enlouquece, ou seja, é algo muito destrutivo: o que impera é o mal!

5ª história — “Contagante e destrutiva: que droga!”

“Os jovens gostam de baladas, sexo, bebidas, drogas etc”. Uma menina usou drogas e não conseguiu mais parar: “Ela começou a usar drogas e sua vida ficou muito ruim, pois drogas não é nada bom”. “Ela precisava de apoio da família”. Quando a família descobriu, aconselhou-a a se tratar em uma clínica, mas ela não quis, dizia que era bom. Convenceu seus pais a experimentarem drogas e, quando eles o fizeram, morreram. Ela ficou sozinha e foi morar debaixo da ponte. Lá, encontrou Kurt Cobain (guitarrista de um conjunto norte-americano que se suicidou) tocando violão e fumando maconha. Formaram uma banda, com outro drogado, que tocava contrabaixo. No entanto, depois de fumar um baseado, “ele estuprou criancinhas debaixo da ponte... ficou muito doido e começou a tirar a roupa embaixo do viaduto, e começou a se masturbar na frente de todos, e então apareceu um bandido e deu um tiro no pênis dele e ele foi para o hospital...”

As drogas fazem parte dos interesses dos jovens e acabam se tornando perigosas por liberar a violência, a agressividade, a sexualidade desmedida. As drogas fascina e amedrontam, uma vez que sua força pode matar aqueles que delas se aproximam. Diante disso, o jovem vê a importância de permanecer afastado delas, mas, quando experimenta a solidão, pode não conseguir tal coisa.

A droga pode remeter o jovem a ilusão de um sonho, porém este é logo destruído pelas desmedidas e perigos envolvidos no consumo. Essa história revela-se como uma advertência para que as pessoas fiquem longe das drogas.

6ª história — “Um alerta contra as drogas”

A história é sobre as drogas na vida das pessoas:

“Drogas o nome já diz: é uma droga. Porque a droga é uma coisa muito horrorosa, porque ela só leva para um caminho ruim, como viciar... porque a droga é uma coisa muito feia, essas drogas e bebidas só nos levam a morte. A pessoa que usa droga é uma pessoa que, podemos dizer, sem futuro... Para eles é tudo de bom, o mais mau era saber que não é felicidade nenhuma. É a própria morte. E às vezes, tem gente que tenta sair e não consegue”. Em relação aos jovens, a história também conta que alguns ainda são crianças, mas outros adultos. Para eles, os jovens pensam diferente, são arrogantes, desatentos e, por acharem que sabem tudo, acabam se dando mal. “Os jovens têm muita vida pela frente”.

Novamente, a droga é apresentada como algo muito destrutivo, um caminho ruim e de mão única, que pode prejudicar o futuro e levar à morte. Os jovens, às vezes, podem se sentir despreparados para enfrentar o futuro, porém a arrogância deles pode encobrir a falta de orientação e, com isso, prejudicá-los. Essa história parece um alerta para si próprios, que enfatiza: as pessoas que prezam a vida não devem se aproximar das drogas.

7ª história — “Futuro e drogas: combinação impossível”

Os jovens são amigáveis e têm facilidade para fazer amigos. Ficam preocupados com a possibilidade de se envolverem com drogas porque este é um caminho ruim, “não vão arrumar nada a não ser matança”. Quando o jovem se envolve com drogas, ele rouba ou vende as coisas de dentro de casa para comprar drogas e pode até matar, “as drogas só acabam com ela mesma”. Os jovens também têm

momentos bons, gostam de sair, namorar, curtir a vida, mas, às vezes, isso os afasta da família. Drogas e violência não fazem parte de um futuro desejável e alguns jovens não conseguem entender por que as pessoas entram no mundo das drogas, já que, segundo eles, existem duas opções para quem entra: “a cadeia ou o cemitério”. A cadeia ainda parece ser a melhor opção que a morte, porque resta a possibilidade de continuar vivo e mudar de vida.

A droga aparece como possibilidade de envolvimento fácil, está no horizonte do jovem, que tem de se confrontar com isso. A droga o arreata para roubar, matar, gera violência; pode trancar seu futuro e não levar a nada, senão a ela mesma. O jovem pode fazer qualquer coisa pela droga e, com isso, estragar o que ele tem de bom na vida. Às vezes, eles próprios não conseguem compreender o apelo das drogas. É como se houvesse uma questão não formulada: como algo tão ruim assim, tão destrutivo, pode ser tão atraente?

8ª história — “Curiosidade ameaçada”

Refere-se à história de uma jovem que, um dia, ao acordar bem alegre, resolveu sair. Não sabia bem aonde ir e foi à casa de uma amiga. Elas começaram a conversar sobre drogas e sobre a possibilidade de “entrar no mundo das drogas”. Chegou um homem que as aconselhou a não entrar no caminho das drogas “porque a vida é curta, só vai te trazer coisas ruins, como matar os outros e começar a roubar as coisas dentro de casa para trocar em drogas”. A questão das drogas é vista como algo que faz parte das coisas ruins na vida dos jovens. Além disso, a história identifica coisas boas: beijar, namorar, transar. Assinala outras características dos jovens: “Os jovens não sabem curtir, querem ser um melhor do que o outro, na mente de alguns tem muitas coisas boas, mas tem outros que têm coisas ruins na mente”.

Mais uma vez, a droga aparece com seu poder desestruturante. Mesmo assim, é um apelo forte para o jovem, que pode levar à desconsideração com a família e com o próximo. Na voz de um adulto a visão estereotipada da droga é

transmitida. Os jovens são competitivos e muitas vezes se encontram despreparados para lidar com a vida.

De maneira geral, as histórias revelam uma compreensão e um posicionamento bastante radical em relação às drogas. O apelo destas se faz presente na vida dos jovens, que, como já havia aparecido no primeiro encontro, procuram dar conta da questão reproduzindo um discurso “pronto”, quase automático sobre os malefícios das drogas. Tal atitude defensiva parece impedir a possibilidade de se pensar no que é vivido, nos sentimentos contraditórios, nas alternativas de caminhos, gerando uma cegueira que pode comprometer a elaboração de escolhas mais criativas.

Reflexão ou inflexão? Sinais de enrijecimento

Diante do conteúdo apresentado, elaborei algumas perguntas para esclarecer certas afirmações contidas nas histórias. A intenção foi favorecer a reflexão sobre o que havia sido escrito e, talvez, proporcionar novos e diferentes desdobramentos.

Esse encontro teve como objetivo o aprofundamento de questões emergentes nas histórias e a discussão em pequenos grupos para a elaboração das respostas. Propus que os alunos presentes formassem oito grupos para a realização da atividade. Distribuí para cada grupo uma das histórias escolhidas, bem como as perguntas construídas a partir da leitura das mesmas. Percorrendo os grupos, percebi certa dificuldade em refletir sobre as perguntas: as respostas pareciam já estar prontas e quase sempre apontavam uma posição rígida em relação ao tema das drogas. Mesmo propondo um questionamento, os alunos pareciam convictos e fechados em suas respostas. Esse fato chamou-me a atenção e veio ao encontro do conteúdo das narrativas das histórias que, de modo geral, revelam a questão do uso de drogas como algo temível e condenável pelos alunos.

Como síntese dessa atividade, reuni as respostas já agrupadas em seis constelações. Segue abaixo, numeradas, as constelações e as frases que constituem cada uma delas.

1. Visão que os jovens têm das drogas:

- “Nós nos sentimos muito esquisitos perto de pessoas que fumam drogas.”
- “Não leva a lugar nenhum. O nome já diz, é uma droga.”
- “Não tem como viver em paz nesse mundo das drogas.”
- “Os jovens sabem que o mundo das drogas não leva a lugar nenhum.”

Nessas afirmações, podemos confirmar que as drogas são vistas, de maneira geral, negativamente. Aparecem como um caminho intranquilo, ou melhor, como um “não caminho”, possuidor de uma destinação desfavorável.

2. Motivações para o uso de drogas:

- “Quando a pessoa está deprimida ela não vai pensar qual que ela vai fumar primeiro, ela vai pegar qual vier pela frente.”
- “Quando a pessoa está muito solitária ela vai se preocupar em enturmar-se com pessoas que usam drogas.”
- “Quando eles estão sozinhos eles procuram pessoas para se enturmar, com os amigos que usam drogas.”
- “Um modo de desfazer dos problemas.”
- “Um modo de se divertir nesse mundo inferior.”
- “Ela pensava em esquecer um pouco de sua vida real.”
- “É um modo deles quando estão nesse mundo se libertar do mundo real.”
- “Curiosidade.”
- “Os amigos que influenciam quase sempre.”

- “Também tem o caso das pessoas que entram porque querem.”
- “Também como um meio de fugir dos problemas.”
- “Elas acham legal.”
- “Quando usam drogas não lembram de seus problemas.”
- “Pensam que entrando no mundo das drogas, pensam que vai ser tudo melhor.”
- “Para serem “Legais” é que eles usam drogas.”
- “Às vezes os pais não demonstram ter amor por eles, e o consolo é a droga.”
- “Entrar em um mundo fora da realidade.”

Através dessas frases podemos ver que o uso de drogas aparece como forma de aliviar sofrimentos e desprazer. A droga serve para lidar com as dificuldades da vida, do mundo caído, “inferior”, que compromete a realização de sonhos. O “mundo real” pode ser frustrante quando não contempla os desejos e planos e a droga surge, então, como possibilidade de fuga dessas frustrações. A solidão e a necessidade de pertencimento a um grupo também favorecem que os jovens usem drogas. Comumente aparece nas falas a possibilidade do uso de drogas como alternativa secundária diante de dificuldades enfrentadas. Em outras palavras, os jovens gostariam de não ficar solitários ou de não ter problemas, em vez de usar drogas, ficando a opção pela droga vinculada a não realização de desejos mais originais. Assim, o jovem parece mais responder a uma circunstância, ser vítima de uma situação, do que buscar, inicialmente, as drogas. A curiosidade na promessa de experimentar um mundo diferente aparece muito discretamente.

3. Riscos associados ao uso de drogas:

- “Ele rouba para sustentar seu vício. Ele mata quando está drogado e estupra quando está doído.”

- “Ele planta maconha atrás da casa dele. Quando vem polícia, ele sai correndo e tira a planta e esconde, ele vive desconfiado e isso é muito ruim.”
- “Já usava há muito tempo deveria estar viciado.”
- “As pessoas que entram nesse mundo não conseguem sair, e se saem morrem depois de uns dias.”
- “Estão viciados, e não há mais saída.”
- A vida “fica um lixo porque eles se dedicam 100% à droga, e isso faz com que eles fiquem sem tempo para curtir a vida de uma maneira legal.”
- “As pessoas começam a matar os outros, a roubar as coisas de dentro de casa para trocar em drogas.”
- “Os jovens não têm noção do estrago que as drogas fazem.”

Em síntese, a droga aparece com sua força destrutiva, leva ao crime, à perda do controle de si e à morte. É uma ameaça à possibilidade de o jovem ser feliz porque, ao se entrar no mundo das drogas, se instala uma situação praticamente irreversível. A irreversibilidade é um índice da força das drogas, que se mostra impossível de ser combatida.

4. Reação dos adultos (família/escola):

- “Depende das famílias, agem com desprezo, nem ajuda. E outra, o ajuda a se tratar.”
- “A escola agiu certo contado para os pais.”
- “A posição dos adultos é manter a maior distância dos filhos das drogas.”

Aqui, a proteção dos adultos parece importante para os jovens, mas eles nem sempre se sentem amparados. Talvez esse desamparo assinala a distância entre esses jovens e seus familiares.

5. Influência dos amigos:

- “E com os amigos que tinha o incentivado a usar, ele se recusava a receber, a parar, mesmo com os conselhos dos amigos.”
- “Ele não ouvia o conselho dos amigos porque antes de começar a fumar, ele já tinha amigos fumantes e por causa deles, começou a fumar e não parou mais.”
- “Era seus “outros amigos” que o induziram para esse vício que até hoje fuma.”
- “Eles entram no êmbolo dos amigos, mesmo fazendo mal a si próprios.”
- “Na maioria das vezes, eles entram nessa porque os amigos oferecem drogas.”
- “Eles acham que se eles não experimentarem, os amigos irão se afastar deles.”

Essas passagens sugerem que as amizades podem influenciar os jovens a usar drogas. Diante da necessidade de pertencimento, o jovem pode envolver-se com as drogas e, uma vez instalada uma relação de dependência, podem desconsiderar a possibilidade de ajuda, pois a força da droga será sempre maior.

6. Estratégias de proteção contra as drogas:

- “Eu passo bem longe das drogas.”
- “Não se misturar com pessoas que vivem nesse mundo.”
- “Quando oferecerem: “Diga não.”
- “Se você entrar nesse mundo, procure alguém que possa ajudá-lo.”

Para se proteger das drogas, o jovem adota uma postura rígida e asséptica, empregando um discurso construído já a partir da necessidade de evitar qualquer contato com elas.

A essa altura, eu já reunia um razoável conjunto de informações sobre a vida dos jovens e, principalmente, um pouco do que a maconha significava para eles. Após uma pré-análise do conteúdo emergente nessas atividades, marquei um encontro para a devolução das informações com os jovens. Nessa entrevista, além de explicitar a compreensão do conjunto de dados, que até o momento eu tinha reunido, deu-se, também, a oportunidade de reabrir o diálogo com os jovens.

Alguns esclarecimentos

Reuni toda a turma na sala de leitura da escola e, com a ajuda de alguns alunos, montamos um telão para a exposição dos dados. Os participantes ficaram entusiasmados com a atividade e permaneceram atentos enquanto eu retomava a descrição de todos os encontros realizados.

Iniciei a projeção dos *slides* apresentando algumas constelações retiradas da pré-análise dos dados: as características dos jovens; seus interesses e preocupações. Entre os temas mais freqüentes, dividi as questões ligadas à sexualidade e às drogas. Especificamente em relação às drogas, apresentei: as motivações para o uso; o que induz; o que protege; as ameaças; os conflitos e o impacto do uso na vida.

Durante a apresentação dos três primeiros itens, a turma ficou agitada, fazendo comentários em relação aos colegas ou a si mesma, dando risadas. Quando apresentei as temáticas da sexualidade e drogas, o clima mudou, a classe ficou mais calada, mostrando-se atentamente curiosa. Com o *slide* sobre as motivações para o uso, uma aluna resmungou: “mas eu não uso drogas”. Ela pareceu brava. Lembrei ao grupo que, aqueles dados não falavam da vida de nenhum deles em particular, que era um retrato das questões que mais apareceram nas histórias sobre a vida de jovens imaginados, criados por eles. Por isso, trouxera para nossa conversa. Nesse momento, um professor, que estava presente na sala e havia pedido para assistir a atividade, perguntou se poderia participar. Ele disse que se tratava de temas importantes e que todos ali conheciam pessoas que usavam drogas; alguns alunos completaram, salientando

que, o fato de não se usar drogas, não impedia que aquilo fosse uma questão na vida deles. Continuamos a conversa, mas com a evidente clareza de que a situação não agradava a todos. Ao final, a garota que havia falado inicialmente e um grupinho que sentava a seu lado se mostraram indisponíveis para a atividade, iniciando uma conversa paralela. A oposição teve impacto em outras pessoas da turma que assinalaram criticamente a postura dos colegas.

Essa situação remeteu-me a um ponto que, desde o início, se colocou como questão neste trabalho: a revelação do tema da pesquisa. Lembro que, pela preocupação de não expor ninguém, os objetivos do trabalho foram apresentados de maneira ampla, sem que fosse explicitado o tema da maconha. Procurou-se criar, com isso, uma situação que envolvesse a todos, para que os alunos pudessem falar sobre a vida dos jovens. O fato de não ter sido revelado, desde o início, o meu interesse específico sobre a questão da maconha trouxe algumas implicações no decorrer do caminho, principalmente tendo em vista a manifestação dessa menina. Como vimos, na hora de devolver para eles o que havia sido dito pelo grupo, essa garota e um grupinho de colegas pareceram não ter sentido suas expectativas contempladas, resistindo em aceitar o que estava sendo colocado. Não cabe aqui tentar interpretar os motivos pessoais de cada aluno para aceitar ou recusar o que estava sendo apresentado, mas, de qualquer forma, podemos pensar que, ao abrir o tema das drogas como parte da vida dos jovens, talvez tenha se imposto uma situação indesejada para aqueles que não se autorizam a falar nem mesmo refletir sobre o assunto.

A experiência de contato com toda a turma e os dados obtidos até esse momento já se revelavam riquíssimos para as análises, entretanto, para mim, permanecia o desejo de aprofundar o trabalho com alguns jovens e encaminhar as entrevistas na direção de um diálogo um pouco mais pessoal.

Até aqui, muito já havia sido referido, espontaneamente, pelos alunos, sobre a compreensão que eles têm das drogas no mundo em que vivem. Entretanto, conforme apresentado nas páginas anteriores, não foi possível fazer uma distinção clara da maconha nesse universo.

Nesse ponto do trabalho, já se confirmara para mim algo que se mostrava patente durante as entrevistas anteriores: certa rigidez e um discurso estereotipado, além de uma dificuldade para refletir sobre o tema das drogas, como se, para permanecer longe do mundo das drogas, alguns jovens precisassem, inclusive, se fechar para o assunto.

Se, no início, como foi dito antes, a proposta era trabalhar com a narrativa em terceira pessoa, tendo a preocupação de favorecer espaços em que histórias de vida dos jovens pudessem ser apresentadas sem que houvesse uma exposição deste ou daquele participante em particular, nesse momento, comecei a considerar a necessidade de aprofundamento das entrevistas. Em função disso, busquei uma situação que favorecesse maior intimidade e abrisse a possibilidade de cada um falar na primeira pessoa, ou seja, falar de suas vidas e experiências, do modo como viviam e sentiam a solidão, as preocupações e problemas, o uso de maconha, temas até então apresentados nas narrativas sobre o mundo dos jovens. Decidi pela formação de um grupo menor de alunos.

Redirecionando o caminho — 2º ato

Ao final da devolutiva, convidei voluntários para continuarmos uma conversa. Sugeri que poderia ser um membro de cada grupo formado no encontro anterior. Duas meninas, que não estavam presentes no último encontro, se mostraram muito interessadas em permanecer, aguardei que a organização se desse entre eles e, por fim, um grupo com onze alunos (três meninas e oito meninos) constituiu-se voluntariamente.

Na seqüência, agradei, novamente, a presença de todos e solicitei a autorização para gravar o encontro. Expus a proposta de aprofundarmos alguns temas que haviam aparecido na vida dos personagens e nas histórias, ressaltando que, desta vez, a idéia era conversar sobre a vida deles. Falei da importância de cada um ali estar à vontade para verbalizar o que tivesse vontade e pedi respeito de uns com os outros, que fossem cuidadosos com o que cada um falasse.

Nesse encontro com o grupo, discutimos, então, alguns temas emergentes nas atividades anteriores, como a questão da solidão entre os jovens, das amizades, da vulnerabilidade e necessidade de pertencimento, dos recursos que os jovens têm para lidar com sofrimentos, sentimentos indesejados e situações desfavoráveis; buscava aprofundar, nesse cenário, a possibilidade de novos âmbitos de significações para a compreensão da maconha no mundo desses jovens.

Durante essa entrevista, a solidão aparece associada à falta de atenção dos pais: “Os pais dão mais atenção para os pequenos e eles acham que os pais gostam mais deles do que dos mais velhos, aí se sentem mais sozinhos, sem apoio, sem atenção...” E, também, associada às ameaças que as amizades podem representar: “O medo de amizades... que podem prejudicar... É como se ele tivesse medo das pessoas, que elas atrapalhem ele, ele se isola para ficar protegido”. “Prevenido e protegido.”

No relacionamento com amigos, o jovem pode se envolver com brigas e também com drogas, então: “Ele se protege mais sozinho ‘do que com companhia’”. Quando está sozinho, procura se distrair ouvindo música, lendo um livro, dormindo, porque sem isso: “Começa a pensar um monte de negócio, você pensa um monte de coisa, às vezes você pensa até besteira, coisas que você não queria fazer..., ‘o que aconteceu’, é, ‘o que poderia ter acontecido’, o que poderia acontecer se você não tivesse isolado, ‘arrependimento’, essas coisas”.

Há momentos em que os jovens estão tristes ou preocupados e têm vontade de conversar com alguém, mas, muitas vezes, preferem guardar para si mesmos: “Na hora que não necessita, faz de conta, nessa hora, aparece uns trinta, na hora que você tá precisando não aparece ninguém... É mais fácil você ficar sozinho do que pedir ajuda para alguém. ‘Pior que é.’”

O clima de insegurança está presente e se coloca, possivelmente, em função de uma perspectiva de abandono. O jovem está sempre ameaçado pelo que pode vir do futuro, seu mundo é frágil, os amigos podem lhe trazer problemas e o isolamento surge como possibilidade de proteção. Ele tenta se convencer de que é melhor assim, até porque, quando precisa de alguém diferenciado para

conversar, é difícil encontrar. De acordo com algumas colocações, percebe-se que o mundo em que vivem parece não oferecer parcerias confiáveis, com as quais eles possam estabelecer relações de maior proximidade e intimidade.

Para lidar com a solidão, “tem pessoas que vai e experimenta drogas, tá sozinha, não tem nada, vai e experimenta e gosta. ‘Tem pessoas, que chegam nessa pessoa que tá isolada pra...’ ‘pra oferecer...’ ‘oferecer né...’ ‘Pra pegar a fraqueza dele e fazer ele virar usuário’. ‘Aí, a pessoa já tá na solidão...’ ‘Virar usuário, roubar matar’, ‘Já tá infeliz com alguma coisa’, ‘já tá ferrado...’ ‘aí se ele gostar, ele vai entrar de jeito...’ ‘vai entrar no crime’”. Aqui, podemos perceber que as drogas surgem no horizonte da solidão de alguns jovens.

Como já vimos em momentos anteriores, a ambivalência dos jovens em relação às drogas sempre aparece na medida em que estas também se revelam como algo que traz alegria, suprime problemas e deixa “doidão”: “É quando não tem nada pra fazer... ‘Quando cê fuma droga, cê fica alucinado, aí quanto mais cê fumar, cê fica alucinado...’ ‘Fica alegre...’ ‘aí ele tira os problemas que ele tem na vida pra ficar na droga, pra ficar alucinado...’ Pra ficar doidão”.

Mas existem os jovens que se sentem sozinhos e procuram outros recursos para lidar com isso, sem recorrer às drogas: “Ouve música, tenta fazer alguma coisa, procura alguma coisa... ‘tenta procurar alguém...’ ‘E se não achar?’ ‘pra desabafar...’ ‘Ou cê fica deitado ouvindo música ou vendo televisão...’ Vira escritor... ‘decide fazer um livro (risadas)...’ É sério, se você tenta fazer alguma coisa, não consegue chegar nas pessoas, não consegue fazer nada, faz alguma coisa pra cuidar da vida, escreve, ouve música ou dorme o dia inteiro”.

Os problemas que eles vivem, embora não sejam revelados diretamente, em um primeiro momento, também são relacionados ao isolamento:

“parece que cada um tem problemas... ‘mas tem uns que têm problemas e gosta de esconder, aí, por isso que se isola, por causa dos problemas...prefere mais ficar isolado do que contar esses problemas pra alguém, do que contar isso pra alguma pessoa e isso prejudicar ele depois. É um fator de isolamento

esse problema que vai surgindo... Ele fica com medo de querer contar para alguma pessoa e vai se isolando”.

Fica claro que esses jovens parecem encontrar poucas alternativas para lidar com a solidão. Esta se apresenta como um problema que se reaviva para eles quando não encontram ajuda. Mesmo com seus pares, os jovens não se sentem “em casa” à vontade para compartilhar as coisas. A intimidade parece algo novo e ameaçador e, diante disso, muitas vezes, ficam retraídos e se isolam.

Retomada a questão sobre o uso de drogas presente nas histórias, a perspectiva de fugir de problemas (“fugir da realidade”) e pertencer a um grupo fica, uma vez mais, associada: “As pessoas que usam drogas vivem fora da realidade e eles mesmos formam um grupo, aí ele se mistura; ele se mistura nas duas coisas ao mesmo tempo, que é fugir da realidade e se juntar a um grupo”.

Em algumas passagens surgem, novamente, aqueles perigos das drogas, como sua força aprisionadora e destrutividade: “Muitos conseguem sair das drogas... ‘Mas é difícil...’ Mas tem uns que conseguem... ‘Tem que ter uma ajuda de alguém...’ É... ‘Ele não sai sozinho...’ Não... Muita gente quando usa droga e não tem mais, fica louco, vai pra matar, pra roubar, pra qualquer droga”.

Dessa forma, podemos ver um jovem que se encontra diante da droga sem recursos para enfrentá-la. Disso, depreendemos que, se, no entanto, o jovem que usa droga procura alcançar um mundo diferente, longe de problemas, e ainda experimentar a sensação de pertencimento, esse jovem também se arrisca em uma experiência extremamente perigosa, que pode levá-lo ao crime, sendo impossível abandonar sem a ajuda de alguém.

As drogas continuam a ser interpretadas indiscriminadamente. Quando falam de drogas, querem dizer “das drogas de maneira geral: heroína, maconha, ecstasy, farinha, crack, cola, de tudo... ‘é o mesmo mundo’”. O que começa a ser diferenciado é o cigarro: “Cigarro é bem diferente de drogas. Apesar de que cigarro mata mais, só que drogas, eu acho que é bem diferente, porque cigarro, ele não deixa alucinado que nem as drogas, a dependência de cigarros é diferente”. Os jovens assinalam a questão da legalidade e ilegalidade das drogas

e certa permissividade em relação à maconha: “A maconha é ilegal e o cigarro é legal, entre aspas, quer dizer, a maconha também é legal, porque se fosse ilegal, a polícia tava em cima, mas não tá em cima, a polícia chega até a usar, é ilegal só no papel, porque na forma ninguém respeita... ‘É ilegal no registro...’ É não paga imposto”.

Como vimos, no universo desses jovens, a maconha não se diferencia das outras drogas ilegais. O mundo que libera a maconha também libera o crack, a cocaína etc. Na experiência de uso dessas drogas, o jovem fica “alucinado”, e, no fundo, o que fica em jogo é a possibilidade de ser punido pelo uso de substâncias que podem levar à cadeia.

Surgem histórias envolvendo familiares e pessoas que usam drogas: “Meu tio já fumou todas as drogas, todas, e sempre falou pra mim: mano nunca experimenta, a primeira que você experimentar você não vai sair, eu te garanto... ‘Eu conheço um policial que usava todas, ele só não usava crack, porque ele tinha medo. Crack deixa louco...’ Meu tio fumava crack... ‘é a pior droga, porque crack mata e se não mata ele deixa você louco’”. Com essas histórias aparece a vontade de alguns de experimentar, “eu já tive vontade de usar... ‘Eu também já...’ Eu tive curiosidade de saber... ‘Na hora que você fica nervoso e solitário eu tinha vontade, eu já cheguei até a fumar cigarro.’” Para lidar com essa vontade e não experimentar, buscam informações técnicas ou experiências negativas de outras pessoas, as conseqüências que confirmam seus medo e as ameaças encontradas nas drogas:

“Oh tipo, eu não tenho curiosidade de saber, porque quando eu tive vontade, pra eu tirar essa vontade, eu pesquisava tudo sobre isso, eu lia tudo, eu ia do começo ao fim, aí eu via tudo que tem... As conseqüências, faz de conta, você vê alguém fumando, aí você pára pra pensar o que acontece com ele depois... eu pensei: ou ele vai ser preso ou ele vai ser morto, ou ele vai continuar fumando ou ele vai morrer de qualquer jeito, então é melhor morrer com saúde do que morrer com maconha... ‘Pessoa desse tipo só tem dois destinos ou a morte ou a cadeia...’ ‘E na cadeia

também pode morrer...’ ‘É dependendo do grupo...’ E tem a Febem também, que falam que é pra recuperar jovens, mas esse recuperar é pra continuar a mesma coisa... é entre aspas porque sai pior que entra... ‘é...’ eu tenho um amigo que é usuário, e o outro está preso por causa disso... ‘Aí é que tá, tem muita gente que fuma, fuma e consegue sair, mas depois que entrar de novo, aí já era...’ ficam seqüelas... ‘eu vi, porque eu tenho um primo que é usuário, aí eu vi como que ele fica depois”.

Através desses depoimentos, podemos perceber que há sempre uma pessoa próxima, um parente ou conhecido, que faz uso de drogas. Ao mesmo tempo que a ameaça está posta pelas histórias que acompanham o uso, a tentação também se faz presente para o jovem. Quando ele se vê diante de um problema, a droga é colocada como alternativa. Mas a visão destrutiva das drogas, os medos e o sofrimento que o uso pode trazer são alertas considerados pelos jovens para se lidar com o forte apelo que a droga lhe faz.

Ao longo da entrevista, as drogas, principalmente o álcool e a maconha, vão aparecendo com ares de familiaridade na vida desses jovens:

“Só pelo cheiro, quando alguém tá fumando, você já percebe, só pelo cheiro... ‘Eu já acostumei com o cheiro...’ Eu também... ‘Aqui oh, diariamente...’ ‘Direto...’ tem gente... na escola? Não, na rua... aí cê passa pela rua, aí o cheiro parece que é normal, porque de tanto você passar por lugar que tá tendo, você acostuma com o cheiro... ‘Eu tenho um tio que é até engraçado, ele gosta desse cheiro, ele não usa, nunca usou nada, mas ele gosta do cheiro, se sente bem com o cheiro...’ ‘Eu não gosto, quando eu tô perto, assim, eu começo a ficar tonto, eu não gosto”

“Muita balada rola muita droga, muita briga... ‘Muita bebida...’ ‘Eu já fui parar no hospital por causa de bebida...’ ‘Na época que eu saia, era só mistura, misturava conhaque, vinho, batida, uíque...’ ‘Eu bebo até hoje, mas não de ir pro hospital entendeu?...’ ‘Mas

agora você manera... eu quase entrei em coma alcoólico a última vez que eu bebi desse jeito...' 'Mas eu bebo também mais por embalo... sei lá eu acho gostoso...' 'Tem umas bebidas que é gostoso'"

Há uma diferenciação no modo como eles se referem ao consumo dessas duas substâncias, maconha e álcool, baseada na questão da legalidade e ilegalidade, "é mais seguro, pra mim é mais seguro... 'É porque pra você ver, o álcool aparece na mídia, tipo cerveja, já a maconha não aparece, ela é mais restrita ao você querer ver...' E se a maconha fosse popular, você usaria? 'Não.' 'E você usaria?' Não. (risadas)"

Os jovens convivem com a maconha, assim como com as bebidas. Entretanto, parece haver um tabu em relação à maconha por ela ser ilegal e estar associada ao tráfico. A visão pública das bebidas favorece maior tolerância dos jovens com o prazer promovido pelo consumo das mesmas, sendo até possível estabelecer certo controle e equilíbrio, mesmo após uma experiência desmedida com o álcool. Já, quando pensam na maconha, a entrada no mundo ilegal parece sem volta.

As famílias, às vezes, podem favorecer o uso de alguma droga,

"tem muitos pais que induzem os filhos ao álcool, e à maconha não, porque tem pai que dá cerveja pra filho com 10, 11 anos de idade, ele vai virar alcoólatra... 'Meu pai dava cerveja pra mim...' Meu tio me dava cerveja... 'Meu tio também, só que meu tio morreu...' Meu tio me dava cerveja e eu tive que tomar glicose, já tava virando um alcoólatra já com 13 anos de idade. Tem pai que toma cerveja e o filho vai seguindo... 'Ah, e a madrinha da minha irmã, tem uma filha de um ano, ela dá cerveja na mamadeira...' 'Eu tenho um tio que usa droga dentro da minha casa, ele mora dentro da minha casa e aí, ele passa o pano pra mim, se eu um dia eu quiser experimentar eu podia porque ele passa o pano pra mim'"

Mesmo dentro da família, o jovem pode se sentir desprotegido quando os pais ou outros familiares se mostram despreparados para lidar com eles. A falta de consciência dos pais e a proximidade das drogas dentro do contexto familiar reforçam o sentimento de abandono que esses jovens experimentam.

Na seqüência, surge uma nova camada de significados: “Eu, pra falar a verdade, eu já experimentei a maconha, uma vez só, com ele (tio), e eu não fiquei bem louca, assim... Fiquei normal... eu não cheguei a conseguir tragar”. A jovem não tinha muita clareza de suas motivações:

“Eu não sei explicar, eu acho que eu usei, assim, por embalo, porque eu brigo muito com a minha mãe. Sabe, eu falei: ah, tô no cigarro, vou experimentar uma vez. Eu esperava... ah, porque todo mundo fala que fica ‘locão’, assim, eu esperava que quando eu usasse, eu ia ficar louca assim, ou eu ia dormir, só que eu fiquei normal”.

Sua expectativa era: “ficar louca... ‘Ficar alucinada...’ Ver tudo diferente... ‘É que nem ficar tonta quando baixa a pressão, você fica vendo dois...’ ‘Vê o mundo girar...’ Igual quando eu fiquei bêbada...” Ela revela que, quando vê seu tio fumando maconha, não percebe muita alteração nele:

“Eu não vejo ele bem louco, ele só fica com o olho vermelho e vai dormir... Ele só usa maconha pelo que eu sei... ‘Ele não é viciado...’ Ele conversa muito comigo, ele tem 22 anos, ele conversa muito comigo e ele fala que só quando dá vontade mesmo... É, ele é bom, assim, não mexe com ninguém... ‘Fica na dele”.

E conta que ele está desempregado: “Ele fica nervoso porque ele quer trabalhar, quer trabalhar... ‘Mas não consegue...’ Ele não consegue”.

Conforme o grupo vai ficando mais aquecido, novas informações são reveladas. Ao falar de sua experiência com a maconha, assim como de seu tio,

que é um usuário “bonzinho” e não se envolveu com o crime, essa jovem traz para o grupo a oportunidade de refletir sobre a possibilidade de uma experiência que não tem, necessariamente, um caráter tão destrutivo e irremediável, mas sim que pode favorecer uma experiência extracotidiana, de ficar “locão”.

Após o depoimento da jovem, aparecem outros pontos de vista que parecem relativizar esse caráter destrutivo da maconha, abrindo a possibilidade de outros entendimentos, como:

“a maconha, ela chega a atrapalhar as atividades físicas... ‘Porque que tem jogadores que se drogam pra jogar então?’ ‘É pra ficar mais ligado...’ Não, então, isso não é droga que eles usam, eles usam estimulantes. As pessoas que são usuários de maconha, os jogadores, quando começa a carreira e tá querendo ser jogador grande e não consegue, ele sente que ele vai querer usar... ‘Eu conheço uma pessoa que só joga doidona... toda vez antes de jogar bola ela usa maconha...’ ‘Fuma maconha pra ficar mais esperto...’ ‘Pra correr mais também...’ ‘Tem uns que ficam viajando...’ É que pra uns a maconha é estimulante, ela é estimulante... ‘Pra uns é calmante...’ A maconha, antigamente, era dada como remédio. A erva da maconha era dada como remédio até mil oitocentos e pouco, depois que ela foi proibida... ‘Descobriram...’ Aí foi proibida. Até lá, todo mundo usava, plantava em horta, todo mundo, cada dez hectares três era de maconha... ‘Tem um plantado perto da minha casa...’ Meu vizinho tem uma muda de maconha num vasinho que ele colocou até um desenho do Bob Marley do lado... ‘Na minha rua todo mundo fuma...’ ‘Tem pessoas que vai trabalhar de manhã cedo e usa droga pra ficar mais acordado, mais desperto...’ ‘Tem gente que trabalha, sua, dá o pão de cada dia pro seus filhos e consomem...’ Eu conheço policiais, eles são drogados. Pra você ver, muitos são, eu conheço um colega, que ele é policial, e ele falava que entre cinco colegas dele de guarda, três usavam maconha... Tenho colega que usa droga quando vai jogar futebol, ninguém

segura ele, ele dá uma bicuda e não dói nele, dói na outra pessoa, como se fosse... ele corta o sistema nervoso, parece que ele não sente dor... 'Meu padrinho usa como calmante a droga. Ele trabalha. Ele fuma igual eu como'.

Com essas revelações, começa a surgir um usuário que pode ser mais livre e criterioso, que trabalha e tem família, bem diferente daquelas imagens quase caricatas de maconheiros, assassinos e estupradores. Nesse momento, surgem novas possibilidades de significação para o uso. Percebem que nem sempre a maconha esteve associada ao crime e que algumas pessoas, mesmo fazendo uso de maconha, conseguem corresponder às tarefas de uma vida honesta. A maconha é vista, então, como um aditivo que pode aumentar a capacidade humana. Revela-se a idéia fantasiada de que a maconha, ao estimular, pode dar poderes ao usuário, por exemplo, torná-lo imune a dor e, por isso, pode ser fascinante.

Eles mencionam ainda as pessoas famosas que usam drogas:

“O Maradona no começo da carreira dele ele usava, aí depois...que ele usou, ele continuava, mas só que aí ele sabia a hora de usar e de não usar, porque ele tinha jogo, ele já chegou a jogar um jogo drogado... 'Meu pai já viu o Casagrande fumar maconha...' Ele era usuário de droga na época que ele jogava, ele fez tratamento. Ele ficou duas vezes em tratamento pra largar a dependência. Na mídia tem muitas pessoas o Maradona, tem atores que já foram dependentes... 'Cantores, tem o Belo, tá ferrado...' 'Mas o Belo é traficante...' Tem o cara lá do Twiste, do grupo, ele é dependente de drogas”.

Atribuem, também, o uso de drogas entre as pessoas famosas à “pressão que eles tem... ficar dentro daquele ambiente, você fica sobrecarregado, aí muitos vão, tipo, pra relaxar, pra acalmar”. Esse uso entre as pessoas famosas parece ser visto com um pouco mais de tolerância pelos jovens. Para eles, as pessoas que

estão na mídia têm mais recursos para lidar com o envolvimento com drogas. Identificam a possibilidade de recuperação, caso a pessoa não esteja envolvida com o tráfico. Mesmo para essas pessoas, o uso é visto na perspectiva de lidar com problemas, no caso, a pressão do trabalho.

Em outro momento, a jovem que revelou já ter fumado maconha, começou a falar de suas experiências. Ela apresentou dificuldades para responder às perguntas, evidenciando-se, assim, a necessidade de falar de sua biografia. Sua fala foi interrompida algumas vezes com derivações dos temas, mas ela parecia impelida a dizer o que tinha vontade. Para efeito dessa síntese, eis uma condensação das questões apresentadas por ela:

Antes de experimentar a maconha, havia aprendido a fumar cigarro com o tio que mora com ela, o que gerava conflitos entre ela e sua mãe: “Minha mãe, eu dou muito trabalho pra ela sabe, eu dou muito trabalho e ela sabia que se ela não deixasse eu fumar o cigarro, eu ia fumar escondido”. Ela conta que, por fumar cigarro, foi ameaçada por outro tio: “Meu tio que saiu da cadeia, ele falou que ia me dar um tiro na minha boca se eu fumasse, aí eu parei, por causa de medo dele”. Diante da ameaça, parou, mas “até hoje é uma tentação”. Diz que ela e o irmão são fontes de preocupação para a mãe: “Sabe, eu tenho depressão, eu fui no médico e ele falou que eu tenho depressão... meu irmão fez dois anos de psicóloga, com 10 anos... Minha mãe não teve sorte com filhos, os dois dão trabalho”. Apresenta sua depressão da seguinte maneira:

“Eu sou muito brincalhona, só que às vezes eu não sei, me dá um negócio que eu fico quieta... Eu fico pensando, porque eu tenho muito problema na minha família sabe, eu não queria falar aqui... às vezes, eu tô assim muito por falta de amigos, também, porque antes, eu tinha muitas amigas aqui, do ano passado, aí eu reprovei né, aí esse ano, sei lá, acho que não é a mesma coisa do ano passado... aí eu começo a chorar sabe, eu tenho depressão até hoje, assim, vai fazer um ano... Eu fico sem dormir, eu moro no alto, aí eu fico olhando na janela, nossa, a maior cara, até a madrugada, escutando um som”.

Fala que seus pais são separados e de como é a relação com eles:

“Eu converso com minha mãe, mas eu tenho assim, vergonha com ela, agora com meu pai não, meu pai vixe, meu pai não mora junto com minha mãe, ele é separado e eu acho que pelo fato disso ele me dá muito mais carinho”.

Percebi que essa moça, pelo fato de se expor mais ou, mais especificamente, pelas questões expostas por ela, se encontra em uma condição de vulnerabilidade. No entanto, não achei pertinente, na situação grupal, me deter nas singularidades da vida íntima de cada participante. Considero, sim, que o próprio grupo tenha se configurado como uma situação de acolhida para as angústias e necessidades dos participantes, e cada um, a sua maneira, pode aproveitar.

Assim como a menina, outros jovens também contam que seus pais são separados e que vivem com suas mães, parecendo ser essa condição bastante freqüente nessa comunidade.

O tema da depressão aparece na fala de outro rapaz:

“Quando eu comecei a beber e fumar (cigarros), tipo, eu tinha 12 anos... era a época que eu era mais depressivo, eu praticamente não saía pra lugar nenhum, aí eu ficava em casa, de vez em quando, eu saía e aí, eu fazia de tudo... Era a época mais depressiva porque eu não tinha muitos amigos... eu brincava, eu fazia tudo, mas só que era assim, eu tinha altos e baixos, tinha dias que eu queria fazer os negócios, tinha dia que eu queria ficar isolado. É por isso que eu não saía... Eu ficava triste, sozinho...de repente, eu ficava quieto, abaixava a cabeça e ficava lá... é coisa minha mesmo, eu fico assim porque eu gosto”

Amizade é outra questão colocada pelos jovens que, em alguns casos, aparece relacionada a esse estado de tristeza experimentado por eles:

“Eu vejo uma coisa, eu vejo a pessoa, assim, que era colega meu, que tá numa situação pior que a minha, que fuma, eu fico deprimido... Eu não preciso de amigos... Quando eu tinha amizades, eu não queria ficar muito ligada a ela porque depois, se desse alguma coisa e tivesse que desligar, eu poderia me prejudicar muito... ‘Tem gente que se apega muito aos amigos, aí, quando perde, se revolta...’ ‘Ah isso é verdade...’ (todos falam ao mesmo tempo). É por isso que eu não gostaria de ter amigos, não gosto de ter amizades sérias, porque tipo, atualmente, você vê, tem muita amizade falsa, aí... ‘É...’ ‘Tem...’ Faz de conta, você pega uma pessoa que você é maior amigo dela, aí ela vai e dá uma mancada com você, que vai acontecer com você?... ‘Eu era muito apegada as meninas do ano passado, aí, esse ano eu já fiquei mais deprimida por causa disso, sabe, não tem mais aquela agitação, porque sempre era as turmas”.

Como disse há pouco, alguns jovens encontraram, no grupo, uma oportunidade para colocar suas tristezas e desabafar. Com essas falas, os alunos revelam situações em que se sentem frágeis, sobrecarregados por problemas e preocupações. Muitas vezes, não encontram na família ou entre os amigos um suporte que lhes dê acolhida. Pelo contrário, a proximidade com os amigos pode, em algumas circunstâncias, gerar decepções que recolocam o jovem nessa condição de vulnerabilidade e abandono. As experiências vividas nem sempre se configuram como circunstâncias confiáveis, conforme já havia aparecido em encontros anteriores; eles se mostram inseguros em relação às famílias, aos amigos e a si mesmos, revelando, pois, um mundo vivido na ótica da desconfiança.

Ao longo da entrevista, o grupo favoreceu que os jovens se expressassem de maneira mais pessoal, rompendo, até certo ponto, com algumas falas mais estereotipadas em relação às drogas, que predominaram nas atividades anteriores. Desse modo, abriu-se um espaço, novamente até certo ponto, de confiança, que possibilitou um novo momento do trabalho. Com base no vínculo

construído ao longo dos encontros, decidi revelar a esses jovens o foco específico da pesquisa, a saber, a compreensão da maconha no mundo dos jovens de periferia. Se, no início do trabalho, hesitei em apresentar o tema específico da pesquisa para os alunos, optando por não fazê-lo em nome de um cuidado com os participantes, penso que nesse momento, esse cuidado pedia reformulações. Olhando para o processo, conhecendo melhor os alunos e sendo mais bem conhecida por eles, não encontrava mais motivos que justificassem a manutenção dos pruridos em relação ao tema das drogas. Pelo contrário, sentia-me com a responsabilidade de poder trazer realmente à luz a questão do uso de maconha, caso contrário, incorreria no erro de replicar toda uma série de preconceitos vigentes, inclusive entre os alunos. Além do mais, já ficara claro para mim que o processo do grupo estava caminhando no sentido da ampliação da compreensão de questões vividas por eles e por que não dar a eles a possibilidade de falarem claramente sobre a maconha?!

Após uma reunião com a coordenadora pedagógica para informá-la sobre o andamento das atividades, reuni os onze alunos novamente para contar-lhes o percurso desenvolvido e fazer uma nova proposta aos interessados. Considerei o caminho percorrido, até então, como um caminho exploratório, onde eles me ajudaram a mapear o mundo do adolescente e disse-lhes que, agora, gostaria de aprofundar a compreensão sobre a maconha no mundo dos jovens. Perguntei se algum deles teria vontade de participar de mais uma ou duas entrevistas e o grupo unanimemente concordou. Expliquei a necessidade de que eles informassem a seus responsáveis da realização da pesquisa, entregando a cada um dos alunos o termo de consentimento que deveria ser assinado por seus pais. Combinamos o próximo encontro e eles elegeram um responsável por recolher todos os termos e guardá-los até nosso encontro. Nesse dia, o clima estava descontraído; as perguntas realizadas pelos alunos sobre o andamento do trabalho e as brincadeiras confirmaram a disponibilidade do grupo de prosseguir no caminho de mais proximidade, construído até aqui.

Quinze dias se passaram até o encontro seguinte.

Uma história autorizada

Ao chegar à escola, reuni o grupo na sala de leitura, com exceção de um dos garotos que havia faltado. Já familiarizados com a situação, sentamos em círculo e um dos alunos ligou o gravador. Iniciei a conversa retomando alguns pontos das entrevistas anteriores, buscando esclarecer a percepção que eles têm da maconha, uma vez que esta, assim como o crack ou qualquer outra substância, parece não se discriminar quando referida no “mundo das drogas”. De fato, para esses jovens, as drogas são percebidas como algo ruim, independente da substância em questão. Nesse contexto, a maconha é vista indiferenciadamente em relação às outras drogas, não lhe é atribuída nenhuma característica que a identifique propriamente. A única distinção se dá em relação às classes sociais, e as diferentes drogas consumidas: “Só é diferente quem usa... se você pegar a classe média baixa não usa LSD, ecstasy, só usa maconha e crack. ‘E farinha...’ Aí, tipo, quem é adolescente e tem dinheiro, usa droga mais cara mesmo”.

Nesse encontro, foram confirmadas algumas motivações para o uso de maconha, como as influências que recebem, as condições em que vivem e a curiosidade para saber como é: “É que nem eu falei da outra vez, várias coisas — a economia dele, como ele tá na vida dele, o jeito dele viver, os colegas dele... ‘Essas pessoas próximas...’ Muitas coisas influenciam... ele vê, tipo, em algum lugar e começa a ter curiosidade”.

Também reapareceu a ambigüidade presente na fala dos jovens em relação às drogas. Eles apresentam uma indefinição diante da possibilidade de usá-las. Na conversa surge uma contraposição que expressa essa indecisão, uma curiosidade e um medo em relação à vontade de experimentar:

“Todo mundo por dentro deve ter curiosidade pra saber, você vê na televisão, vê o colega falar como que é e fica curioso... ‘Todo mundo não...’ ‘Eu não tenho curiosidade...’ ‘Eu também não...’ Se for ver mano, se pensar bem, eu acho que sim... ‘Eu também acho...’ ‘Eu não...’ ‘Todo mundo tem curiosidade, nem que seja um pouquinho...’ Tipo assim, se você for ver, acho que nem

percebe mas tem, do jeito como olha ou como depois pensa, tem alguma necessidade...é, então, porque quanto mais você fica longe, mais você tem a curiosidade de saber como ela é. Quanto mais você se distancia, mais ela se aproxima de você.”

Se, de um lado, há uma curiosidade em relação às drogas, do outro, também é possível perceber a necessidade, de alguns, de negar essa mesma curiosidade. Isso porque, para esses jovens, parece imperativo se proteger das drogas, já que a compreensão que têm indica um caminho, geralmente, sem volta.

A idéia que eles têm sobre o uso de maconha, em alguns momentos, aparece muito fantasiada:

“Cada um usa maconha porque quer... ‘Às vezes por necessidade...’ ‘Necessidade de que?’ ‘Ficar mais atento, ligeiro...’ É que nem se fosse um energizante pra quem precisa... médicos usam drogas pra... é porque eles fazem turnos, aí, quando tem que fazer plantão, a maioria ou usa maconha ou toma energizante, pra ficar acordado”.

As falas anteriores, assim como em vários outros trechos já apresentados até aqui, deixam a impressão de um falatório rápido, cheio de boatos que se ouviu dizer, informações reproduzidas sem muita coerência que indica uma dificuldade de reflexão.

Em determinado momento, falam do filme *Bicho de Sete Cabeças* que eles assistiram para uma atividade na escola. Comentam a falta de diálogo entre pai e filho e a necessidade de maior atenção da família. Olham para a relação que têm em casa e descrevem como cada família reage de um modo, no que diz respeito ao diálogo sobre a temática das drogas:

“Na minha casa é tema... ‘Minha mãe não fala; minha mãe fala pra mim assim: segue sua vida e só olha o caminho certo, só fala isso...’ ‘Meu pai ia me matar...’ ‘Minha mãe, ela nunca senta pra

conversar comigo, porque ela sabe que eu não sou de fazer esse negócio, ela só falou isso pra mim uma vez e esquece...' 'Na minha casa a gente fala sim, tem bastante exemplos na minha família...' 'Exemplos de pessoas que usam...' 'E se deram mal. Aí ela fala, mas eu acho que nem precisava...' 'Só que depende de cada mãe né, de cada família, tem família que tipo, fica no pé e tem família que confia. Aí, vai depender de cada mãe e pai se você confia ou não confia...' 'Tem uns que não tá nem aí'".

As drogas continuam aparecendo como algo a ser evitado e, para isso, o diálogo na família pode ajudar. Os jovens identificam as relações familiares como fator de proteção para o uso de drogas:

"O pai e a mãe falando que está errado, aí, agora, você acredita porque se não quiser acreditar neles, você vai para o mal... 'O que me protege é eu pensar o que pode acontecer com minha mãe se ela descobrir se eu sou usuário, é isso que eu tenho mais medo, quando ela descobrir, qual vai ser a reação dela, aí eu nem faço isso já pra não saber...' 'O que pode acontecer?' 'Eu tenho até uma média do que pode acontecer, mas ninguém pode saber o que vai acontecer de verdade, ela poderia ficar chateada...' 'Ou então, mandar você embora...' 'Não, pra mim mandar embora eu nem ligo muito, o que eu penso é o que pode acontecer mesmo, tipo, eu já sou mais drástico, pode acontecer, sei lá, ela ficar doente e acontecer alguma coisa com ela, aí eu não iria me perdoar...' Na minha família já teve... esses negócios de maconha, minha mãe sempre fala: tá vendo, meu irmão entrou assim, desse jeito".

De acordo com seus depoimentos, alguns alunos já foram abordados por amigos ou conhecidos para fumar maconha, mas não aceitaram. Mesmo assim, aparece, no relato, a vontade de experimentar:

“Pensei que poderia fazer como calmante... eu não iria ficar mais nervoso... ‘Tranqüilo...’ É, eu ia ficar tranqüilo... ‘Viajando...’ ‘Nas nuvens... Eu não cheguei a experimentar não, mas tive vontade, imaginava que eu tinha que usar pra melhorar meu problema, pensava que usando droga eu melhorava meu problema, eu ia esquecer por uns minutos e ia ser melhor...’ E você? ‘Ah, a mesma coisa: pra esquecer, mas por embalo também... pra mim foi pra esquecer, pra ficar viajando, pros meus olhos ficar pequeno”.

Essa vontade de experimentar maconha também aparece, como já visto anteriormente, atrelada à busca de uma experiência que ajude na supressão ou fuga de problemas cotidianos. A idéia de uma “viagem” não aparece como busca de “novos horizontes de vida”, mas está mais vinculada à possibilidade de distanciamento do mundo em que vivem e a certa necessidade de esquecimento das coisas e de si: “Você ficar louco... ‘Ficar fora do ar...’ ‘É que nem ficar vendo televisão... parece que você tá voando”.

Em outros momentos, as falas apresentam mais ambigüidades em relação à maconha:

“Maconha, ah puxa, nós assim, que não usa... de repente você tá numa roda que todo mundo tá usando... ‘É só não ficar perto...’ Fica todo mundo te atiçando... ‘Você sente muito cheiro...’ Oh, esses dias, tava na Lapa... tava quatro meninas, a gente, e dois meninos. A gente tava no ponto, tava conversando, assim normal, aí, de repente, ele tirou assim do bolso... guardanapo, só que daqueles bem fininhos... ‘Seda é?’ Isso daí, aí tirou um saquinho com os baratos lá de maconha, aí ele pegou e começou a fumar assim, na nossa frente, assim no ponto de ônibus, aí a gente falou assim: cê é loco, cê tá loco? Coloca isso pra dentro, pára de fumar; ele: qui oh, agora é normal no mundo inteiro, não pega mais nada isso daí... e a vontade, tipo, vem quando você vê, a curiosidade vem de novo quando você vê ele bem loco, parece

que ele tá gostando, assim, parece que é bom, é... 'E você teve interesse?' Eu não, é, tô falando que dá, assim... 'As pessoas fumam com tanto gosto que...".

Essa maconha tem seu apelo, ela é outra: pode não ser tão destrutiva, pode não dar cadeia, pode ser bom, pode dar "barato"!

Nesse momento da entrevista, após se aproximarem de uma curiosidade pela experiência, parece ressurgir a necessidade de advertir sobre os riscos da maconha, evidenciando-se novamente um discurso defensivo e talvez compensatório: "Tipo, usa maconha e depois você vai pra bebida aí... 'Depois da bebida vem sexo...' A maconha é a chave pra coisas que não podem ser feitas... se for liberar a maconha é a mesma coisa que for liberar o crime é liberar uma pessoa para o crime". Pelo que foi dito, a maconha é vista como uma chave que libera para algo. Não fica muito clara a posição dos jovens em relação a isso, uma vez que ela pode liberar para coisas proibidas e também para o crime. A maconha fica associada ao crime, na maioria dos casos, quando é relacionada a situações envolvendo polícia e violência. Na fala de nossos adolescentes, novamente, é possível perceber a proximidade dessa associação, maconha e crime, no mundo em que vivem:

"Onde moramos, não tem como você não ver... 'Que nem, esses dias mesmo, aqui em baixo, tava tendo tiroteio...' Teve o maior tiroteio na rua dele domingo passado, eu moro aqui e ele mora de frente, aí eu tava na janela... 'Retrasado...' 'Aí, nesse dia, eu tava andando de bicicleta, ia passando ali pela rua de baixo, aí, de repente, só vê aquele monte de viatura chegando e trocando tiro com os maluco...' Então, em frente a rua dele... 'Tem todo final de semana ali, na minha rua...' 'Tá, só que onde você mora é privilegiado né, quatro casas são bocadas...' 'Colocaram os policiais pra correr...' 'É eu fiquei sabendo...' 'Lá perto da minha casa também tem uma bocada...' 'Todo dia passa a polícia, desce e sobe, sobe e desce, todo dia nois vê, outro dia mesmo, nós tava brincando, empinando pipa, aí eles desceram pra lá, depois

subiram, aí veio um carro cheio de cara e atrás veio logo uma viatura, cheia de pé de maconha que os caras põe pra dentro do barraco lá...’ ‘Pra esconder.’”

No mundo da periferia aproximar-se da maconha significa aproximar, também, a possibilidade da morte. Eles contam histórias de jovens, todos em torno dos seus 20 anos, que, por terem se envolvido com as drogas, morreram:

“Eu tenho um tio que mataram ele porque ele tava devendo droga pertinho da minha casa...’ ‘Mataram um vizinho meu também, ele teve uma confusão com um cara aí, tava chegando do trabalho de moto, o cara chegou por trás e deu dois tiros na cabeça dele. Aí, depois, invadiram a casa do cara roubaram tudo...’ ‘Eu tava lá...’ ‘Meus dois tios morreram por dívida de drogas...’ ‘Eles roubam uma pá de negócios pra vender e comprar maconha, vende de pechincha mesmo...’ ‘Eles eram irmão, aí morreu primeiro o X., depois o Z., agora só sobrou o N. Ele também vende coisa pra comprar maconha, ele já foi internado uma vez pra parar, aí ele conseguiu, só que agora, se perdeu de novo...’ ‘Meu tio morreu porque ele tava roubando pra usar droga, inclusive ele morreu aqui no campinho, aqui...’ ‘Aqui?’ ‘É aqui atrás...’ ‘Ah, eu fiquei sabendo disso...’ ‘Com a cabeça pra dentro do bueiro...’ ‘Meu tio tinha uma turminha também, ele era DJ. Aí tipo, morreu o K., você conhecia?’ ‘Ele era seu tio?’ ‘Não meu tio era o DJ.’ ‘Ah, o K., eu sei quem é ele...’ ‘Morreu, mataram...’ ‘O G. andava com eles também...’ ‘Morreu... tudo junto, eles mataram 3...’ ‘Quem mexe com isso a morte já está ao lado, a primeira derrapada que você der já era.’”

Aqui, a associação da maconha com destruição e morte aparece despida daquele caráter mais caricato dos primeiros encontros, e assume uma forma mais concreta e próxima da experiência vivida. Essas histórias confirmam todos os perigos apresentados anteriormente, que permeiam o universo desses jovens e,

de alguma forma, os alertam para os riscos que o envolvimento com a maconha pode trazer, o risco de se perder no crime ou ser morto!

De fato, eles parecem já perceber a maconha fortemente marcada em uma perspectiva ruim e os maus exemplos e a proximidade com pessoas que se prejudicaram com o uso, faz que se confirme a necessidade de se protegerem dos “chamados” das drogas. Para isso, parecem se prevenir contra elas:

“A gente tá atualizado com o que acontece... Eu conheço um colega do meu primo, ele é policial. Ele tava conversando comigo uma vez e falou, assim, pra mim: se você ver alguma pessoa que fuma, ele está o mais eufórico possível, mas por dentro ele tá odiando isso... ele fala que a maconha, por fora você fica feliz, por dentro, ela domina seu cérebro... ‘Ela mata seus neurônios...’ Ela te domina, ela hipnotiza, aí você fica, tipo, sobre o domínio dela... tá querendo soltar, mas não consegue, como se ele tivesse amarrado, algemado e não consegue se soltar. Esse cara é policial e já usou tanto esses negócios.”

O que pode atrair na maconha, de acordo com as falas descritas, é enganoso. A maconha domina, hipnotiza, enfim, toma de assalto a individualidade. O policial, uma autoridade que já experimentou, confirma que a maconha, ao contrário do que os jovens poderiam pensar, aprisiona, é uma experiência que limita e restringe as possibilidades de se relacionar com o mundo.

Encerramos a entrevista e deixamos marcado, para a semana seguinte, nosso último encontro. Nesse ponto, o material recolhido já indicava uma diversidade de informações que, reunidas, possibilitariam a compreensão do tema deste estudo. Além disso, a repetição de algumas idéias e, mesmo algumas falas, dos jovens anunciavam o esgotamento da possibilidade de novos âmbitos de significação.

O fim ou um novo começo?

Por fim, realizamos nosso último encontro. Nesse momento, a preocupação era poder devolver aos jovens, de forma um pouco mais esclarecida e organizada, o que eles haviam trazido durante nosso percurso e, também, poder discutir o próprio percurso, buscando compreender como havia sido para cada um participar da pesquisa.

Iniciei perguntando sobre as novidades da semana e eles fizeram referência às últimas notícias apresentadas na mídia sobre drogas:

“Tem uma matéria boa essa semana aí sobre drogas, o filho do Pelé... ‘Tava passando no 13...’ ‘No Ratinho...’ ‘Tava discutindo sobre a maconha ser liberada no Brasil. Eu tava vendo e eu lembrei de você... tava falando sobre a droga e a violência...’ ‘Falou um tempão no 4...’ ‘Na Band também, ficaram duas horas falando sobre isso... O filho do Pelé que foi preso né? Eu vi isso...’ ‘Também vi ontem no Ratinho’.

O acesso dos jovens aos noticiários e programas de TV ajuda a compor a compreensão que eles têm sobre a maconha. Geralmente, o discurso veiculado pela televisão, nos programas populares como Ratinho, é convencional e pouco rigoroso em nome de um sensacionalismo jornalístico, podendo influenciar o modo como as pessoas pensam e falam sobre a questão.

Naquela semana, Edinho, o filho de Pelé (referência internacional do futebol brasileiro) havia sido preso e acusado de associação ao tráfico. Ele pediu desculpas, publicamente, ao pai e alegou ser dependente de maconha. Essa notícia causou impacto entre os jovens que se sentem alertados em relação aos riscos das drogas e parecem não compreender por que as pessoas famosas fazem uso destas:

“Isso cai mais como um alerta né, pra você ver que não é bem assim... ‘Dá pra ver também que não é uma necessidade...’

Porque mesmo famoso alguém vai entrar nesse mundo, de qualquer jeito... 'Até os famosos, mas eles entram porque quer...' o Bob Marley fumava mesmo antes de cantar, ele fumava desde os 14 anos... 'Maradona também...' Maradona cheirava... 'Os famosos usam porque querem...' Não, é por necessidade... 'Qual é a necessidade do Edinho?' Mas, o Edinho não é famoso igual o pai dele, ele não tava na mídia como o Pelé ou certos jogadores... 'Mas ele tem muito dinheiro...' Ele tem, mas ele não é tão famoso, só tá na mídia por esse caso, se não tivesse a história da maconha, ele não estaria na mídia... 'É diferente, o filho do Pelé não é qualquer um....' Bandido não é famoso, só tá na mídia porque fez alguma coisa errada..."

"Necessidade é uma desculpa do pobre que tá desempregado e se envolve com as drogas, por necessidade, para ajudar os filhos e não vê outro meio... mas o Edinho não tava fazendo nada da vida... 'Você acabou de falar que ele era jogador de futebol...' Ele foi... 'Oh, se ele era jogador, ele era sujeito a isso...' Ele entrou porque ele quis... não, ele entrou porque ele ficou com curiosidade... 'Ele queria saber como é...' 'Ou ele entrou por outra coisa; ninguém sabe, na verdade, porque ele entrou."

Essa diferenciação que eles procuram fazer entre o querer usar ou a necessidade de usar parece uma tentativa de compreender as motivações para o uso de drogas. Para eles, as pessoas famosas parecem ter um espaço maior de liberdade para o uso, além de outras possibilidades de vida que não justificaria a necessidade desse uso. Já as pessoas pobres não teriam tanta possibilidade de escolha, sentem necessidade de aliviar a pressão do dia-dia ou mesmo ganhar dinheiro. Nessa perspectiva, fica difícil para eles entender como uma pessoa rica, como o filho de Pelé, que teria maiores oportunidades na vida, acabou se envolvendo com as drogas.

Ainda dentro deste tema, aparece a dificuldade de diferenciar a questão do tráfico com o uso de drogas:

“Mas o Edinho é usuário e não traficante... ‘Eles tão falando...’ Oh, se ele for traficante, por causa da imprensa tem um monte de gente famosa que também é, o cara do Twiste assim, todos que foram procurar drogas são traficantes... ‘Aquele cantor que você falou ele foi preso porque...’ Ele era usuário... ‘Só que ele tava com uma grande quantidade...’ Ele tava com uma grande quantidade... ‘E se você é pego com uma grande quantidade você é visto como traficante...’ Mas ele foi preso por tráfico de drogas, não como usuário.”

Em alguns momentos, os jovens tratam do mesmo jeito a questão do tráfico e do uso de drogas, na visão que eles têm, ambos encontram-se associados ao crime. Para além das definições legais, a posição assumida faz pensar que no mundo em que vivem, há uma fronteira tênue entre essas duas questões.

Seguindo esse raciocínio, na linha do uso ou tráfico de drogas, os jovens atribuem aos pais muito do que venha a acontecer com os filhos:

“Um outro programa, o Datena, falava que era culpa dos pais que, quando aparecia um drogado ou um traficante no programa dele, sempre falava que era problema dos pais... ‘Os pais tem que dar mais apoio...’ Mas esse é o problema, tem muito pai que não dá apoio, é esse o problema dos pais, na verdade eles não ajudam o filho a sair, se ele pegar o filho com droga ou ele vai negar, ou ele vai ajudar. Se ele ajudar, ele vai dar apoio pro filho, se ele não ajudar, o filho dele vai continuar. Por isso os pais são culpados dessa questão... ‘Se o pai cuida, o filho não vai pra esse mundo, se o pai não liga, acha que é só maconha...’ Se o pai acha que ele é que sabe da vida dele e deixa ele continuar lá, até a hora que ele morrer, aí quando ele morrer, ele vai chegar no caixão e vai falar que a culpa era do filho e não dele.”

Esses jovens, assim como a maioria, atribuem aos pais a responsabilidade pelo cuidado com eles; necessitam de apoio e sentem que, se esse apoio falhar, o envolvimento com drogas, uso ou tráfico, pode se dar. Os jovens discutem quem deve ser responsabilizado pelo problema. A busca de culpados acompanha a situação de envolvimento com as drogas, parece haver sempre um culpado ou a necessidade de atribuir a alguém a responsabilidade da situação.

Mesmo afirmando o que é importante para construir uma vida satisfatória, o jovem tem clareza das indeterminações desta:

“Ninguém sabe o futuro, ninguém sabe o que vai acontecer no futuro, aí, o que a gente pode fazer é o que dá pra fazer agora, deixa a vida ir. Se falar que não vai entrar, de repente daqui um ano, dois anos, entra, o que que vai acontecer? Você vai pensar: eu falei que não ia entrar, e entrei! ‘O duro é entrar e não sair’.

Como já havia sido apresentado, desde a primeira história de nosso personagem, Anderson, o futuro, para o jovem, se mostra indeterminado, ele percebe que não tem o controle de tudo e vive constantemente o risco de se perder com as drogas. Ainda tenta atribuir a outrem algumas responsabilidades, mas percebe que, em última análise, cada um será responsável pela sua própria vida: “É mais fácil você entrar por más companhias... ‘As companhias não têm nada a ver...’ É mais fácil você entrar por si próprio do que entrar por má companhia, porque se tiver má companhia, mas você não se induzir, você não vai entrar.”

Novamente ressaltam que as informações não são suficientes para manter o jovem longe das drogas:

“Aí é que tá, ninguém sabe. Todo mundo sabe o que a maconha faz, todo mundo sabe o que vai acontecer... ‘Ele sabe o que falam, mas ele entra pra saber o que acontece mesmo, ele vai usar pra saber o que acontece, porque todo mundo fala: ah, a maconha mata, não sei o que... Aí ele fala: e o fato positivo,

quando ele vê alguém fumando? Aí ele entra por causa desse fator”.

Mesmo sabendo que o uso de maconha pode ser prejudicial, há algo nessa experiência que atrai os jovens e que pode levá-los ao uso. Existe uma lacuna entre as informações transmitidas e o que os jovens imaginam poder viver efetivamente, o que contribui para aumentar a curiosidade e sustentar uma ambivalência muito grande em relação a esse uso.

Depois de todas essas considerações, como esse era nosso último encontro, passamos a avaliar o processo de entrevistas. Perguntei para os participantes como havia sido a experiência das nossas conversas:

“Ah, é bom né... ‘Você fica mais esperto sabendo das drogas...’ ‘Aqui, pelo menos, você não vai ter medo de falar...’ ‘Temos mais liberdade...’ ‘Não temos receio de falar...’ Na escola, na sala, você fala uma coisa e todo mundo vai ficar sabendo... ‘As pessoas vão debochar de você...’ ‘Às vezes, nem debochar, eles começam a pensar maldade, é o que mais pesa, é a maldade. Aqui não, todo mundo tá falando a verdade...’ ‘Eu acho que é bom pras pessoas que falaram que não tem comunicação em casa...’ ‘Resumindo 80%...’ ‘Eu fiquei conhecendo mais as drogas...’ ‘A gente debateu, ficou o maior assunto político mano.”

O processo todo foi visto de maneira positiva como um espaço para comunicação e aprendizagem. Eles percebem e deixam marcada a diferença entre os dois momentos propostos: o trabalho com toda a classe e o trabalho com o grupo menor.

No grupo grande o incômodo é maior:

“É que tem uns... ‘Que ficam zoando...’ É que acaba tendo um receio de você falar, porque, faz de conta, você pega a sala inteira, aí você fala um negócio que você não queria falar pra um monte de gente, aí, de repente, sabe o que que vai acontecer com

você?’ ‘Quando eu falei que já tinha experimentado maconha, eu não queria falar...’ ‘Você convive com elas, mas você tem desconfiança, tem sempre um ou dois que vai tirar sarro depois...’ Na sala, pelo menos, tem sempre um grupo que zoa né... ‘Se tivesse na sala, era diferente, se perguntasse na classe, ninguémalaria...’ ‘Eu não falaria”.

Abordar o tema das drogas requer um clima de maior intimidade, que é mais difícil de ser alcançado em grandes grupos. Além da desconfiança entre os colegas, há o medo de ser prejudicado ou estigmatizado pelo que se fala:

“...eles darem risada, qualquer coisa eles começam a chamar de maconheira... ‘Já fica vista mal...’ Tem muito preconceito, você acha que pode te prejudicar... a B. é uma fofqueira, se eu falo, ela podia abrir o bico pra minha mãe... ‘Faz de conta, você pega um aluno que ele é chato... ele tá aqui, você fala um negócio e daqui ele leva pra rua, aí depois, faz de conta ... que nem ela, a mãe dela não sabe que ela já mexeu com drogas, aí uma pessoa vai e conta, chega na boca da mãe dela, o que vai acontecer?’ Dançou... ‘Vai tomar porrada não?’ Bater, não! ‘Então, não é nem questão de bater, é como você vai ficar nessa questão...’ ‘Aí sai na rua, passa ali e vai dizer que é a maior maconheira e o caramba...’ ‘Ou é a maior drogada...’ As pessoas não vai mais confiar em você... ‘É verdade, eu to falando a realidade”.

Eles afirmam a preferência por estarem em um grupo menor, destacando a questão da confiança:

“Eu acho que se não tivesse confiança... ‘Ela não teria falado da experiência dela, o B. não teria falado que já teve vontade, eu não teria falado. A gente tem que ver que em grupo menor, você tem mais confiança nas pessoas...’ ‘Tem que ter confiança no grupo...’ ‘Aqui tem 11 pessoas... ‘10...’ ‘É, se chegar uma pessoa nova

aqui, duvido que alguém vai querer falar o que falou antes, eu duvido! 'Isso é verdade...' 'Porque não tava aqui, não conviveu, aí também, da vergonha'.

A confiança e o sigilo aparecem como o que possibilitou as pessoas falarem abertamente:

"Mas eu acho que tem que confiar... 'Tem que confiar nas pessoas que estão aqui, porque se não confiar, não vai falar. Enquanto não confiar, não vai ter um diálogo legal, porque se aqui não tivesse um diálogo legal, ninguém ia falar o que tinha falado. Aqui há uma confiança entre o grupo, por isso que o diálogo tá sendo aberto, senão não teria... O que ficou pra mim, é que esse grupo aqui, se você quiser fazer qualquer atividade, não vai dar nada de errado...' 'Fica entre nós...' 'Só vai ficar entre aqui, ninguém mais vai saber, nasce aqui e morre aqui...' 'A gente não fala o que conversou...' Se me perguntarem... 'Eu falo que não interessa...' Eu só falo que a gente tava falando de drogas... 'A gente aqui, esse grupo, confiou em você desde o começo, quando você pediu pra gente se poderia gravar, se a gente não confiasse, ninguém aceitaria gravar. É foi nessa, a gente confiou em você pra gravar e você confiou na gente pra falar'.

Retomam o processo até a formação do grupo final e percebem o desinteresse e descompromisso de alguns com as atividades:

"No primeiro encontro estava eu o A. e o A. Depois foi se formando... 'Eu também tava no meu primeiro grupo...' Eu falei pra ela que não ia vir muita gente, eu falei: se vier mais de 5 é mentira... 'Aí, você teve a idéia de fazer na hora da aula...' A gente já tinha discutido de fazer durante a aula... quando você perguntou pra todo mundo, só a gente levantou a mão pra participar... 'Quando você falou pra vir antes da aula eu não

levantei a mão...’ ‘Eu também não...’ Quando a gente foi fazer as histórias, tava eu o A., a gente falou da gente, foi coisa minha e dele que a gente falou, não foi no geral... ‘Foi no texto inteiro...’ A gente contou mais da nossa parte, não foi do geral... se a gente pegar as histórias, muitas delas não falava nada que você queria... ‘O pessoal só zuando...’ Tava tudo zuando.”

Alguns alunos puderam participar do percurso completo e estes se mostraram bastante engajados com as atividades, se tornando uma espécie de memória grupal e testemunho de um processo de formação de um grupo comprometido com a proposta.

Um aluno perguntou sobre a especificidade do tema “drogas”. Mesmo eles já sabendo que meu interesse era pela maconha, ele usou o genérico “drogas”. Outros colegas responderam: “A gente falou muito sobre drogas... ‘Você quis falar da droga na vida do jovem...’ É porque drogas e jovens estão andando juntos... ‘Deu certo...’ O que mais apareceu mesmo foi a droga em si, não é nem só a maconha”. Essa última afirmação confirma a dificuldade e o desafio para compreendermos o significado específico da maconha na referência desses jovens. Uma vez que esta, na maior parte do tempo, não foi diferenciada de outras substâncias que fazem parte do grupo das drogas.

A escola não é vista por eles como um lugar que favorece a troca de experiências:

“É raro encontrar... ‘Eu acho que se não viesse uma pessoa assim, como você, não teria...’ É porque aqui, já teve uma palestra sobre drogas... ‘Já.’ Lembra? Ninguém praticamente falou nada, foi com a escola inteira, a gente se reuniu no pátio, veio psicólogo, veio não sei quem... ‘Não tem como falar se tem muita gente...’ É, ninguém falou nada, porque todo mundo ficou com receio.”

Ante a isso, nossos encontros tiveram um caráter especial, isto é, a oportunidade de reunir pessoas e estreitar a convivência entre elas:

“Foi legal, as pessoas, porque são pessoas diferentes, porque sabe, eu não falo com ele, com ele, com ele... ‘É na sala, a gente não se fala...’ ‘A gente só faz um grupinho aqui, um ali...’ Foi bom, porque era umas pessoas muito distantes uma da outra... não falava muito... ‘É, se for ver, na sala, era distante, tipo, ele fica numa ponta da sala, fica eu e o A. no outro canto, ele no outro canto, ela fica na frente. A gente se fala só. A gente nem se fala, se tromba, só que na verdade, ninguém conversa...’ *Você conversa com quem senta perto.*”

Nossa hora já estava acabando e falamos do encerramento dos encontros. Eles estavam curiosos com os desdobramentos do trabalho, indagaram por que eu não poderia voltar na semana seguinte. Contei-lhes que precisava de tempo para transcrever e fazer as análises de tudo que eles haviam dito e escrever o produto final. Asseguraram-se de que o nome de nenhum deles apareceria no trabalho e, depois disso, fizeram a proposta do mesmo ser apresentado na escola. Depois veio a sugestão de escrever um livro mais pedagógico que pudesse ser trabalhado na escola. Ficaram tão animados que deram até o título: *“A droga na... vida dos jovens.”*

Chamou minha atenção, desde a proposta de um dos meninos, em nosso primeiro encontro (de trabalharmos com a construção de histórias coletivas) até a última proposta, em nosso encontro final (de organizarmos um livro), a vontade desses alunos de serem autores, de se envolverem em projetos que impliquem no reconhecimento de suas biografias, recolhendo histórias passadas e acolhendo sonhos futuros. Assim, também, eles estariam realizando suas existências de modo um pouco mais criativo, como fazedores de histórias, autores da própria vida.

Apesar da animação, chegara a hora de encerrar o encontro e, para tal, propus uma última atividade. Aproveitei a informação de que, muitas vezes, eles

encontram poucas oportunidades para se conhecerem melhor e pedi para que, em duplas, eles entrevistassem um ao outro e, depois, revelassem para o grupo algo novo sobre o colega entrevistado. Estavam todos muito agitados e levamos um tempo para sortear as duplas; então, começaram a conversar já ansiosos para falar para o grupo. Ao final das apresentações, a turma solicitou uma entrevista comigo: “Pra finalizar a Fernanda vai dar uma palavrinha pra nós... ‘O que você gosta de fazer?’” Uma série de perguntas se seguiu à primeira; indagaram sobre meu trabalho, gosto musical, vida afetiva, escolha profissional, projetos, medos, se eu havia guardado o nome de todos eles e de quem eu mais sentiria falta. Por fim, eles expressaram a vontade de assistir a apresentação do trabalho na universidade. Foi interessante perceber a curiosidade dos jovens em relação ao meu percurso pessoal e profissional. Após tanto falarem de suas experiências, também solicitaram que eu falasse das minhas, buscando maior aproximação. Infelizmente nosso tempo se esgotara, me despedi do grupo com o compromisso de avisar quando a dissertação estiver pronta.

Neste trabalho, procurou-se contribuir até o final para que os encontros se realizassem, não apenas como procedimento de pesquisa para mera coleta de dados, mas principalmente como um espaço significativo de reflexão e diálogo. O processo grupal se tornou uma possibilidade de construção de uma história diferente, na qual os jovens puderam falar, ouvir e se perceberem em um espaço de maior intimidade. Nessa medida, considerou-se que o processo ocorrido pode ser situado dentro de uma modalidade de pesquisa denominada *pesquisa intervenção*, que, segundo Szymanski e Cury (2004) “se apresenta com um duplo objetivo de contribuir para o conhecimento científico e oferecer um trabalho de cuidado psicológico” (p. 355).

Capítulo III — CAMINHOS DE REFLEXÕES

O desvelamento da maconha no mundo dos jovens

A condição humana, tal como compreendida pela análise existencial, encontra-se na base dessa reflexão. Nessa perspectiva, as chamadas “fases da vida”, freqüentemente descritas pelas teorias psicológicas de desenvolvimento, só podem ser entendidas a partir da existência, a saber, do “diálogo” que o homem estabelece com sua própria condição. A adolescência é compreendida, então, como uma forma de relação do jovem com o mundo e consigo mesmo.

Com este olhar, considera-se que o desdobramento das experiências das crianças em direção às experiências dos adolescentes dá-se no caminhar da própria vida, justamente na construção de uma história ritmada pela experiência temporal. Como afirma Pompéia (2000), a trajetória humana não implica deixar para trás o que se conquistou, mas sim ampliar essas conquistas com as novas possibilidades que vão se apresentando. Nesse caminho, Freire (1993) observa que ocorre uma alteração no tempo vivido pelo adolescente: o que impera não é mais o imediatismo da infância, mas o que é vivido acontece à luz de um horizonte de tempo mais distante e alargado, que traz em si a revelação mais clara do sentido da existência. A origem da palavra existência é o termo *ek-sístere*, que quer dizer **estar fora**. Nas palavras de Vattimo, isso significa: “ultrapassar a realidade simplesmente presente na direção da possibilidade”. (Vattimo, 1987, p. 25). Existindo, o ser humano não se define tanto por possuir tais ou quais atributos, mas por ser, antes de mais nada, sensível e tocado por sua própria condição. Quando se fala que apenas o homem existe, entende-se existir como uma abertura sensível ao que lhe vem ao encontro. Para o homem, sua condição o toca, o inquieta, apresenta-se como uma questão. Dessa forma, a condição humana é concebida fenomenologicamente como uma tarefa que convoca e é dirigida a cada um de nós.

Conforme a compreensão oferecida pela análise existencial, todo homem é fundamentalmente uma questão para si mesmo, ele é aberto em possibilidades a

serem realizadas ou não ao longo da vida. O homem não pode fugir a esse destino e é nesse sentido que o adolescente percebe que é responsável pelo seu próprio vir a ser. Para Freire (1993), o adolescente “é aquele que é apresentado a seu futuro de maneira um pouco mais intensa, mais forte, mais violenta”. Diferente das crianças que, na maior parte das vezes, encontram-se entregues ao cuidado do adulto, o adolescente, apresentado à sua condição de existência, depara-se com a tarefa de ter de cuidar de si. Nesse momento o mundo familiar perde sua familiaridade, convocando-o a fazer escolhas e assumir responsabilidades.

De maneira geral, podemos compreender que a preocupação existencial dos adolescentes é, acima de tudo, com aquilo que ainda não é, pois o que está em jogo em suas vidas é justamente o projeto de possibilidades por vir. Para o adolescente, o que parece estar em questão é justamente o que o futuro lhe abre. Diz Pompéia (2000): “Para a criança o todo é a parte que está presente, o tempo é o agora e o agora é o mesmo que sempre. O adolescente considera que o todo é enorme, mas que ele só está tendo acesso a uma parte mínima” (p. 106).

Os jovens, participantes deste estudo, se mostraram, desde o início, preocupados com os caminhos de realização do próprio existir, com aquilo que podem chegar a ser e com o que eles mesmos serão.

As experiências e depoimentos desses jovens revelam o duplo abandono em que eles se encontram. Este, do ponto de vista ontológico,⁸ pode ser entendido como a própria compreensão da condição que lhes é peculiar, tal como a todos os seres humanos: estar entregue à responsabilidade de ser si mesmo. Também, no âmbito da vida cotidiana, suas falas evidenciam o desabrigo experimentado no mundo em que vivem, sentem-se ameaçados e sozinhos, podendo-se perceber a fragilidade e a vulnerabilidade do equilíbrio deste mundo. Assim, esse abandono originário, pertinente à condição humana, juntamente com as condições fáticas em que esses jovens se encontram, já, de início, nos aponta uma perspectiva do sentido do uso de maconha como busca de abrigo para aliviar esse abandono duplamente apreendido pelos entrevistados. Esse sentido precisa ser levado em consideração para eventuais campanhas preventivas, que tenham

⁸ Referente às estruturas fundamentais do existir humano.

como propostas ações que possam ampliar o horizonte existencial desses jovens e corresponder a um amparo que muitas vezes eles não experimentam.

Mesmo remetidos ao futuro, muitas vezes, os jovens desta pesquisa contam que se deixam levar pelo imediato de algumas situações, ficando expostos aos riscos decorrentes da negligência com a própria vida. Eles se preocupam com os acontecimentos cotidianos e com a realização de seus projetos, e estes, na maior parte das vezes, ficam restritos a um horizonte de vida ingenuamente idealizado, limitado por um entendimento questionável do que vem a ser os caminhos do bem e do mal, conforme será explicitado ao longo desta reflexão. Sentem-se, também, despreparados para lidar com o futuro, principalmente pelas incertezas que este representa: “O futuro, ninguém sabe o que vai acontecer no futuro, aí o que a gente pode fazer é o que dá pra fazer agora, deixar a vida ir”. Mostram-se bastante conscientes da importância de fazer escolhas e cuidar de si, mas a necessidade de orientação e apoio é sentida como um imperativo para que não venham prejudicar-se.

Como vimos, o sentido de existir aponta para uma constante convocação a qual o homem precisa responder ao longo da vida. Enquanto poder-ser,⁹ os seres humanos estão implicados na tarefa de cuidar de um projeto que está sempre em jogo e configura-se, portanto, como um desafio. “Precisamente porque o homem é constitutivamente poder-ser, todas as estruturas de sua existência possuem este caráter de abertura e de possibilidade.” (Vattimo, 1987, p. 34). Com essa constituição, entende-se que o homem nunca está pronto, seu ser está sempre em jogo e, nessa medida, ele é obrigado a seguir sua trajetória em busca de definições, de acontecer, isto é, de ser.¹⁰ Esse desafio é percebido pelos entrevistados: “Ele vai precisar traçar um objetivo...”

Quando o futuro se abre para esses jovens, eles contam que se sentem desorientados diante das possibilidades que se mostram, parecem inseguros e

⁹ A existência humana não pode ser determinada por propriedades fixas. Ela se apresenta sempre como uma possibilidade, um *poder-ser*. O caráter de poder-ser tem um duplo sentido: primeiro, o *Ser-aí* é aquele que pode o seu ser. É dessa determinação que surge a questão do poder-ser próprio e impróprio. *Ser-aí* pode ser quem é, diferente das coisas que simplesmente estão dadas. Cada ser humano é **quem** é, não por possuir mais e melhores determinações. Segundo, ele ainda nem é, ele apenas **pode ser**.

¹⁰ Cf. Heidegger, *Ser e Tempo*, § 9.

carecem da proteção das famílias: “Os pais têm que dar mais apoio”. A condição de “estranho dentro da própria casa” agudiza-se nesse momento da vida. Na experiência do jovem adolescente, o próximo, o familiar, é descoberto sob um horizonte que lhe é estranho.¹¹ Nessa perspectiva, todo adolescente tem a necessidade da criação de espaços onde possa concretizar e expandir suas possibilidades e, lançado no futuro, nessa estranheza do que ainda não aconteceu, encontrar um abrigo que possibilite confiança para dinamizar um projeto pessoal.

Infelizmente, os entrevistados nem sempre encontram entre os familiares o amparo que necessitam, seja pelo despreparo desses ou pela própria dificuldade de pedir ajuda. Algumas situações familiares, como foi apresentado na história do personagem Anderson, sobrecarregam os jovens e o abrigo que poderia ser oferecido pela família perde a condição de acolhimento. Assim, nas histórias e nos relatos, muitas vezes, os jovens apresentam a tendência de atribuir a outrem algumas responsabilidades. Mas, nem por isso deixam de se perceber responsáveis pela própria vida.

O sentimento de solidão se coloca e recoloca em diversas experiências, nesse momento de suas vidas. Este geralmente é atribuído a um desencontro com o outro, experimentado nas relações com os amigos e familiares: “É mais fácil você ficar sozinho do que pedir ajuda a alguém”.

De maneira geral, podemos pensar a solidão decorrente da própria condição descoberta pelo jovem: a de ser único e responsável pela tarefa de ser si próprio. É importante lembrar que o homem nunca está pronto, descobre seu existir enquanto uma tarefa, sendo a vida um projeto inacabado e finito, sempre em vias de acontecer. Perante essa condição, ele está fadado a cuidar de si o tempo todo, sempre lançado em seu próprio ser, em um mundo que não é escolhido por ele e tendo de fazer escolhas. A experiência de sentir-se só poderia permitir ao jovem descobrir a si mesmo e utilizar seus próprios recursos para

¹¹ Sob o nome de angústia, a analítica existencial encontra a camada mais íntima da apreensão que o ser humano faz de sua condição mais própria. A angústia descobre nosso ser, como ter de ser, como uma tarefa, a de ter de cuidar do próprio poder-ser-no-mundo. (Cf. Heidegger, *Ser e Tempo*, § 40.)

libertar-se da solidão. Entretanto, esses jovens, carentes de atenção e afeto, parecem encontrar poucas opções para lidar com a solidão. Eles buscam freqüentemente o pertencimento a um grupo ou as experiências amorosas, mas nem sempre suas demandas são atendidas, fazendo que se sintam frustrados. Logo, percebemos que a solidão apresenta-se como um problema que se repõe para eles a cada vez que não sentem suas necessidades contempladas.

Como vimos, o homem não é um ente como os outros, já que seu ser não está acabado. Ser homem é ter de ser si mesmo, não tendo o sossego de pouco ligar para o seu próprio ser. Cada *Ser-aí* antes de ser um fato, é uma tarefa inquietante e, portando, tem de viabilizar seu próprio ser. Esse viabilizar, Heidegger chama de *cura* (*Sorge*).¹²

Diante desse horizonte existencial, em que a própria existência se apresenta como um jogo, os entrevistados vivem a iminência do risco de perder-se. As drogas aparecem como algo que os ameaça e pode desviá-los do caminho que os conduz ao futuro idealizado: “Tem alguns jovens que sempre sonhou com a coisa que queria, mas quando a droga entra no caminho...” O ideal desses jovens, que vivem em condições precárias, é conseguir concluir os estudos e, com isso, tentar garantir a inserção no mercado de trabalho e a possibilidade de constituição de uma família. Pelas próprias condições em que se encontram, esse futuro apresenta-se tão difícil quanto fortemente almejado.

Como já foi dito, o futuro humano é sempre indeterminado. Ora, quando o jovem percebe que não tem controle da vida, vive constantemente o risco de se perder nas drogas. Se o jovem normalmente teme o futuro, os participantes deste estudo temem também as drogas e uma “droga de futuro”. Em geral, o uso de drogas não é apresentado por eles como uma escolha desejada, mas como possibilidade substitutiva ante a falência de um ideal de vida. As drogas aparecem no horizonte desses jovens como possibilidade de envolvimento fácil e com esse perigo eles precisam se confrontar: “A vida dele é difícil, ele mora num lugar que tem isso... ‘pensam que, entrando no mundo das drogas, vai ser tudo melhor’”.

¹² Cf. Heidegger, *Ser e Tempo*, § 41.

De acordo com o que foi exposto pelos jovens, o empenho na construção do futuro pode ser abalado por problemas que aparecem em seu cotidiano, exigindo deles uma disponibilidade para adiar realizações e suportar frustrações. Mas esses rapazes e moças dão sinais de que nem sempre se sentem aptos para suportar essas situações. As adversidades da vida podem fazer que vivam no imediato das experiências de prazer, onde o prazer das drogas tornam-se um fim em si mesmo. Pobre de projetos ônticos, a droga não representa a possibilidade de um novo sonho, mas a desistência desses. Nesse sentido, o uso de drogas se opõe ao desejo de realizar conquistas, favorecendo o fechamento do futuro: “A pessoa que usa droga é uma pessoa, que podemos dizer, sem futuro”.

Ainda incipientes na tarefa de assumir as responsabilidades com a própria vida, os entrevistados colocam nos pais a responsabilidade pelo cuidado com eles. Nas situações em que acontece o envolvimento com as drogas, surge a necessidade de transferir para alguém a culpa pelo ocorrido. Assim, atribuem principalmente aos pais ou amigos a culpa por seus atos e não reconhecem o uso de drogas como uma escolha possível, como algo que mobiliza seus desejos e evoca a decisão de usar.

A maconha: perigos da droga

A esta altura o leitor deve estar se perguntando sobre a questão específica que me propus estudar, a saber: a maconha no mundo desses jovens. Vamos, então, discutir, agora, justamente como se dá a compreensão dessa droga para nossos jovens.

Desde nosso primeiro encontro até a última entrevista, mesmo após eu ter revelado meu interesse específico sobre o tema da maconha, esta não pareceu ganhar um lugar diferenciado no universo dos jovens: para eles, a maconha é, apenas, mais uma droga. Pouco se diferencia ou se destaca do sentido do uso de outras drogas ilegais e, dessa maneira, nenhuma característica peculiar é atribuída à maconha.

Independente da substância em questão, as drogas são reunidas a partir de um mesmo mundo,¹³ “o mundo das drogas”: “É o mesmo mundo... só é diferente quem usa...” Na compreensão desses jovens, o mundo que libera a maconha, também libera o crack, a cocaína, enfim, todas as drogas. A única distinção que eles conseguem fazer para o seu uso fica relacionada às condições socioeconômicas do usuário. O de classe média alta, que consome drogas mais caras, é visto por eles como dispor de melhores recursos para enfrentar as adversidades da vida.

A maconha, parte do “mundo das drogas”, é percebida como algo ruim, ela pode seduzir os jovens e modificar suas vidas caso eles não tenham cuidado. O maior perigo que eles assinalam é que a maconha, assim como as outras drogas ilegais, está associada ao tráfico. O “mundo das drogas” reúne as experiências de uso e comercialização das substâncias e, dessa forma, percebe-se que, no mundo em que vivem, essa fronteira entre usuário e traficante é bastante tênue: “Ele era usuário só que ele tinha contato com os traficantes, aí ficou uma acusação de tráfico”.

Na vida desses jovens a maconha apresenta-se muito próxima, ela fica associada ao crime e é vista em seu potencial destrutivo. A partir de um contexto totalmente diverso, o discurso dominante dos jovens deste estudo sobre os perigos da maconha faz lembrar o pensamento corrente do início do século XX até a década de 40, no qual o forte elo entre a maconha, a criminalidade e a loucura era reafirmado pelo discurso médico e policial (Doria, 1915; Iglesias, 1919; Moreno, 1946; in Henman e Pessoa, 1986). Os participantes desta pesquisa sentem a ameaça inerente ao uso de maconha, uma vez que, para eles, esse uso induz a atos violentos e criminosos e a consequência disso pode ser a entrada no “mundo das drogas”: “Muita gente, quando usa droga e não tem mais, fica louco,

¹³ A estrutura *ser-em*, proposta por Heidegger, revela o homem já sempre de alguma maneira fora de si, próximo das coisas, sendo tocado por elas. Com este existencial, o filósofo libertou o ser humano de uma interioridade e o mundo passa a ser compreendido como parte da condição humana. Não se trata, pois, de compreender *Ser-aí* como mais um ente dentro de outro ente, o mundo, nem tampouco fora dele. *Ser-aí* existe concretamente habitando seu mundo, familiarizado com as coisas que se apresentam sempre a partir de uma trama de significados prévia. Todas as coisas chegam até o homem em um contexto ou totalidade de significados familiar, que, sem dúvida, pode variar, mas nunca deixa de ser. (Cf. Heidegger, *Ser e Tempo*, § 12.)

vai pra matar, pra roubar... ‘eles roubam uma pá de negócios pra vender e comprar maconha’”. O caminho das drogas aparece como uma situação praticamente sem volta, não deixando muita opção para aquele que não ficar afastado.

Como mencionado há pouco, vemos que, no mundo em que esses jovens vivem, as fronteiras entre uso, tráfico e crimes de morte encontram-se pouco demarcadas, acentuando a necessidade de atenção. A proximidade entre esses jovens e o tráfico de drogas não lhes permite a liberdade para fazer uso de maconha sem sentirem-se condenados a pertencer ao “mundo das drogas”. Eles estão situados em uma zona de perigo onde a maconha se mostra como força destrutiva, que ameaça arrebatá-los caso não sintam proteção da família, com o que nem sempre contam.

Nesse mundo da periferia aproximar-se da maconha significa aproximar também a possibilidade da morte: “Quem mexe com isso a morte já está ao lado, a primeira derrapada que você der já era...” Isso fortalece a percepção que eles têm da maconha como algo muito perigoso. Os maus exemplos e a convivência com pessoas que se prejudicaram confirmam esses perigos que permeiam o universo desses jovens e, de alguma forma, os alertam para os riscos que o envolvimento com a maconha pode trazer: “Meus dois tios morreram por dívida de drogas”.

Horizonte de ameaça

Como foi apresentado na primeira parte deste trabalho, uma “coisa” é sempre o seu acontecimento em um contexto significativo. Enquanto ser-no-mundo, o homem é já aí — fora — no aberto do mundo e o que chega até ele, de alguma maneira, chega já compreendido.¹⁴ Aqui, percebe-se que a maconha, no mundo

¹⁴ Como vimos, a expressão *ser-em*, não afirma que o homem está simplesmente justaposto aos entes nem tampouco sobre o ente mundo, mas, sim, encontra-se próximo aos entes, no sentido de estar familiarizado. Essa familiaridade não é outra coisa que uma compreensão. Isso quer dizer que, para Heidegger, a compreensão também não é algo que às vezes eu tenho e outras não. Já temos, sempre, certa compreensão de uma totalidade de significados. Compreender é um modo

da periferia, é apreendida pelos jovens, principalmente a partir de um horizonte de ameaça. Este é o contexto significativo ao qual a maconha pertence.

Conforme mencionado antes, não encontramos uma diferença significativa no modo como esses jovens compreendem a maconha comparativamente às outras drogas. Como pudemos perceber durante as entrevistas, eles possuem informações suficientes para conhecer as diferenças entre a maconha e as demais drogas, entretanto, na maior parte do tempo, os participantes falavam: “as drogas”, o que revela que, para eles, maconha e drogas não se diferenciam enquanto significatividade. Diante disso, optou-se por seguir a discussão preservando as idéias tal como apresentadas por eles e, nesse sentido, adotou-se o uso da palavra genérica “droga” considerando-se, no contexto deste estudo, que esta pode ser tomada como um sinônimo para a palavra maconha, pois, lembrando novamente, aqui: esta (maconha) não se diferencia daquela (droga).

Apesar de as drogas serem apresentadas como algo que se encontra no mundo próximo dos jovens, a maior ênfase dada por eles foi sobre seus aspectos destrutivos, sua força desagregadora, principalmente no comprometimento do projeto de futuro. Por estarem próximas, as drogas podem despertar algum interesse, mas, mesmo assim, permanecem na esfera do proibido, do marginal, do criminoso. O chamado das drogas e a sua possibilidade de uso são referidos como um risco que se coloca para esses jovens, impondo-lhes a redobrada tarefa de cuidarem da própria vida: “Tem uma coisa que preocupa muitos os jovens, se eles vão se envolver com as drogas... eles não vão arrumar nada a não ser matança”.

No mundo em que vivem, esses jovens não encontram espaço de liberdade para o uso da maconha com fins recreativos, ou mesmo, como foi marcado nas décadas de 60 e/ou 70, como busca de um estilo de vida alternativo (Velho, in Zaluar, 1999; MacRae, Simões, 2000; Robinson, 1999). Consideram as motivações envolvidas nesse uso relacionadas às necessidades de lidar com situações indesejadas da vida, fugir de problemas, anestesiá-los, suportar o que

do *Ser-á ser*. “Dasein está no mundo, antes de mais e fundamentalmente como compreensão” (Vattimo, 1987, p. 32). (Cf. Heidegger, *Ser e Tempo*, § 32.)

não agüentam. Na maioria das falas, o uso de drogas aparece como forma de aliviar sofrimentos e desprazer: “Quando usam drogas, não lembram de seus problemas”. A droga serve para lidar com as frustrações do mundo em que estão lançados,¹⁵ do mundo que oprime e não favorece a realização de sonhos. Ante a uma realidade indesejada, o jovem tem a necessidade de escapar, sendo o uso de drogas uma alternativa próxima para a fuga.

Apesar da curiosidade para experimentar um mundo diferente, os jovens sugerem que a relação com as drogas dá-se eminentemente pela falta de recursos para suprimir problemas e enfrentar as adversidades com que se deparam no caminho de constituição da própria vida. Essa possibilidade descoberta para o uso de drogas corrobora o pensamento de Birman (2001) que percebe esse uso, na sociedade contemporânea, atrelado mais freqüentemente à necessidade de evitamento da dor e do sofrimento, do que a um sentido de busca de novos horizontes existenciais. Assim, quando esses jovens se referem ao uso de drogas para ficar “louco”, “doidão”, essa experiência não tem a conotação de contestação ou protesto contra uma vida sem brilho (Paiva in Bucher, 1988). Até para aqueles que revelaram a vontade de experimentar maconha, esse uso fica vinculado à possibilidade de distanciamento do mundo em que vivem, e não como possibilidade mais criativa e livre dentro de um processo de busca de novos significados para as experiências vividas, como verificado em uma pesquisa realizada por Macrae e Simões (2000) com camadas médias urbanas.¹⁶ Os jovens deste estudo aparecem muito mais submetidos a um processo circunstancial, mais como vítimas do envolvimento com drogas, do que ativos na procura de experiências novas. Segundo o depoimento dos jovens, a solidão e a necessidade de pertencimento também favorecem esse envolvimento: “Quando a pessoa está muito solitária, ela vai preocupar se enturmar com pessoas que usa drogas”.

¹⁵ O *Ser-aí* é lançado em um mundo que não escolhe, encontrando aí opções a partir das quais vai definir-se. Isso quer dizer que o ser humano não tem o poder de se escolher completamente, pois as opções que vai encontrar não são decididas por ele mesmo. O homem só pode ser, portanto, a partir daquilo que é aberto em seu mundo, isto é, que aparece na abertura que constitui o seu mundo. (Cf. Heidegger, *Ser e Tempo*, § 38.)

¹⁶ Os entrevistados desta pesquisa referem que a maconha aguça a criatividade, solta a imaginação, acentua a percepção e contribui para o “autoconhecimento”.

Em sua ontologia fundamental, o que Heidegger descreve como impropriedade,¹⁷ facticidade e estar-lançado refere-se também ao fenômeno chamado “queda no mundo”. Cair no mundo faz parte da constituição existencial do *Ser-aí*. Na queda, o *Ser-aí* será lançado no falatório, na avidez de novidades e na compreensão ambígua do mundo público. O fenômeno da queda no mundo se constitui como uma espécie de “pacto coletivo”, que permite ao *Ser-aí* experimentar certo abrigo e tranqüilidade em relação à sua apreensão mais originária de si próprio: a angústia.¹⁸ Se considerarmos que, do ponto de vista ontológico, a queda no mundo pacifica a inquietação originária da angústia,¹⁹ com a indeterminação do estar-lançado, ao olharmos para a experiência ôntica desses jovens, os veremos caídos em um mundo cujas ameaças não favorecem a experiência de abrigo e tranqüilidade. De acordo com suas colocações, para as pessoas que vivem na periferia e encontram-se muitas vezes privadas das condições mínimas de subsistência, as drogas podem vir ao encontro das necessidades de aliviar pressões do dia-a-dia, ou mesmo ser fonte de lucro, quando comercializadas. É importante lembrar-se de que, no contexto do tráfico, o envolvimento com as drogas se apresenta como uma possibilidade de trabalho “fácil” para esses jovens, que já conhecem as dificuldades para conseguir um “bom trabalho”: “O jovem vai batalhando, pra... conseguir arrumar um emprego... Ou ele vai pelo caminho mais fácil que é roubar... vai querer roubar e aí vai começar a usar droga... aí cai nesse mundo”.

Sabemos que as condições sociais e econômicas de certa população não determina o surgimento do fenômeno do uso de maconha. Entretanto, para compreendermos a fisionomia, a particularidade desse fenômeno, vimos a necessidade de levar em conta a situação em que ele se dá. Recordo-me da estranheza de minhas primeiras visitas àquela região e da necessidade de me abrir para o mundo que se apresentava como horizonte desta pesquisa, para poder apreender o sentido descoberto por esses jovens para o uso de maconha,

¹⁷ O convívio humano é largamente determinado pelo modo de existir impróprio, no qual, de início, nos esquecemos do mais próprio de nós mesmos. (Cf. Heidegger, *Ser e Tempo*, § 27.)

¹⁸ Cf. Heidegger, *Ser e Tempo*, § 38.

¹⁹ Disposição fundamental do existir humano.

no contexto em que vivem. Lembremo-nos de que com o pensamento heideggeriano, o paradigma ocidental sujeito/objeto foi substituído por um novo paradigma: ser-no-mundo. Ser-no-mundo constitui a estrutura fundamental da existência e indica o modo do homem situar-se no mundo, retirando-o da condição de mero objeto que se encontra dentro do mundo ou de um sujeito sem mundo, que tenta construir as pontes para este. “A existência como ser-no-mundo está, pelo contrário, sempre junto das coisas.” (Pöggeler, 2001, p. 56) Heidegger vai nos mostrar, fenomenologicamente, que não entramos em relação, mas, sim, somos relação com entes.²⁰ Assim, considera-se que as características do local onde esses jovens moram, bem como a condição de suas vidas, repercutem significativamente no modo como compreendem o uso de maconha: “por morar no subúrbio, ele (o jovem) vê muita coisa que não queria ver.... onde eles moram tem muita violência...” ‘lá perto da minha casa também tem uma bocada”.

As restrições econômicas, a proximidade com o tráfico e a ausência de recursos da comunidade, que poderiam garantir a satisfação das necessidades juvenis, limitam as possibilidades dos jovens de fazer escolhas. Essa limitação de escolhas faz que eles se percebam sempre entre dois caminhos: o “certo”, do estudo e do trabalho e o “errado”, das drogas. Com uma visão maniqueísta, encontram dificuldade para perceber qualquer outro sentido para o uso de maconha que não o de algo ligado puramente à necessidade de fugir de problemas, esconder-se de si próprio etc.: “Imaginava que eu tinha que usar pra melhorar meu problema, eu ia esquecer por uns minutos”. Eles tentam estabelecer uma diferenciação entre a necessidade de usar e o desejo. Afirmam que as pessoas pobres usam maconha por necessidade, já os ricos por escolha; para eles, somente as pessoas famosas, com algum reconhecimento social, poderiam encontrar um espaço maior de liberdade para o uso de maconha e, nesse sentido, desejá-la. No entanto, na experiência desses jovens, que vivem na periferia, esse uso não é considerado uma alternativa desejada, uma escolha, mas algo que os atravessa, que os ilude e engana, pois só faz aliviar as dificuldades cotidianas

²⁰ A noção de ser-no-mundo harmoniza-se com a de existência, pois o ser humano não se define por uma interioridade cheia de propriedades e sim por estar fora — no mundo — como entendimento do que lhe vem ao encontro. (Cf. Heidegger, *Ser e Tempo*, § 12.)

imediatas, e representa um grande perigo: “Não tem como viver em paz nesse mundo das drogas”. Impressiona a clareza que esses jovens têm da condição em que se encontram comparativamente aos jovens de classe média. Diante das necessidades, restrições e limites, a proximidade do mundo das drogas torna-se ameaça constante. Ao considerarem as diferenças sociais, encontram dificuldade para compreender como estes que possuem melhores oportunidades na vida acabam se envolvendo com drogas. Nessas colocações, pode-se pensar que, na percepção dos participantes, a maior gama de possibilidades para realizações de projetos existenciais poderia proteger os jovens das “tentações” das drogas.

Carneiro Leão (1989) propõe uma reflexão para desvelar o sentido das drogas entre os jovens. Segundo esse autor, a época que vivemos atualmente, pode ser definida como a época da técnica, do consumo, do poder e do controle. Para ele, no contexto da sociedade tecnológica, o jovem não tem vez e, muitas vezes, não encontra espaço para a expansão de suas possibilidades de futuro. Carneiro Leão acredita que é justamente na tentativa de dinamização de um projeto de futuro, pela contestação do que é estabelecido, que podemos compreender o uso de drogas. Assim, o autor fala em duas possibilidades de compreensão para o sentido desse uso. A primeira delas diz respeito à tendência dos jovens de desejar expandir suas possibilidades por meio da busca por experiências que favoreçam a modificação do que lhes é apresentado seja pela sociedade, família ou pelas suas próprias experiências cotidianas. O uso de drogas seria, então, uma dessas experiências, um meio de ampliação do horizonte existencial. Contudo, a segunda compreensão revela que essa busca é arriscada, pois pode acabar aprisionando os jovens na ilusão de controle e domínio sobre as próprias experiências, o que seria, em última análise, uma tentativa de garantir-se perante as incertezas do futuro.

Pode-se dizer que a compreensão colocada anteriormente mostra-se parcialmente em consonância com as observações até aqui apresentadas. Considerando o que se revelou na fala dos participantes desta pesquisa, jovens moradores da periferia de São Paulo, não é possível afirmar que o uso de maconha se dá dentro de um projeto de expansão de possibilidades e ampliação

de horizonte existencial, como propõe a análise de Carneiro Leão, uma vez que, no mundo em que vivem, esta é apreendida como potencialmente destrutiva. Entretanto, percebemos que, na compreensão desses jovens, é justamente nessa relação incerta com o futuro que a droga pode se colocar como caminho aparentemente mais fácil, como aquilo que os distrai dos problemas cotidianos, aquietando as preocupações com a vida: “Ela ficava doidona e isso era um modo de desfazer dos problemas... esquecer um pouco de sua vida real”.

Para esses jovens, não resta dúvida quanto aos riscos presentes no uso de drogas. Estas parecem ser tão ameaçadoras como a abertura para o futuro. Se o caminho em direção ao futuro não é certo²¹ — “ninguém sabe do futuro” — o que lhes é proposto pelo envolvimento com as drogas também não é tranquilo: “Eles já sabem que têm duas opções: ou a cadeia, ou o cemitério”. Visto de modo extremado, remete a uma destinação desfavorável. Na visão dos participantes, as drogas viciam, enlouquecem, comprometem as relações com os outros, podendo trazer uma série de sofrimentos. Mesmo o que poderia ser atraente na maconha, como em alguns momentos os jovens parecem vislumbrar: “As pessoas fumam com tanto gosto que...”, logo em seguida, eles procuram afastar essa idéia e descrevem essa atração como algo enganoso, como uma experiência que limita e restringe as possibilidades de relacionamento com o mundo: “Ela domina seu cérebro... ela te domina, ela hipnotiza... você fica tipo sobre o domínio dela... como se ele tivesse amarrado, algemado e não consegue se soltar”.

As drogas limitam, mas para aquele que faz uso, não há limites. A questão da limitação e des-limitação relacionada ao uso de drogas é percebida pelos jovens desta maneira: se, de um lado, a existência de quem faz uso de drogas fica limitada em uma experiência de restrição que, aos olhos deles, parece irreversível, do outro, aquele que usa não conhece os limites, nada pode detê-lo senão a cadeia ou, quem sabe, a morte.

A compreensão que os adolescentes têm das drogas, em geral, e da maconha, em particular, pode ser considerada como um alerta que os ajuda a se protegerem do forte apelo que as drogas lhes fazem. Esses jovens contam que se

²¹ O ser humano é lançado em possibilidades.

sentem atraídos e convocados por forças opostas: “É como se ele fosse um ímã”. O caminho das drogas, em alguns momentos, pode tornar-se tentador: “Vários amigos que já tão envolvido nisso, começa a falar de usar drogas que vai ajudar ele”.

Por vezes, o discurso é ambíguo e ambivalente em relação ao uso de drogas. Estas aparecem como o “fruto proibido”, a “sereia encantada”, exercendo fascínio e ameaça sob os jovens. Eles revelam curiosidade e interesse por algo que, através do uso, imaginam que poderiam experimentar. Entretanto, estão cientes dos perigos concretos que ela representa. A indecisão em relação à vontade de usar se justifica, de um lado, pelas promessas de alívio das pressões da vida e desejo de pertencimento e, do outro, pelo medo de envolvimento com o crime e comprometimento do futuro. A experiência com as drogas pode ser “contagiosa” e, assim, conduzir a uma situação contrária à desejada. Diante disso, vêem a necessidade de se prevenir. Para proteger-se das drogas, os jovens assumem uma postura rígida e reproduzem um discurso construído a partir de uma oposição radical a elas. Nesse sentido, vigora o pensamento comum da maconha estritamente como uma droga, uma coisa ruim: “O nome já diz, é uma droga”.

As drogas, como revelam os relatos, apresentam-se constantemente para eles: “Na minha rua todo mundo fuma... ‘drogas e jovens estão andando juntos””. Para eles, predomina a idéia da droga como um mal, e o mal é absolutamente colocado na droga, que, compreendida de modo cristalizado, apresenta “poderes destrutivos” e torna-se “capaz” de gerar prejuízos irreversíveis. O uso de drogas tem um caráter epidêmico ou, quem sabe, endêmico, permanecendo, para os jovens, o medo do contágio. Com esses pensamentos, parecem eximir-se da responsabilidade de lidar com seus anseios, curiosidades e fantasias. Acreditam que dizendo não às drogas estarão imunes à sua força desagregadora. Essa postura, como vemos, tem, para os entrevistados, a função de mantê-los afastados das drogas, indica a dificuldade que sentem de dar conta dessa questão e revela, também, uma ausência de mobilidade que pode não favorecer o confronto com suas inseguranças e possibilidades criativas.

Segundo Heidegger, o homem vive no impessoal e permanece protegido pelo modo público de agir e de pensar. O impessoal tira o encargo de ter de ser do *Ser-aí* e é, portanto, um alívio da pesada e dolorosa carga que é a facticidade humana. Assim, vivendo sob o imperativo do como se vive, o homem garante seu assentamento no mundo e suaviza o peso da tarefa de ter de ser.²² Na maior parte do tempo, a fala desses jovens se sustenta em um discurso impessoal, que, conforme foi mencionado anteriormente, parece ter a função de protegê-los do confronto com o chamado mundo das drogas. Percebemos que a possibilidade de compreensão que eles têm da maconha, bem como as possibilidades que eles vêm para o seu uso, dá-se em um espaço bastante reduzido de significações, e a primeira camada apresentada revela a maconha diluída no mundo das drogas ilícitas e, como tal, alienante e destrutiva: “Só leva para um caminho ruim, como viciar, só nos levam a morte”.

Diferente do uso de bebidas alcoólicas que, conforme a fala dos jovens, parece ser bem mais tolerável para eles, a visão pública do uso de maconha é negativa. A mídia exerce influência sobre o modo como pensam e falam sobre a questão, contribuindo para a construção de uma visão pouco crítica e, nesse sentido, de um pré-conceito. No entanto, independente do discurso público, não se pode deixar de pensar que, no local onde vivem, o que se apresenta para eles como resultado do envolvimento com a maconha, de fato, traduz-se em uma experiência indesejável, fazendo surgir, portanto, esse “pós-conceito”. Mesmo com o imenso volume de informações que os jovens têm, seja através do discurso jornalístico ou não, as condições que eles encontram para lidar com as ameaças apresentadas pelas drogas parecem pouco efetivas para se sentirem protegidos. A maconha, associada ao tráfico, é algo que pode engolir o jovem e, como vimos, ante a isso, ele se sente extremamente frágil: “Faz de conta, você pega o moleque que vende maconha, aí ele vai num cara que compra maconha e com o dinheiro do cara, ele compra uma arma pra matar outra pessoa, tá associado ao crime”.

Durante o processo de entrevistas foi possível perceber que a vida cotidiana desses jovens mostra-se marcada por uma carência de recursos que

²² Cf. Heidegger, *Ser e Tempo*, § 27.

limita suas possibilidades de escolhas. Como se a necessidade de lutar pela sobrevivência abafasse a possibilidade de sonhar. Esses jovens lutam contra algumas dificuldades, esperando que nada lhes desvie de um destino pouco criativo. O futuro que se abre para eles não parece revelar muitas perspectivas e caminhos atraentes a serem trilhados. Lembro-me do meu percurso, quando desejava chegar até aquela escola e, com essa lembrança, faço uma analogia: nossos jovens vivem na periferia da cidade e, de algum modo, da vida. Em um lugar difícil de ser localizado no mapa, difícil de chegar e, conseqüentemente, de sair. O caminho é longo e para aquele que o percorre fica a ameaça de se perder, caso não tenha alguma familiaridade que lhe dê segurança. No horizonte, os contornos da serra e o aglomerado urbano delimitam o cenário, definem a paisagem e dificultam o acesso. Nesse mundo, o horizonte mostra-se encurtado, as histórias tendem a se repetir e parecem anunciar um destino já “definido” por certos limites. Para esses jovens, se impõe o desafio de “aprender a voar” escolhendo caminhos mais criativos para realização de suas existências.

Conforme colocado anteriormente, ao caminhar no desenvolvimento das atividades com os jovens e passar do trabalho coletivo com a classe à constituição do grupo menor, o espaço de intimidade favoreceu o surgimento de novas considerações sobre a maconha, possibilitando ao grupo ampliar a reflexão que vinha sendo desenvolvida. A percepção de que existem pessoas que fazem uso de maconha e conseguem manter a vida preservada das ameaças que os assombram fez surgir a possibilidade de um usuário mais livre: “**Tem gente que trabalha, sua, dá o pão de cada dia pro seus filhos e consomem**”.

A colocação de alguns participantes da vontade de usar maconha ou daquela que já havia experimentado pôde favorecer a integração de uma situação ou experiência com a qual eles acabam se deparando constantemente, mas que raramente encontram espaço para reflexão. A maconha é aproximada a partir da explicitação do desejo dos que ousaram falar e foram acolhidos e respeitados pelo grupo. Nesse momento, parece ter havido uma quebra no discurso engendrado pela insegurança, que vinha revelando, principalmente, os perigos das drogas, e

aparecido uma curiosidade típica dos adolescentes: “Curiosidade de saber como que é ... o sabor da droga”.

Essa curiosidade é sustentada por idéias fantasiadas de que a maconha, com seus efeitos estimulantes, poderia dar poderes ao usuário, como insensibilidade a dor, energia e força, aumentando sua capacidade humana: “Tem pessoas que vai trabalhar de manhã cedo e usa droga pra ficar mais acordado mais desperto... ‘eu tenho colega que usa droga quando vai jogar futebol ninguém segura ele, ele dá uma bicuda e não dói nele””. Assim, além de ser revelada como algo que favorece a supressão ou afastamento dos problemas, é ainda apresentada como um aditivo que pode ser fascinante, para trazer mais força e vigor.

Algumas situações que envolvem o uso de maconha entre pessoas famosas e bem-sucedidas, como jogadores de futebol e músicos, mostram que esse uso acontece, também, entre aqueles que ocupam um lugar de destaque na sociedade. Mesmo percebendo que, às vezes, alguns ídolos acabaram tendo problemas pelo uso de drogas, na visão desses jovens essas pessoas teriam mais condições de re-estruturação da vida, após entrar em contato com as drogas, do que seus conhecidos da periferia.

Durante o percurso dessa reflexão, a percepção que os jovens têm da vida, assim como os aspectos tentador e terrível da maconha, pôde ser examinada à luz do enfoque fenomenológico existencial, levando em conta as peculiaridades do que, de acordo com esse olhar, significa ser **Humano**. A ontologia heideggeriana nos deu elementos para pensar, o que, na condição humana, possibilita a relação do homem com as drogas. Procurou-se expor, de maneira bastante sintética, as bases para a compreensão da concepção de homem que orienta este estudo. Desse modo, vê-se que a existência humana não possui uma essência que a defina, o homem carrega consigo a indeterminação de “ser” um poder-ser em um mundo. Diz Critelli (1996):

A plena determinação é algo que não faz sentido para o modo de ser humano.... A experiência humana da vida é, originariamente, a

experiência da fluidez constante, da mutabilidade, da inospitabilidade do mundo, da liberdade. (p. 19).

O homem responde aos apelos do mundo, projetando-se no futuro para alcançar possibilidades ainda não realizadas. Lançado em direção ao que ainda não é, percebe-se como ser finito, transitório e fadado a cuidar de ser:

O homem, assim, é um ente obrigado, condenado a cuidar do seu ser, de tornar-se. Sua única alternativa é a de dirigir-se ao cuidado de si mesmo, cíclica e inescapavelmente. (Critelli, 1988, p. 67).

Enquanto abertura, poder-ser, estamos diante de um homem que carrega em seu ser a marca da liberdade de vir a ser. O homem é livre para ser quem ele pode ser, mas, no entanto, é incapaz de escapar do fato de ser sempre uma questão para si mesmo, o que provoca angústia em relação ao seu próprio existir. Nas palavras de Critelli (1996): “Ser, para o homem é um problema, algo em litígio e a ser resolvido para diante, sempre” (p. 48). Nessa medida, somente para o homem faz sentido o desejo de querer esquecer de si, de tentar, sem êxito, eximir-se da responsabilidade do cuidado, de buscar experiências que alterem sua vivência de mundo. Aí, como apontaram nossos entrevistados, o uso de drogas pode surgir como uma possibilidade e, assim, ser compreendido “enquanto um fenômeno humano, como uma resposta a própria condição, uma atitude diante da vida, um modo de cuidado” (Vianna, 2005, p. 230).

Neste trabalho, procurou-se focar a compreensão que os jovens, que vivem na periferia de São Paulo, têm do uso da maconha. Como foi apresentado, de acordo com a análise existencial, nunca um ente é apenas uma “coisa” em si, mas algo que se revela para alguém a partir de certa perspectiva. Considerando que a realidade é sempre maior que o conhecimento que se pode ter dela, haverá sempre aspectos daquela que permanecerão ocultos para aquele que a percebe. Dessa maneira, na medida em que alguns aspectos do fenômeno estudado puderam ser esclarecidos, outros se mantiveram encobertos. De qualquer forma, acredito que a proposta de pensar com os jovens sobre o uso de maconha no

mundo em que se encontram lançados favoreceu a exposição e reflexão de uma temática tão complexa quanto difícil de ser abordada.

Nesta pesquisa encontram-se alguns pontos importantes que aqui deseja-se enfatizar a seguir:

No mundo desses jovens da periferia, as fronteiras entre maconha e drogas, usuário e traficante, tráfico e crime de morte praticamente não existem, não há espaço para discriminações sutis, uma vez que a problemática das drogas é vivida em sua radicalidade. Assim o “mundo das drogas” reúne a carga maciça da ameaça.

O uso de maconha representa para esses jovens um risco muito grande, uma oposição ao desejo de sonhar. Apesar de apresentar-se como possibilidade de sedação e fuga do duplo desamparo a que estão expostos pode prejudicar seus projetos.

Mesmo quando percebem que o uso de maconha tem algum fascínio, eles têm a percepção clara de que diante dos desafios impostos pela condição de vida que se encontram, esse uso só faz dificultar o caminho na direção da realização de seus sonhos.

Ante a proximidade das drogas no mundo desses jovens, se impõe para eles a redobrada tarefa de cuidarem da própria vida.

A diferenciação entre a necessidade de usar maconha e o desejo é outro ponto que merece destaque. Para eles, perante as precariedades da vida na periferia, não é dado ao jovem a possibilidade de escolher usar maconha pelo desejo de obtenção de prazer. As dificuldades vividas são tão marcantes que o uso de maconha fica associado à necessidade de anestesia do desespero. E aí, não há espaço para o desejo.

A situação de pesquisa, ao longo do processo, configurou-se como momentos férteis de diálogos, que confirmam a possibilidade de utilização de um procedimento de coletas dos dados que tem como característica a reflexão contínua e indica uma proposta de intervenção psicoeducativa com os participantes da pesquisa.

Esta investigação é um esforço inicial no sentido de compreender como o fenômeno do uso da maconha mostra-se para uma população específica. Assim, a escolha dos participantes desta pesquisa não se pautou por um critério de representatividade da população jovem como um todo nem tampouco os dados obtidos são passíveis de generalizações. Buscou-se mostrar que, compreendida a partir de determinado mundo, a maconha possui certo significado e este permeia a relação do jovem com a droga. No caso, a maconha, o “mundo das drogas”, como vimos, tudo isso é apreendido na perspectiva da ameaça. Nesse horizonte, a violência associada ao crime assume formas extremadas e nossos entrevistados mostraram-se assustados. Acredita-se que a preocupação presente neste estudo — fazer uma delimitação do horizonte de manifestação da experiência com a maconha — indica uma possibilidade de investigação que pode ser aplicada e adaptada para outros estudos sobre a temática das drogas, tendo como fundamento a necessidade de situar o fenômeno e incluir no processo de construção do saber aqueles que mais diretamente estão envolvidos com a questão. Somente dessa forma podemos caminhar no aprofundamento de nossa compreensão e refletir sobre as estratégias para lidar com o fenômeno do uso de drogas.

Esse fenômeno, conforme mencionado na introdução do trabalho, vem sendo fruto de preocupações e alarde nas famílias, escolas e comunidades e, portanto, demanda uma contínua atenção. Os apontamentos desta pesquisa indicam a necessidade de refletirmos sobre as bases nas quais vêm sendo estruturadas as campanhas de prevenção às drogas no ambiente escolar, uma vez que estas parecem ineficazes quando não levam em conta a “realidade” dos consumidores, o contexto do uso e os significados desse uso. Diante disso, fica a sugestão de que, primeiramente, qualquer proposta preventiva deve ser elaborada, considerando sempre um público-alvo bastante específico e suas necessidades. Também, devem ser redefinidas as ações, já bastante viciadas, principalmente no que se refere às ações informativas e amedrontadoras, pois, como pudemos perceber, com as informações e as ameaças, esses jovens já se encontram bastante familiarizados.

A partir daqui, somos convidados a rumar na direção do aprofundamento desta discussão. Entretanto, isso já se configura como outra tarefa que requer uma reflexão sistemática sobre o sentido das ações preventivas e das campanhas de prevenção.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADIALA, J.C. O problema da maconha no Brasil: ensaio sobre o racismo e drogas. *Rev. Inst. Universitário de Pesq. do Rio de Janeiro*, n. 52, 1986. (Série Estudos)

ALMEIDA, L.R. *O projeto noturno: incursões no vivido por educadores e alunos de escolas públicas paulistas que tentaram um jeito novo de caminhar*. São Paulo, 1992. Tese (Doutorado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

BARROS, R. et al. Avaliação dos efeitos da maconha por usuários de população estudantil. *Rev. Ciência e Cultura*, v. 41, n. 7, 1989.

BAUS, J., KUPEK, E., PIRES, M. Prevalência e fatores de risco relacionados ao uso de drogas entre escolares. In: *Rev. Saúde Pública*, v. 36, n. 1, 2002.

BIRMAN, J. *Mal-estar na atualidade. A psicanálise e as novas formas de subjetivação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

CARLINI, E.A. Maconha (*Cannabis sativa*): mito e realidade, fatos e fantasias. *Rev. Med. e Cult.*, v. 36, n. 1, 2, 3, 1981.

CARLINI, E.A., GALDUROZ, J.C.F. & NOTO, A.R – Maconha: uma avaliação da situação brasileira através de quatro parâmetros epidemiológicos. *Rev. ABP-APAL*, v. 17, n.4, 1995.

CARLINI, E.A., GALDUROZ, J.C.F., NOTO, A.R & NAPPO, - Levantamento domiciliar sobre uso de drogas psicotrópicas no Brasil: estudo envolvendo as 107 maiores cidades do país, 2001. São Paulo: Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) e Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas (Cebid), 2002.

CARLINI-COTRIM, B. *A escola e as drogas: realidade brasileira e contexto internacional*. São Paulo, 1992. Tese (Doutorado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

CARLINI-COTRIM, B.; CARLINI, E.A. O consumo de solventes e outras drogas em crianças e adolescentes de baixa renda na Grande São Paulo. Parte II: meninos de rua e menores internados. *Rev. ABP-APAL*, v. 9, n. 2, 1987.

CARNEIRO LEÃO, E. Juventude e tóxico. In: *Aprendendo a pensar*. Petrópolis: Vozes, 1989.

CRITELLI, D. O Des-enraizamento da Existência. In: *Vida e Morte – ensaios fenomenológicos*. São Paulo: Companhia Ilimitada, 1988.

CRITELLI, D. *Analítica do Sentido*. São Paulo: Educ, 1996.

DÓRIA, R. Os fumadores de maconha: efeitos e males do vício. In: HENMAN, A.; PESSOA, O. (Orgs.). *Diamba Sarambada*. São Paulo: Ground, 1986.

FERRARI, A. A. *Fatores de risco para transtornos decorrentes do uso de substâncias psicoativas em adolescentes*. São Paulo, 2001. Tese (Doutorado). Universidade Federal de São Paulo.

FREIRE, C. E. C. *O Tempo da adolescência*. Palestra proferida no encontro Trajetória Humana. São Paulo, 1993. (mimeo)

GALDUROZ, J. C. F., NOTO, A.R & CARLINI, E.A. Tendências do uso de drogas no Brasil: síntese dos resultados obtidos sobre o uso de drogas entre estudantes de 1º e 2º graus em 10 capitais brasileiras (1987, 1989, 1993, 1997). São Paulo: Departamento de Psicobiologia, Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) e Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas (Cebrid), 1998.

GUIMARÃES, J. L. R. et al. Consumo de drogas psicoativas por adolescentes escolares de Assis, SP. In: *Rev. Saúde Pública*, v. 38, n. 1, 2004.

HEIDEGGER, M. [1927]. *Ser e Tempo*, 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

HEIDEGGER, M. [1987]. *Seminários de Zollikon*. São Paulo: Educ & ABD; Petrópolis: Vozes/ , 2001.

HENMAN, A. A guerra às drogas é uma guerra etnocida. In: HENMAN, A.; PESSOA, O. (Orgs.). *Diamba Sarambanda*. São Paulo: Ground, 1986.

HERMANN, N. *Hermenêutica e Educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

IGLÉSIAS, F. A. Sobre o vício da diamba. In: HENMAN, A.; PESSOA, O. (Orgs.). *Diamba Sarambanda*. São Paulo: Ground, 1986.

KARNIOL, I. Cannabis sativa e derivados. In: SEIBEL, S.; TOSCANO, A. (Orgs.). *Dependência de drogas*. São Paulo: Atheneu, 2001.

LOUREIRO, C. ; VIANNA, F. C. Sobre a Experiência de Morte no Fenômeno das Dependências. In: SILVEIRA, D. X.; MOREIRA, F. (Orgs.). *Panorama Atual de Drogas e Dependências*. São Paulo: Atheneu, 2005.

MACRAE, E. A antropologia e o uso de drogas — a questão da maconha. In: *Temas Imesc*, v. 3, n. 2, 1986.

MACRAE, E.; SIMÕES, J. *Rodas de Fumo: o uso da maconha entre camadas médias urbanas*. Salvador: Edufba, 2000.

MARTINS, J.; BICUDO, M. A. *A Pesquisa Qualitativa em Psicologia*. São Paulo: Moraes, 1994.

MORENO, G. Aspectos do maconhismo em Sergipe. In: HENMAN, A.; PESSOA, O. (Orgs.). *Diamba Sarambada*, São Paulo: Ground, 1986.

MOTT, L. A Maconha na História do Brasil. In: HENMAN, A.; PESSOA, O. (Orgs.). *Diamba Sarambada*. São Paulo, Ground, 1986.

MOUNTIAN, I. *Drug Misuse and the Perspective of Future* Masters degree. Inglaterra: Manchester Metropolitan University, 1999.

MUZZA, G. et al. Consumo de substâncias psicoativas por adolescentes escolares de Ribeirão Preto, SP (Brasil). I — Prevalência do consumo por sexo, idade e tipo de substância. In: *Rev. Saúde Pública*, v. 31, n. 1, 1997.

NOTO, A. R.; MOREIRA, F. Prevenção ao uso indevido de drogas: conceitos básicos e sua aplicação na realidade brasileira. In: SILVEIRA, D. X.; MOREIRA, F. (Orgs.). *Panorama Atual de Drogas e Dependências*. São Paulo: Atheneu, 2005.

PAIVA, C. Motivações para o uso de drogas. In: BUCHER, R. (Org). *As Drogas e a Vida*. São Paulo: EPU, 1988.

PESSANHA, J. *Ignorância do Sempre*. Cotia: Ateliê Editorial, 2000.

PESSOA, O. A liberação da maconha no Brasil. In: HENMAN, A.; PESSOA, O. (Orgs.). *Diamba Sarambada*. São Paulo: Ground, 1986.

PÖGELLER, O. *A Via do Pensamento de Martin Heidegger*. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.

POMPÉIA, J. A. O Tempo da Maturidade. In: *Revista da Associação Brasileira de Daseinsanalyse*, n. 9, 2000.

REY, J. et al. Mental health of teenagers who use Cannabis. In: *British Journal of Psychiatry*, 2002.

ROBINSON, R. *O Grande Livro da Cannabis*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

ROCCO, R. A Cannabis no Brasil. In.: ROBINSON, R. *O Grande Livro da Cannabis*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

RONCA, P. A. C. *Com-vivendo-com-a-maconha*. Campinas, 1985. Tese (Doutorado). Universidade Estadual de Campinas.

SCIVOLETTO, S. et al. Relação entre consumo de drogas e comportamento sexual de estudantes de 2º grau de São Paulo. In: *Rev. Bras. Psiquiatria*, v. 21, n. 2, 1999.

SILVEIRA, D. X. Uso indevido de drogas em escolas. In: SILVEIRA, D. X.; GORGULHO, M. (Orgs.). *Dependência — Compreensão e assistência às toxicomanias*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.

SOLDERA, M., DALGALARRONDO, P., CORRÊA FILHO, H. R., SILVA, C. Uso de drogas psicotrópicas por estudantes: prevalências e fatores sociais associados. In: *Rev. Saúde Pública*, v. 38, n. 2, 2004.

SOUZA, A. S. *O sentido das drogas para adolescentes em situação de rua*. São Paulo, 2001. Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

STEIN, E. *A questão do método na filosofia. Um estudo do modelo heideggeriano*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1973.

SZYMANSKI, H.; CURY, V. A pesquisa intervenção em psicologia da educação e clínica: pesquisa e prática psicológica. In: *Estudos de Psicologia*, v. 9, n. 2, 2004.

SZYMANSKI, H. (Org.). *A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva*. Brasília: Plano, 2002.

TAVARES, F., BERIA, J., LIMA, M. Prevalência do uso de drogas e desempenho escolar entre adolescentes. In: *Rev. Saúde Pública*, v. 35, n. 2, 2001.

TORON, A. Depoimento à edição Brasileira In: ROBINSON, R. *O Grande Livro da Cannabis*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

TOTUGUI, M. L. Visão histórica e antropológica do consumo de drogas. In: BUCHER, R. (Org.). *As Drogas e a Vida*. São Paulo: EPU, 1988.

VATTIMO, G. *Introdução a Heidegger*. Rio de Janeiro: Edições 70, 1987.

VELHO, G. A dimensão cultural e política dos mundos das drogas. In: ZALUAR, A. (Org.). *Drogas e Cidadania*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1999.

VIANNA, F. C. Psicoterapia: um enfoque fenomenológico-existencial. In: SILVEIRA, D. X.; MOREIRA, F. (Orgs.). *Panorama Atual de Drogas e Dependências*. São Paulo: Atheneu, 2005.

VIANNA, F. C.; SIPAHI, F. A Dependência de Drogas e a Fenomenologia Existencial. In: *Revista da Associação Brasileira de Daseinsanalyse*, n. 11, 2002.

WEISER, K.S., WEISER, M, DAVIDSON, M. Uso de maconha na adolescência e risco de esquizofrenia. In: *Rev. Bras. Psiquiatria*, v. 25, n. 3, 2003.

WITTON, J.; MURRAY, R. Loucura do baseado — revisitada: maconha e psicose. In: *Rev. Bras. Psiquiatria*, v. 26, n. 1, 2004.

ANEXO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**I – IDENTIFICAÇÃO DO RESPONSÁVEL**

NOME: _____

FUNÇÃO: _____ DOC.DE IDENTIDADE Nº. _____

DATA DE NASCIMENTO. ____/____/____

ESCOLA: _____

ENDEREÇO: _____

BAIRRO: _____ CIDADE: _____

CEP: _____ TELEFONE: _____

II - DADOS SOBRE A PESQUISA CIENTÍFICA

TÍTULO DA PESQUISA: Histórias da periferia: a maconha no mundo de jovens estudantes de uma escola pública na periferia da cidade de São Paulo - uma análise fenomenológica.

PESQUISADORES RESPONSÁVEIS: Profa. Dra. Heloisa Szymanski e Fernanda de Camargo Vianna

CARGO/FUNÇÃO: Profa. do Programa de Estudos pós-graduados em Psicologia da Educação; Aluna do Programa de Estudos pós graduados em Psicologia da Educação

AValiação DO RISCO DA PESQUISA: sem risco (probabilidade que o indivíduo sofre algum dano como consequência imediata ou tardia do estudo)

--

III –EXPLICAÇÕES DO PESQUISADOR SOBRE A PESQUISA

Esta pesquisa tem como objetivo refletir sobre o sentido do fenômeno do consumo de maconha no mundo dos jovens. O trabalho poderá auxiliar na compreensão da relação entre os jovens e a maconha contribuindo para a elaboração de estratégias para lidar com a questão. A participação não é obrigatória. Entretanto, seus relatos são de extrema importância para o desenvolvimento do conhecimento no âmbito da Psicologia da Educação. Fica garantido aos sujeitos da pesquisa a confidencialidade, a privacidade e o sigilo das informações obtidas. Os resultados deste estudo poderão ser publicados em artigos e/ou livros científicos ou apresentados em congressos profissionais, mas informações pessoais que possam identificar o indivíduo ou a escola serão mantidas em sigilo.

IV – ESCLARECIMENTOS DADOS PELO PESQUISADOR SOBRE GARANTIAS AO PARTICIPANTE

Ficam garantidas aos sujeitos da pesquisa:

1. O acesso, a qualquer tempo, a informações sobre procedimentos, riscos e benefícios relacionados à pesquisa, inclusive para dirimir eventuais dúvidas.
2. A salvaguarda da confidencialidade, sigilo e privacidade.
3. O direito de retirar-se da pesquisa no momento em que desejar.

V – INFORMAÇÕES DE NOME, ENDEREÇOS E TELEFONES DOS RESPONSÁVEIS PELO ACOMPANHAMENTO DA PESQUISA, PARA CONTATO EM CASO DE DÚVIDAS

Profa. Dra. Heloisa Szymanski e Fernanda de Camargo Vianna
Programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia da Educação – PUCSP
Rua Monte Alegre, 964 – Perdizes – São Paulo – Fone: (11) 3670-8527

VI – CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu compreendo os direitos dos participantes de pesquisa e autorizo participação dos alunos nesta pesquisa como _____ dessa escola. Compreendo sobre o que, como e porquê este estudo está sendo feito. Receberei uma cópia assinada deste formulário de consentimento.

S.Paulo. / /

Participante da pesquisa ou
Representante legal.

Pesquisador